

25 festas depois

Uma vontade que se renova!

«Esta grande e incomparável festa de uma vontade transformadora que não desanima, festa de uma esperança que não desfalece, festa das convicções democráticas que não claudicam nem abdicam, festa dos valores e ideais comunistas que se renovam e



enriquecem mas não se rendem, festa da insubmissão e da verticalidade que jamais se deixarão humilhar e vergar, festa do Partido Comunista Português, há oitenta anos a fazer história e a construir futuro.

(Do discurso de Carlos Carvalhas no comício de encerramento da 25.ª Festa do Avante!)

Da 9.ª Sinfonia à 12.ª Corrida

Hino à cultura e ao povo



Mais de 50 mil pessoas ouviram e aplaudiram, sexta-feira à noite a interpretação da 9.ª Sinfonia de Beethoven, pela Orquestra Metropolitana de Lisboa, ponto alto da cimeira que reunia cultura e povo, em três dias irrepetíveis.

Condenação e alerta

Milhares de mortos nos EUA

O PCP condenou frontalmente os atentados terroristas de anteontem e expressou condolências aos familiares dos milhares de vítimas inocentes e ao povo americano. O Secretariado do Comité Central, numa primeira reacção, e a Comissão Política, ontem, alertaram para os perigos de agravamento da tensão internacional.

Pág. 40

Avante!
Proletários de todos os países
UNE-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.ª A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Gustavo Carneiro
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lígia Calapez
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 923 99 21
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)
PORTUGAL
(Contínente e Regiões
Autónomas)
50 números: 9 000\$00
25 números: 4 600\$00
EUROPA
50 números: 23 000\$00
EXTRA-EUROPA
50 números: 33 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
a acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



A CGTP reivindica um aumento de seis mil escudos para o salário mínimo nacional

Resumo

5 Quarta-feira

A CGTP reivindica um aumento de seis mil escudos para o salário mínimo nacional • Cerca de 150 trabalhadores das vidreiras Mandata e Mortensen, sediadas na Marinha Grande, deslocam-se a Lisboa para reclamar uma audiência com o ministro da Economia, Luís Braga da Cruz • A Fretilin garante a maioria absoluta nas eleições de Timor-Leste, com 57,37 por cento dos votos nacionais • O exército israelita ataca com mísseis antitanque a guarda do presidente Yasser Arafat, no norte da Faixa de Gaza.

6 Quinta-feira

A Comissão Central de Trabalhadores da Petrolgal analisa a possibilidade de instaurar um processo crime contra a administração da empresa; em causa está a consulta não autorizada das contas pessoais de e-mail dos trabalhadores • O responsável palestino Hani Al-Hassan chega a Lisboa para uma visita de 24 horas, durante a qual manterá contactos com dirigentes políticos e partidários portugueses • O procurador-geral do Peru acusa o ex-presidente peruano, Alberto Fujimori, pelo assassinato de 25 pessoas em 1991 e 1992 • Sérgio Vieira de Mello e Xanana Gusmão felicitam os partidos políticos e o povo timorense congratulando-se com o modo como o processo eleitoral decorreu em Timor Leste.

7 Sexta-feira

No discurso de abertura da 25.ª edição da Festa do Avante!, o secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, agradece aos milhares de voluntários que ajudaram a construir as várias edições da Festa • Dezenas de trabalhadores da vidreira Mortensen manifestam-se nas ruas da Marinha Grande, reclamando o pagamento de dois meses de salários em atraso e uma solução para o futuro da empresa • O Sindicato dos Professores da Região Centro exige que o Governo garanta «equilíbrio entre a formação inicial dos docentes e as necessidades do sistema» de modo a evitar o fenómeno de desemprego de massa que afecta a classe • Benazir Bhutto anuncia a intenção de conduzir o seu partido à vitória nas eleições gerais do próximo ano no Paquistão.

8 Sábado

Cinco organizações ambientalistas pedem ao presidente da Assembleia da República que exija do Grupo de Trabalho Médico uma explicação do seu parecer sobre a co-incineração • Termina a III Conferência Mundial contra o Racismo na cidade sul-africana de Durban • Martin McGuinness, principal negociador do Sinn Fein, considera que é

necessário «um milagre» para salvar o processo de paz na Irlanda • Sete palestinianos ficam feridos por disparos israelitas em Rafah, próximo da fronteira egípcia, no sul da Faixa de Gaza, segundo fontes da segurança palestiniana.

9 Domingo

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, encerra a Festa do Avante!, com um discurso marcado pelo Orçamento de Estado e pelas eleições autárquicas • Os eurodeputados Mário Soares, Ilda Figueiredo, Joaquim Miranda e Joaquim Vairinhos juntam-se à «Marcha Azul» contra o Plano Hidrológico espanhol, que reúne cerca de 12 mil manifestantes em Bruxelas • A proposta de conversações de paz entre o líder palestiniano Yasser Arafat, e o ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Shimon Peres, domina as atenções da Liga Árabe que reúne no Cairo • O líder político do Exército de Libertação Nacional dos Albaneses na Macedónia garante o «fim da guerra» e reitera que a guerrilha respeitará o acordo de paz assinado em Ohrid a 13 de Agosto.

10 Segunda-feira

A greve indeterminada dos operários da vidreira Mortensen, na Marinha Grande, poderá levar a encerramento da fábrica, se «não for encontrada nenhuma solução rápida», admite o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira • Os cinco comissários eleitorais independentes do sufrágio em Timor-Leste, anunciam oficialmente os 88 nomes que vão integrar a Assembleia Constituinte • O presidente chileno, Ricardo Lagos, inicia uma visita oficial de dois dias a Portugal, consagrada às relações bilaterais, à preparação da XI Cimeira Ibero-Americana e às negociações entre a União Europeia, Chile e Mercosul • A Universidade Nacional de Taiwan apresenta em Taipé um novo instrumento médico que permite estabelecer em meia hora o diagnóstico do cancro do pulmão, mama, boca e intestino.

11 Terça-feira

A Associação para a Defesa dos Filhos de Pais Separados acusa o Estado português de «violiar sistematicamente» os direitos do homem ao não reconhecer juridicamente a igualdade entre pais e mães • Cinco explosões abalam os Estados Unidos; o Word Trade Center, em Nova Iorque, o Pentágono, o Capitólio e o Departamento de Estado, em Washington • O Partido Trabalhista vence as eleições legislativas norueguesas • A Organização de defesa de liberdade de imprensa (RSF), com sede em Paris, está preocupada com «as ameaças proferidas pelo novo procurador geral da República da Guiné-Bissau contra os jornalistas» de uma rádio privada.

Constituinte toma posse no sábado

Eleições em Timor-Leste foram «livres e justas»

Os 88 membros que vão integrar a Assembleia Constituinte de Timor-Leste tomam posse no sábado. A nova Constituição deverá estar pronta dentro de três meses.

Os cinco comissários eleitorais independentes - três internacionais e dois timorenses - certificaram na segunda-feira os resultados do sufrágio de 30 de Agosto em Timor-Leste, confirmando que o processo foi «livre e justo». O anúncio foi feito durante uma cerimónia realizada no centro de imprensa, em Díli, marcada pela satisfação de a realidade ter contrariado os «profetas que auguraram desgraças», como afirmou o representante do secretário-geral da ONU e administrador do território, Sérgio Vieira de Mello.

Mari Alkatiri,
secretário-geral
da Fretilin,
dirige novo
governo

Felicitando a Frente de Libertação de Timor-Leste Independente (Fretilin), o partido vencedor, bem como os restantes 15 partidos que concorreram às eleições, Vieira de Mello congratulou-se pelos sinais que, na sua óptica, comprovam que «o estado da democracia em Timor-Leste é bastante saudável».

De acordo com os resultados oficiais, a Fretilin terá 56 lugares na Assembleia Constituinte (43 pelo círculo nacional, 12 pelo círculo distrital e um independente), o que lhe dá a maioria absoluta naquele órgão. Para a aprovação

da Constituição, no entanto, são necessários 60 dos 88 assentos da Constituinte - a maioria qualificada, à partida já garantida por um acordo entre a Fretilin e a Associação Social Democrata Timorense (ASDT), que elegeu seis deputados.

Quanto às restantes forças políticas, o recém-formado PD elegeu sete deputados; o PSD, seis; o PPT, o PDC, o KOTA, o PNT e a UDT garantiram dois lugares cada. Os restantes três assentos foram para o PST, o PL e a UDC/PDC. Votaram 384 251 eleitores pelo círculo nacional, sendo escrutinados 363 501 votos válidos e 20 694 inválidos.

Ainda no sábado, a seguir à tomada de posse dos deputados à Assembleia Constituinte, será apresentado o novo executivo de Timor-Leste, dirigido por Mari Alkatiri, secretário-geral da Fretilin.

Uma lição de civismo

Uma delegação da Assembleia da República, constituída por um deputado de cada um dos quatro maiores partidos, teve a honra e o privilégio de assistir às eleições para a Assembleia Constituinte em Timor-Leste, correspondendo ao convite para integrar as largas centenas de observadores internacionais, credenciados pela UNTAED, que presenciaram o acto.

Foi um momento histórico de elevado significado político. Os relatórios dos observadores de todo o mundo que cobriram a totalidade das mesas e presenciaram a contagem de todos os votos, atestaram unanimemente o elevado civismo do povo de Timor-Leste, a liberdade do sufrágio e a democracia que presidiu a todas as operações. É contudo necessário e justo afirmar que o civismo, a liberdade e a democracia assentam, antes de mais, na elevada consciência política do povo e na sua firme determinação de conquistar a liberdade e a independência.

Quem assistiu às eleições em Portugal em 25 de Abril de 1975, não estranhou a consciência dos delegados de mesa, a elevada participação com longas filas e até o convívio festivo das populações após a votação. Só que a participação implicou, neste caso, caminhadas de 4, 5 ou mesmo mais horas, alta madrugada, por caminhos da serra onde nem jeeps passam, por vezes com um filho ao colo e outros agarrados às saias, mas nos rostos, que passavam mais 5 ou 6 horas na fila ao sol do equador esperando a sua vez de votar, a determinação era superior ao cansaço.

A Fretilin, profundamente enraizada no povo, ao lado de quem esteve nas muitas horas más de resistência à ocupação Indonésia, teve uma vitória significativa, obtendo na Assembleia 56 dos 88 lugares, a grande distância do segundo partido com apenas 7 mandatos.

A votação é, sem dúvida, o resultado do trabalho e da maturidade da Fretilin, cujos dirigentes com serenidade e firmeza, souberam dar resposta adequada e oportuna às tentativas internas e externas de desvalorizar as eleições ou mesmo criar instabilidade no acto eleitoral. E o civismo é a tradução da elevada consciência política e do empenho em conquistar a independência e construir o seu Estado.

De nada adiantaram os boatos que previam distúrbios em preparação, nem os «conselhos» da comunidade internacional, de alguns ex-dirigentes e até de sectores (felizmente poucos) da Igreja para que votassem em políticos experientes e não em gente do povo e da resistência.

Agora, após as eleições, a Fretilin tem a maioria absoluta de deputados e em conjunto com a ASDT a maioria qualificada, mas não dispensa a ligação permanente ao povo. Mari Alkatiri, seu secretário-geral, reafirma o objectivo da Fretilin em encontrar formas de participação da Igreja e do povo em geral na elaboração da lei fundamental da futura República Independente.

● Joaquim Matias

Cem mil por salários mais justos

O PCP anunciou na Festa do Avante! o lançamento de um abaixo-assinado nacional que tem como meta a recolha de 100 mil assinaturas em defesa de salários mais justos e por mais qualidade de vida, que decorrerá entre 18 de Setembro e 27 de Outubro e culminará num grande comício a realizar em Lisboa.

Esta iniciativa, que levou já à recolha de milhares de assinatu-

ras só no último dia da Festa do Avante!, vai agora ter desenvolvimento nas empresas e locais de trabalho a nível nacional, e também junto das organizações de reformados e pensionistas.

Nesta iniciativa de dimensão nacional perspectiva-se a participação do secretário-geral e de dirigentes do PCP, para além da assinatura dos candidatos da CDU às eleições autárquicas de Dezembro.

O lançamento da campanha de recolha de assinaturas terá como primeira expressão uma acção a realizar na baixa de Lisboa no próximo dia de 18 de Setembro, que contará com a participação de Carlos Carvalhas e de outros dirigentes comunistas. O abaixo-assinado será sustentado num folheto e num mupi onde se fundamentam as razões desta iniciativa do PCP.

Conferência contra o racismo

A III Conferência Mundial contra o Racismo terminou sábado em Durban.

A declaração final qualifica a escravatura como um «crime contra a humanidade» que, juntamente com o tráfico de escravos, representaram «espantosas tragédias na história da humanidade, não só

devido ao seu barbarismo horrível, mas também à sua magnitude e natureza organizada». Defendendo a necessidade de programas de desenvolvimento na Ásia e África, reconhece o direito do povo palestiniano à autodeterminação e o direito de todos os países da região, incluindo Israel, à segurança.

Crónica Internacional

• Jorge Cadima

Orgulhosamente escravos?

A chegada ao poder desse autêntico lobby do petróleo e da guerra que rodeia o Presidente Bush trouxe ainda mais arrogância, desfaçatez e agressividade à actuação do imperialismo norte-americano. Os governantes dos EUA querem impor novas regras de conduta internacional. Ao serviço do grande capital desse pólo imperial, e sem leis nem entraves. Não querem apenas ser imperialistas, querem afirmá-lo. É por isso que desencadeiam guerras e bombardeamentos ilegais, contra a Jugoslávia ou o Iraque. Que dão luz verde aos seus bandos armados para semear a morte e a destruição – sejam eles a NATO/UÇK nos Balcãs, o governo de Israel no Médio Oriente ou os assassinos da UNITA em África (chefeados pelo carneiro Savimbi a quem Pedro Santana Lopes e o deputado PP Telmo Correia enviaram os parabéns pelo seu 67.º aniversário – *Diário de Notícias*, 05.08.01). Que insistem em impor ao Mundo a Guerra das Estrelas. Que rasgam os acordos e Tratados internacionais (Protocolo de Quioto, a fiscalização das armas biológicas, e agora o programa de destruição do plutónio usado nas ogivas nucleares – *International Herald Tribune*, 22.08.01). Que boicotam as Conferências da ONU. É por isso que Bush declara publicamente que os EUA irão denunciar o Tratado Antímísseis Balísticos (ABM) “segundo o nosso próprio calendário e no momento em que isso for da conveniência da América” (*IHT*, 25.08.01). Da América, repare-se. É por isso que Bush acaba de

Os governantes dos EUA querem impor novas regras de conduta internacional

nomear para chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas dos EUA, um general que nos é apresentado como um “Guerreiro do Espaço” e um “aliado natural de Bush e do ministro da Defesa [dos EUA] Donald Rumsfeld no seu esforço de transformação das forças armadas americanas, que enfatize o sistema antimísseis, a guerra informática e a utilização militar do Espaço”, general esse que escreveu “numerosos artigos” defendendo “um desenvolvimento agressivo de armas espaciais” (*IHT*, 25.08.01). Armas espaciais, e não escudos defensivos. É por isso que o mesmo jornal (*IHT*) titula na sua primeira página de 22.08.01: “EUA solicitados a desempenhar um papel ‘imperialista’”, num artigo que nos brinda com doudas análises falando da Pax Americana e do Império Romano, afirmando que “a manutenção do poderio global da América já se tornou a base não escrita da estratégia norte-americana” e que os EUA visam permanecer “a única superpotência militar até ao fim dos tempos” (Hitler era mais comedido e falava apenas num Reich para mil anos...). Mas com os pés mais assentes na terra refere ainda que “com o fim da Guerra Fria, há pouco mais de uma década, os Estados Unidos alargaram na realidade a sua presença militar global”, e que “são hoje uma potência militar proeminente em quase todas as regiões do mundo – o Médio Oriente, a Europa, a Ásia Oriental e o Hemisfério Ocidental”. Para compor este ramalhete, falta “procurar contrariar o ascenso da China”. E brindam-nos com comentaristas que propõem a criação de um “Estado Palestino gerido pela NATO, à la Kosovo e Bósnia” (Thomas Friedman, *IHT*, 25.08.01).

Perante isto, o que faz o Governo Português? Não só mantém um ensurdecedor silêncio no que respeita à arrogância imperial e aos crimes dos EUA e dos seus acólitos. Participa nas guerras da NATO e na militarização da UE. A fazer fé no Embaixador dos EUA, telefona pela calada para oferecer os Açores para a Guerra das Estrelas. E põe o ministro da Defesa a declarar, orgulhoso, que quando a NATO pediu uma contribuição portuguesa para a sua nova aventura balcânica na Macedónia, Portugal respondeu “no próprio dia” tendo “a NATO manifestado de imediato a sua congratulação ao Governo português e incentivado os outros países aliados a seguir o exemplo da atitude de Lisboa” (*DN*, 24.08.01). Querem que, em vez de orgulhosamente sós, sejamos orgulhosamente escravos?

Artigo 7.º da Constituição afirma a dado passo: «Portugal preconiza a abolição do imperialismo, do colonialismo e de quaisquer outras formas de agressão, domínio e exploração nas relações entre povos, bem como o desarmamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares...». Não há malabarismos verbais que possam reconciliar o texto constitucional e o actual compadrio com a política dos EUA. Talvez os governantes do PS, no seu afã de serem bons bushinhos, se estejam a treinar para repudiar unilateralmente a Lei Fundamental, que em tempos juraram respeitar e defender.

Editorial

A FESTA CONTINUA

Revisitando as vinte e cinco edições da Festa do *Avante!*, fácil é detarmos-lhe um progressivo e contínuo crescer de qualidade, uma acentuada evolução global que, de ano para ano, torna mais atractiva e mais bela a cidade todos os anos construída para viver três dias. Naturalmente, este crescer de qualidade, esta evolução não se distribuíram, em partes iguais, todos os anos: como se sabe, a criatividade não é coisa programável e susceptível de ser guardada como reserva para exhibir em conformidade com interesses de ocasião. De igual modo, é fácil verificar que nos dez anos da Festa na Atalaia – espaço nosso, colectivo e, por isso, ao nosso dispor durante os doze meses do ano – a evolução qualitativa da Festa se processou de forma mais regular e acentuada. E não é exagero dizer que a Festa deste ano, nos mais diversos aspectos, evidenciou um salto qualitativo singular, comparativamente com as evoluções de todas edições que a antecederam. Não apenas na beleza acrescentada ao espaço da Festa, na qualidade estética das suas construções – de que é exemplo maior o magnífico

da Festa do *Avante!*, exemplificam de forma concludente a sua singularidade, justo é sublinhar este: a onda de fraternidade universal, de alegria, de amizade, de solidariedade, de luta, de festa (expressa em notas musicais pelo génio de Beethoven) que invadiu de magia e fascínio o espaço da Atalaia, na noite de sexta-feira. Que outra organização partidária há aí com uma visão do Mundo e da Vida como a que esteve na origem do momento sublime criado e vivido naquela noite de abertura da Festa do *Avante!*?

Festa do partido da classe operária e de todos os trabalhadores, a Festa do *Avante!* é, todos os anos, um amplo espaço de debate aberto e frontal sobre os grandes problemas do País e do Mundo e onde a situação de quem trabalha e vive do seu trabalho e as lutas dos povos são tema dominante – quer nos muitos debates e colóquios realizados, quer nas múltiplas exposições centrais e regionais, quer, de forma mais desenvolvida e aprofundada na intervenção do secretário-geral do Partido no comício de domingo à tarde.

Procedendo a uma análise da actual situação política nacional, Carlos Carvalhas sublinhou a dado momento: «Perfilam-se no horizonte novas e crescidas ameaças para os trabalhadores e os seus direitos. O Governo, com o apoio da direita, quer restringir os aumentos salariais» – e citando exemplos concretos confirmativos das intenções, nessa matéria, do Governo do PS, reafirmou a determinação do PCP – «este grande Partido que não vira as costas às dificuldades» – de, com confiança, continuar a luta: contra a política de direita e por uma política de esquerda, em defesa dos interesses dos trabalhadores. E anunciou «o lançamento, a nível nacional, a partir deste comício, de um abaixo-assinado com o objectivo de recolher cem mil assinaturas, sob o lema ‘Por salários mais justos, por mais qualidade de vida’» – tarefa que, conjuntamente com a batalha autárquica, irá merecer as atenções prioritárias do colectivo partidário.

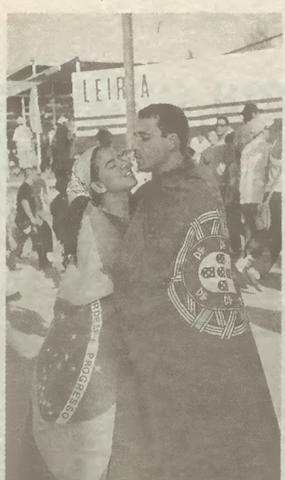
“Alegria, amizade, solidariedade, luta: festa”

Pavilhão Central –, nos seus arruamentos enriquecidos, na sua funcionalidade pensada em função do crescente bem-estar dos visitantes, no seu embelezamento, no seu bom funcionamento durante os três dias de duração – e, nesses aspectos, os resultados são bem elucidativos – mas também na riqueza do conteúdo da Festa: conteúdo político e cultural, conteúdo do relacionamento humano, cada vez mais aberto e fraterno, cada vez mais carregado de imensa alegria e camaradagem.

Uma referência destacada se impõe em matéria cultural e artística. Sem menosprezo – bem pelo contrário, com elevado apreço – pela qualidade e pelo talento levados à Festa por centenas de músicos, intérpretes, artistas plásticos, homens e mulheres do Teatro, impõe-se, contudo, uma referência destacada à magnífica execução da 9.ª de Beethoven, pela Orquestra Metropolitana de Lisboa e o Coro do Teatro da Maestranza de Sevilha, exemplarmente dirigidos pelo maestro Miguel Graça Moura. O gigantesco e corajoso desafio assumido pelos responsáveis da Festa não só foi incontestavelmente ganho, como se traduziu, porventura, no momento de maior dimensão cultural e artística das vinte e cinco edições da Festa do *Avante!* – e esta apreciação, incorpora, obviamente, a postura interessada, atenta e de profundo respeito por uma das figuras e por uma das obras maiores da música universal, protagonizada pelas dezenas de milhar de pessoas que assistiram ao memorável concerto. De entre os múltiplos exemplos concretos que, em cada edição

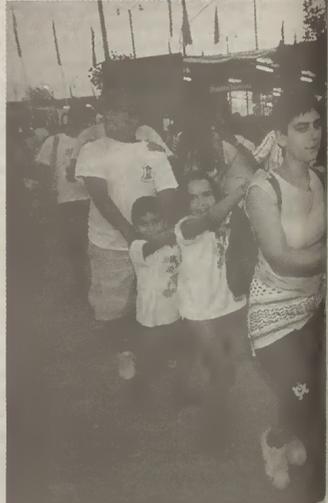
Como todos os anos nos é dado observar, há gente que tem por missão não gostar da Festa, vê-la em negativo previamente definido e, depois, difundir o que não viu em escritos feitos da raiva de ver que a realidade foi o oposto dos seus desejos.

Ressalve-se, entretanto e antes de mais, a seriedade com que vários órgãos de comunicação social trataram a 25.ª edição da Festa – seriedade que não se agradece por óbvias razões mas que é justo louvar. E sublinhe-se, como exemplo de ausência total de seriedade, a forma com o órgão central da Sonae viu a Festa: a «reportagem» produzida pelas duas «jornalistas» destacadas para desinformar os leitores, mostra que estiveram à altura da tarefa – e desnuda-lhes atributos assinaláveis: tacanhez cultural, insensibilidade boçal, incultura monumental, atrevidíssima ignorância. Dir-se-á que, com tudo isto, estamos a gastar cera com ruínas defuntas. E assim é. Melhor será, então, dizer apenas: tenham paciência: a Festa continua.



Fotógrafos da Festa

- João Aboim
- João Garcez
- João Lopes
- Jorge Cabral
- Jorge Caria
- José Frade
- José Lourido
- Júlio Dinis
- Marina Vieira da Silva
- Telma Ferro



Intervenção de Carlos Carvalho na abertura da Festa Um gosto muito especial

O secretário-geral do PCP fez uma breve intervenção (que aqui reproduzimos), na sexta-feira à tarde, pouco depois de abertas as portas da Festa do Avante! e passada a surpresa inicial que leva os visitantes regulares a repetirem, cada ano, que a Atalaia está mais bonita (este ano sobressaíram a «alameda» de lagos e o grande-vermelho pavilhão central). Carlos Carvalho chegou à Praça da Paz, acompanhado por dirigentes do Partido e da JCP e membros da direcção da Festa, sob fortes aplausos e ao som dos bombos da Associação Cultural e Desportiva de Vila Nova de Anha (Viana do Castelo). Depois do Avante, camarada!, cantado a milhares de

vozes, um jovem comunista, com a t-shirt e as calças marcadas por pó e tinta, denunciando que, havia ainda poucos minutos, ele estava ocupado nos últimos retoques da construção, declarou aberta «a Festa de todos nós» e deu a palavra ao secretário-geral do Partido. No final do discurso, por várias vezes interrompido por palavras de ordem (sobretudo «Assim se vê a força do PC!») e por uma forte vaia (quando foi feita referência ao Governo e ao Primeiro-Ministro), cantou-se A Internacional. Depois, A Carvalhesa transformou o mini-comício num gigantesco baile.

• DM



Com a alegria, a emoção e a presença da juventude com que sempre procedemos à abertura da Festa do Avante!, este ano a Festa tem para todos nós um gosto muito especial. Com o prestígio granjeado de ser, de facto, a maior festa político-partidária realizada no nosso país, esta tem o significado de ser a 25.ª edição, quando o Partido comemora 80 anos de vida e de luta e as 70 primaveras do jornal Avante!, a quem daqui endereçamos as nossas saudações de combate a todos quantos nele trabalham.

Setenta anos como órgão central do Partido, quarenta e três de rigorosa clandestinidade e vinte e sete de legalidade conquistada pela luta revolucionária e democrática do nosso povo, o Avante! é tribuna de permanente defesa da liberdade, da democracia e dos interesses dos trabalhadores e do País, e é dele a Festa que nos convoca e mobiliza com uma grande alegria, determinação e confiança, que mobiliza homens e mulheres de várias gerações.

Na verdade, esta é a Festa do Portugal de Abril, construída pelas muitas horas de trabalho benévolo de homens, mulheres e jovens de diversos pontos do País e também do estrangeiro, que a sentem como sua – e que de facto lhes pertence – e que aqui deixam a marca da fraternidade, da cooperação, da entejada entre o trabalhador manual e intelectual, entre o mais e o menos experiente, entre o homem e a mulher, o jovem e o mais idoso, respirando a firme confiança no valor da nossa luta, dos nossos ideais, das nossas causas, do nosso projecto.

Por isso, para eles, para todos os que ergueram com empenho, alegria e entusiasmo a nossa 25.ª Festa, vão as nossas primeiras palavras de gratidão.

E este ano, neste belo espaço da Atalaia, vamos ter pela primeira vez no nosso país, esta noite, a 9.ª Sinfonia de Beethoven executada pela Orquestra Metropolitana de Lisboa e o Coro del Teatro de la Mestranza de Sevilla, o que só por si é um importante e significativo acto cultural. E temos a Bienal de Artes Plásticas na sua 12.ª edição e um programa recheado de iniciativas culturais.

Mas teremos também sempre presente a nossa solidariedade com os trabalhadores e os povos em luta, o debate político, fazendo da Festa do Avante! um espaço lúdico, de convívio, de confraternização, ponto de encontro anual de muitos amigos, mas também um espaço de intervenção, de retoma de energias e de luta.

– Luta contra a política de direita, a política de concentração de riqueza, de acentuação das desigualdades, de submissão aos ditames da União Europeia.

– Luta pela transformação social, por melhores salários e pensões, por uma justa repartição do rendimento nacional, pela melhoria do nível e qualidade de vida do nosso povo.

– Luta pela intervenção cidadã, pelo aprofundamento da democracia, política, económica, social e cultural.

– Luta pela concretização do nosso prestigiado projecto autárquico, na resolução dos problemas das populações, com o seu envolvimento e com o desenvolvimento da democracia de proximidade.

– Luta por uma viragem à esquerda na vida política nacional, contra o rotativismo sem alternativa, contra o populismo e a demagogia dos partidos de direita e a política de direita, enfrentando os interesses instalados, os egoísmos de grupo, os privilégios dos grandes senhores do dinheiro e do capital financeiro.

– Luta contra a política de um governo que, com o rótulo de socialista, em muitas das questões mais essenciais e estruturantes não se distingue do cavaquismo de má memória, até nos tiques e em manifestações de arrogância, como o exemplifica a sua atitude na Comissão de Inquérito sobre a dita Fundação Vara, as ameaças à RTP ou a tosca ameaça de quem se mete com o PS leva!

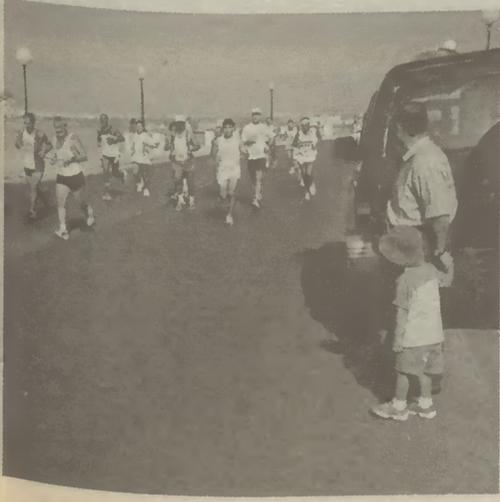
Por isso, o sr. Primeiro-Ministro pode afirmar que «ainda está no prazo de validade», que «vai empenhar-se em governar bem», e pode até multiplicar as promessas e o marketing das operações do Governo em diálogo com o País – que, se teimar no prosseguimento da sua política, como tudo indica, o seu Governo será cada vez mais, um governo que se vai arrastando «em fim de estação».

Mas, camaradas e amigos, hoje estamos apenas e só, a assinalar a abertura da nossa Festa e não a analisarmos a situação política e a apresentar as nossas propostas e as tarefas imediatas.

Hoje é o dia de início da 25.ª Festa do Avante!, que o mesmo é dizer da Festa do povo, dos trabalhadores, da juventude e da JCP, de daqui saudamos pela contribuição generosa na sua construção e pelo seu empenho no seu êxito.

Visitada todos os anos por cidadãos de diversos credos e quadrantes políticos que aqui encontram um espaço de convívio e de fraternidade, a 25.ª edição da Festa do Avante!, estamos certos, continuará a mostrar as suas fortes raízes populares, o seu encanto, a sua fisionomia singular e a sua magia.

Viva a 25.ª Festa do Avante!!
Viva Portugal!
Viva o PCP!



... E também uma catedral!

Erguido na encosta dominante da Festa, o Pavilhão Central refulgia, vermelho e luminoso, numa dimensão de catedral. Com duas diferenças substantivas: lá dentro, no amplo recolhimento das suas naves e labirintos, os passos não reboavam nos lajedos - deslizavam, fofos e frescos, em tapetes de relva; lá dentro, onde se abrigavam cinco exposições paredes-meias com a grande Bienal de Artes Plásticas, não se celebravam liturgias - convocavam-se memórias e competências que explicam o presente e incitam ao futuro. Dos homens, com os homens, aqui e agora.

As exposições estavam construídas em sequência - o mesmo é dizer que, entrando numa, se ia natural e sucessivamente desembocar nas seguintes - e quatro delas assinalavam datas «redondas»: os 80 anos do Partido, os 70 anos do Avante!, os 25 anos da Festa, os 130 anos da Comuna de Paris. Outra mostrava o trabalho da CDU nas autarquias e ainda havia lugar para um «Espaço Internet» e uma homenagem aos 100 anos do nascimento de Bento de Jesus Caraça, através de um breve resumo da vida e obra do grande matemático comunista.

Um acolhedor café-esplanada, um auditório e uma banca de venda de materiais e publicações relacionados com os diversos assuntos expostos completavam o espaço, que foi habitado nos três dias da Festa por um fluxo permanente de visitantes.

Os 25 anos da Festa

A entrada principal abria para a exposição que assinalava os 25 anos da Festa. Não era uma simples efeméride: percorrendo-a, ficava-se com uma visão global do impressionante acervo de realizações construído em 25 edições da Festa.

Numa primeira secção, apresentavam-se as ideias-força que todos os anos a ela presidem, cada uma encimada por uma sugestiva fotografia ilustrativa. «A Festa é... Sonho/Vontade/Ideias/Ideal/Prazer/Solidariedade/Militância/Levantar/Construir/Crescer». E também como ela se constrói: «A Festa é... Pano/Tinta/Madeira/Ferro/Arte/Artistas operários/Operários artistas». Finalmente, «A Festa é... Alegria/Amor/Esperança/A festa é Nossa/A Festa é tu!». Percorrido este testemunho, entrava-se num amplo espaço à média luz, recolhido e sereno, apenas com música ambiente e

projeção contínua e em grandes dimensões de slides das Festas. Apetecia ficar ali simplesmente a olhar para os vários eras, ao encontro da memória para quem se tornou frequentador assíduo da Festa ou fruindo a surpresa, para quem com ela contactava pela primeira vez.

A secção seguinte apresentava um impressionante mural com as centenas de artistas nacionais e estrangeiros que já pisaram os palcos da Festa, num testemunho esmagador da importância cultural da Festa do Avante! para o nosso país. Ao lado, imagens inéditas da participação dos intelectuais na sua construção, nomeadamente de Mário Castrim, José Saramago, Armando Rodrigues (num debate), José Gomes Ferreira, Fernanda Lapa e Mário Viegas e, ainda, Saramago numa jornada de trabalho, e as palavras de Álvaro Cunhal, em 1978: «Um Partido como o nosso, capaz de todos os sacrifícios para libertar o homem, luta necessariamente também para libertar o artista. Quando a própria revolução é a realização de sonhos milenários, como poderia o nosso Partido, força revolucionária que é, cortar as asas ao sonho?». Finalmente, novo reencontro com a memória, agora perante todos os cartazes que anunciaram e proclamaram cada uma das 25 Festas já realizadas. E uma frase rematava: «A Festa do Avante! É a determinada afirmação de que para nós, comunistas, o futuro continua a ser

possível e mantém-se como uma exigência».

A CDU nas Autarquias

Articulando-se à exposição anterior, surgia aos olhos do visitante «A CDU nas Autarquias», uma exposição sem retóricas, toda assente em trabalho concreto e, sobretudo, visível nas centenas de fotografias que ilustravam os diversos painéis expostos. Agrupados tematicamente, esses painéis constituíam, de per si e no conjunto, uma impressiva e concludente demonstração do trabalho interdisciplinar, multifacetado e estratégico realizado pela governação autárquica da CDU, respondendo aos anseios das populações e construindo, no dia a dia, as bases materiais que definem uma boa qualidade de vida.

Basta alinhar as designações dos painéis temáticos presentes na exposição, para se ter uma ideia do completo levantamento do trabalho autárquico da CDU ali apresentado. E são as seguintes: Abastecimento de águas e tratamento de esgotos; Valorização do património cultural; Valorização ambiental e parques urbanos; Desporto para todos e equipamentos desportivos; Serviço público de qualidade para todos (contra a onda privatizadora); Equipamentos e animação social, cultural e desportiva; Valorização dos trabalhadores das autarquias locais; Ligação da escola ao meio e apoio à juventude; Uma assumida atenção aos problemas sociais.

Tudo devidamente ilustrado, em muitos casos quantificado, mostrando as autarquias CDU não apenas na vanguarda dos projectos como, sobretudo, detentoras dos mais elevados índices de concretização no panorama autárquico português em áreas tão fundamentais como o saneamento básico, o abastecimento de água e electricidade, os equipamentos desportivos e culturais, os espaços verdes, etc. etc.

Daí a legitimidade da afirmação final desta exposição garantindo que os candidatos da CDU às próximas eleições autárquicas são, efectivamente, de confiança.

Dois aniversários

Os 80 anos do Partido e os 70 anos do jornal Avante! mereceram igualmente duas exposições, assinalando estes dois emblemáticos aniversários.

A formação do Partido e as datas marcantes da sua história estavam ali patentes e de fácil consulta, numa clareza pedagógica que atraía os visitantes. Mas nem só de datas e eventos se fazia a exposição dos 80 anos do Partido: à volta de cada uma dessas datas ou eventos lá estava o enquadramento histórico, as motivações e os objectivos revolucionários, as consequências políticas e sociais da acção dos comunistas, quer na tenaz e inquebrantável luta contra o fascismo, quer no seu contributo para o derrube da ditadura, quer na construção



do Portugal de Abril, quer, ainda na luta que hoje mesmo prossegue contra a ofensiva neoliberal e as novas formas de exploração do capitalismo.

Os 70 anos de vida do Avante! assinalavam-se ao lado, com relevo para a sua fundação em 1931 - onde saiu pela primeira vez, a 15 de Fevereiro -, a sua publicação ininterrupta até hoje, sempre escrito, impresso e distribuído em território nacional, mesmo nas longas e duras décadas do fascismo - caso único em todo mundo. Destaque, ainda, para o último número da clandestinidade, nas vésperas do 25 de Abril e que já mobilizava o povo para a luta iminente que derrubaria o fascismo, tal como o primeiro número na legalidade, que atingiu a tiragem recorde de meio milhão de exemplares, feito editorial único no nosso país.

Referência ainda para a exposição que assinalava os 150 anos da Comuna de Paris onde, a 18 de Março de 1871 e pela primeira vez, a classe operária e o proletariado tomaram de assalto a capital francesa, expulsando o governo da burguesia reaccionária encabeçada por Thiers, que fugiu para Versalhes. Dois meses depois a Comuna de Paris seria selvaticamente massacrada por um exército de mais de 100 mil homens. E uma nota, também, para o destaque nas exposições para o 100.º aniversário do nascimento do matemático comunista Bento de Jesus Caraça.

● HC



Pavilhão da Astronomia À descoberta do espaço

Foram muitos os que passaram pelo Pavilhão da Astronomia. Uns ficaram surpreendidos por nunca se terem apercebido que se podia fazer observações de dia e mais espantados ficaram quando espreitaram pelo telescópio e viram as manchas solares. Outros deleitaram-se a pesquisar a noite, com um céu sem nuvens que deixou observar os pormenores da lua, os meteoritos que de vez em quando atravessavam o céu e as diferenças entre estrelas e planetas.

Mas a oferta do pavilhão não se ficava por aqui. Lá dentro os visitantes encontravam exposições com objectos inspirados nas viagens para lá do nosso planeta (como selos ou livros), podiam aprender com os modelos do sistema solar e de algumas naves, provar os seus conhecimentos num jogo electrónico e descobrir as vidas e os percursos científicos do matemático Bento de Jesus Caraça e de Iuri Gagarine, o primeiro homem a viajar no espaço. Ambos foram, aliás, citados no debate que se realizou neste espaço na tarde de sábado, que colocava uma questão aos convidados e ao público: «A ciência ao serviço da humanidade hoje?»

Jorge Dias Deus, professor no Instituto Superior Técnico, traçou um paralelo entre a conquista do espaço e a época da expansão marítima. Considerando inevitável a projecção do homem para lá da Terra, afirmou que «é uma ilusão pensar que há uma ciência fora da sociedade». Trata-se

de uma actividade social, que tem como contrapartida poder ser dominada por interesses militares ou financeiros, o que muitas vezes acontece. Mas como pode haver um controlo democrático da ciência? Só com uma participação esclarecida dos cidadãos. Daí a importância do ensino e da informação.

António Abreu, membro da Comissão Política do PCP, sublinhou esta ideia e referiu a necessidade de incentivar a criatividade e a curiosidades das crianças através de programas especiais e alertou para o baixo nível de incorporação dos avanços científicos na indústria portuguesa.

«O aumento da produtividade faz-se à custa da redução dos custos do trabalho e não com a introdução de novas tecnologias», denunciou.

Respondendo a questões levantadas pelo público, o astrónomo Máximo Ferreira afirmou que a vida na Terra não deve ser caso único e que o futuro da humanidade não deve passar unicamente pelo nosso planeta: «Como dizia Jesus Caraça, o mundo amanhã depende do que fazemos hoje.»

O especialista em telecomunicações Francisco Silva alertou para a necessidade da população estar atenta, de aumentar os seus conhecimentos e de intervir localmente, na sua comunidade, pois «a responsabilidade é de todos».

● IAB

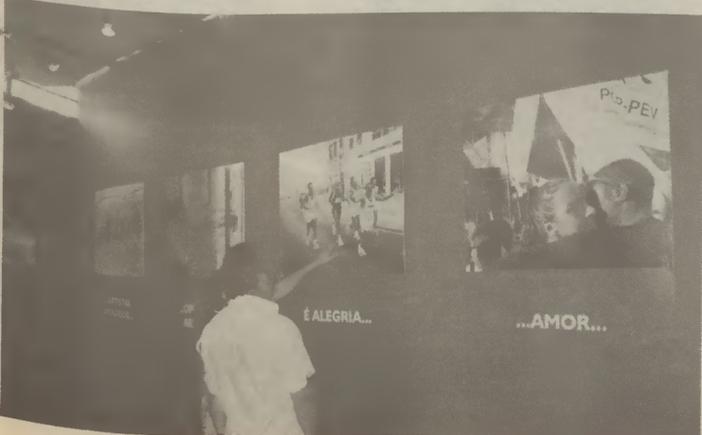
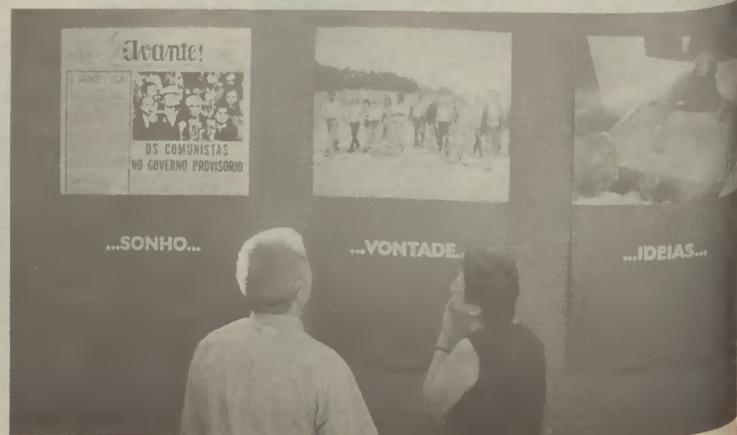
Espaço Internet

Havia um «Espaço Internet» no Pavilhão Central com duas valências: uma proporcionando aos visitantes as «navegações» que quisessem, a outra, num auditório ao lado, a oportunidade de participar em dois debates ali promovidos nos três dias da Festa.

Quanto a «navegações», eis alguns números interessantes: o «site» do PCP já recebeu mais de um milhão de visitas desde que foi criado

em 1996 e, durante os dias da Festa, bateu os seus recordes de visitas, passando as 3000 por dia!

Quanto aos debates que se realizaram, o primeiro teve por orador Vítor Dias e por tema «O Partido na Internet» e o segundo, com Francisco Silva como orador, teve por tema «A Internet e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação».



Centenário

Caraça entre os seus

O debate de sábado à tarde foi mais uma forma de assinalar, na Festa, o centenário do nascimento de Bento de Jesus Caraça, que esteve presente em vários espaços da Atalaia e em diferentes momentos.

José Casanova, que começou por traçar o enquadramento da iniciativa, realçou o exemplo da militância e da obra de Bento de Jesus Caraça, da sua intervenção pedagógica e política, da sua postura vertical, digna e correcta, com «particular importância nos dias de hoje». Depois de referir alguns marcos na biografia, com uma «actividade política assinalável», o director do *Avante!* e membro da Comissão Política do Partido criticou os que «prefeririam que ele não tivesse sido militante do PCP», apontando neste contexto a «irritação» do Presidente da República, ao intervir na sessão comemorativa realizada recentemente pela CGTP. Considerou que a

homenagem a Caraça, nesta Festa, foi «um imperativo de justiça, camaradagem e amizade» para com «um vulto maior da vida científica e cultural» do País.

Regina Marques dedicou a sua intervenção à actualidade das universidades populares, vistas por Caraça «como instrumentos de liberdade e progresso», «espaços de liberdade e de cultura». Relatando a experiência da Universidade Popular de Setúbal, onde Bento de Jesus Caraça proferiu uma conferência a 22 de Março de 1931, defendendo que «a utilidade das universidades populares está na libertação espiritual que proporcionarem às massas trabalhadoras», Regina Marques realçou que

«a educação para todos está na ordem do dia» e que a revitalização da UPS «marca a contemporaneidade e a universalidade de Caraça».

Alberto Vilaça, com frequentes referências bibliográficas – desde o seu livro «Militante integral do ser humano», aos artigos que publicou no *Avante!* e no *Militante*, até um número da revista *Vértice* ainda em preparação, passando pela última edição da *Seara Nova* – e com notas mais actuais da investigação que levou a cabo (apesar das dificuldades colocadas «por uma fundação» que possui o espólio de Caraça), falou sobre a biografia do autor de «Conceitos fundamentais da Matemática», «Galileo Galilei» e «A cultura integral do indivíduo». O advogado, escritor e membro da direcção regional de Coimbra do PCP dedicou particular atenção à militância política de Caraça, notando que Mário Soares chegou a



colocá-la em causa, num programa de televisão, «mas calou-se quando foi confrontado com provas».

Do público, proveio e foi aplaudida a proposta de incluir a figura de Bento de Jesus Caraça e o seu humanismo nos programas escolares.

Fernando Alves, «tenho 83 anos e sou comunista há 70», lembrou como lhe foi útil a *Cosmos* quando organizou a biblioteca do Luso Futebol Clube e contou a história de uma equação muito difícil,

que Caraça, em casa e na escola, resolveu de duas formas diferentes.

Jorge Sousa contou como, «por uma ligação partidária», foi à editora que Caraça dirigia e onde, apresentando-se de calças rotas, teve direito a mais de uma hora de conversa, enquanto um «senhor de smoking e lacinho» ficou à espera. Acusou a polícia fascista de ter assassinado Bento Caraça, quando o prendeu, libertando-o apenas «para morrer cá fora».

Noutras intervenções

foram referidos vários homens e mulheres, contemporâneos, amigos e camaradas de Bento de Jesus Caraça. No final, José Casanova aconselhou a reler *Jean Christophe* e *Alma Encantada*, de Romain Rolland – autor que escreveu «um pensamento que não age, ou é aborto, ou é traição» e foi muito citado por Caraça – para salientar a importância do sonho na obra de Bento e nos dias de hoje.

● DM

Migrações

Lutas partilhadas

«Migrantes somos todos nós», dizia-me um amigo, em conversa, há anos atrás. Referíamos-nos então a alentejanos e cabo-verdianos, vivendo lado a lado, em subúrbios degradados de Lisboa. Palavras que me vieram à memória no colóquio sobre «Migrações: problemas sociais e diálogo de culturas», realizado, na noite de sexta-feira, no Fórum.

Os emigrantes portugueses e os imigrantes em Portugal foram o(s) tema(s) abordado(s) por Fernanda Mateus, membro da Comissão Política do PCP, António Filipe e João Armando, do Comité Central, e Manuel Correia, da Frente Anti-Racista. Com uma ideia de fundo – a de que estão em causa objectivos e problemas comuns e de que «fazemos parte de um todo», nas palavras de Manuel Correia.

«Procurar melhores condições de vida» é, como foi sublinhado por todos os intervenientes, a razão de fundo de todas as migrações, partilhada pela «velha» e «nova» emigração, por imigrantes dos diversos quadrantes, de África à Ucrânia. Um ponto fundamental de confluência de interesses e necessidades. O que, naturalmente, não deve ocultar as diferenças, que também são reais.

É o caso dos novos emigrantes – e a emigração continua a registar fluxos importantes – que hoje assumem novas características, deslocando-se frequentemente por vários países, com contratos de trabalho temporários. E que têm que defrontar – como denunciou João Armando – alguns problemas agravados, com a grande demissão do

Governo português que, com a entrada do país para a União Europeia, descartou-se das suas responsabilidades em relação a estes trabalhadores.

É o caso dos diferentes fluxos de imigração, em que actualmente, e desde 1998/99, se destaca a imigração do Leste da Europa e, em particular, da Ucrânia. Cerca de 100 mil ucranianos. Quarenta mil autorizações de residência.

Precariedade para todos

A actual legislação portuguesa criou uma nova categoria de imigrantes. Aos trabalhadores que obtenham «autorização de permanência», não são garantidos direitos idênticos aos que têm uma «autorização de residência». Na prática, isso significa que ficam numa total dependência do patronato. E vulneráveis quanto baste para dificilmente avançarem com quaisquer reivindicações e exigências, mesmo as mais elementares.

Uma situação – denunciada por António Filipe e Manuel Correia – que, sem dúvi-

da, beneficia o patronato, e penaliza os trabalhadores. Todos os trabalhadores – portugueses e imigrantes, com ou sem autorização de residência. Pois, na verdade, as associações patronais preferem a rotação permanente de trabalhadores destituídos de direitos e privados de cidadania. Preterindo trabalhadores imigrantes com direito a ter voz, ou trabalhadores do próprio país.

Assim ressalta a comunhão de interesses de todos os trabalhadores. Exigir direitos para os imigrantes, para além de ser uma reivindicação básica, pois é de cidadania e dignidade da pessoa que se trata, significa também defender os direitos laborais.



Ou assistiremos a uma sucessiva desregulamentação do mercado de trabalho.

«Devemos tratar os imigrantes, em Portugal, como queremos que os portugueses

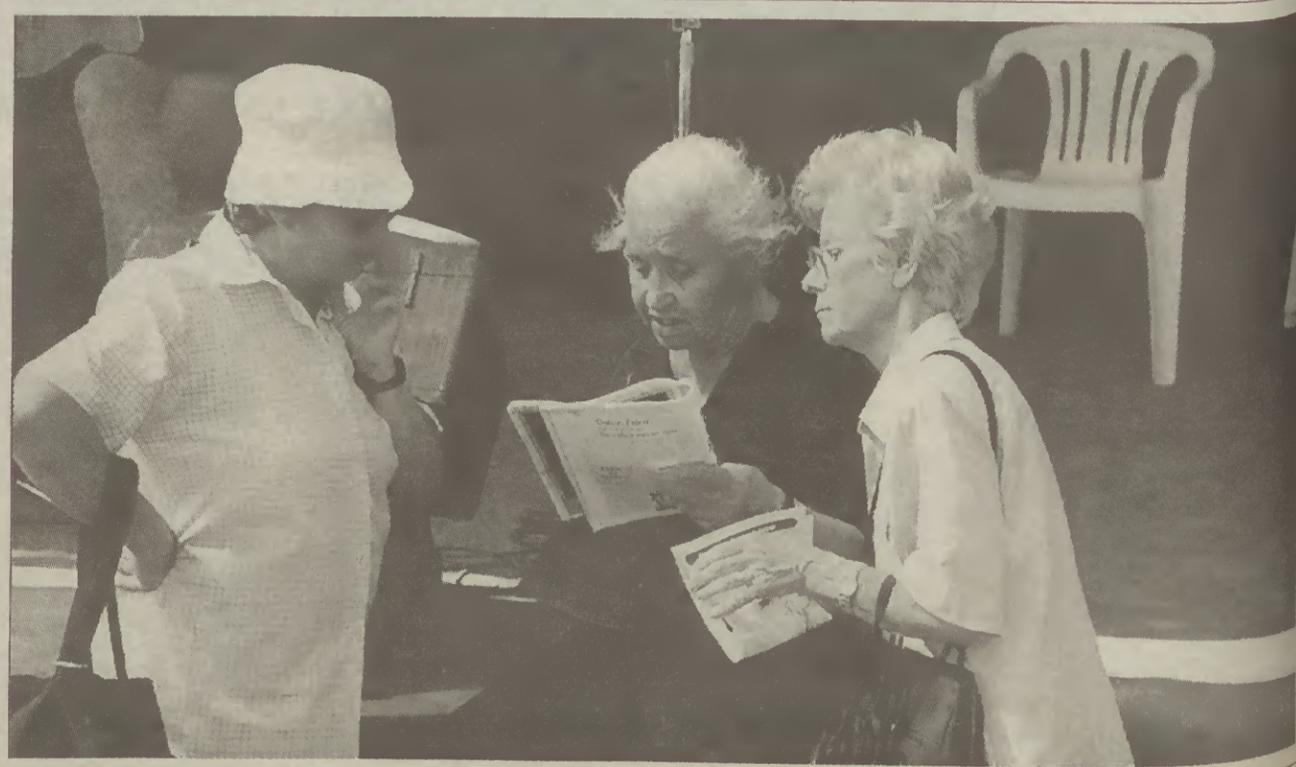
sejam tratados nos outros países», frisou António Filipe.

Para os trabalhadores, para todos os migrantes, a exigência de direitos é fundamental.

Direitos que, tal como o

inter-relacionamento de culturas, enriquece e fortalece a sociedade que partilhamos. Esse todo de que fazemos parte.

● LC



Alqueva

Democratizar o acesso à terra

Vai o Estado permitir que as mais-valias resultantes de um investimento de 350 milhões de contos, com o dinheiro de todos nós, engrossem os bolsos de uns quantos latifundiários?

Esta é seguramente a pergunta mais importante a fazer no momento em que, sendo a construção do Alqueva uma realidade, continua por esclarecer uma questão considerada central: como potenciar o seu aproveitamento agrícola por forma a que o empreendimento seja uma alavanca para o desenvolvimento da região.

Foi em torno deste magno problema que se centrou uma boa parte do debate, na tarde de sábado, tendo por tema «Alqueva, uma alavanca para o desenvolvimento». Coube a Agostinho Lopes, da Comissão Política, que estava acompanhado na mesa por Lino de Carvalho e Carlos Amaro, iniciar o debate com uma breve intervenção em que, depois de recordar o papel decisivo da luta do PCP pela construção da barragem, em ordem a pô-la ao serviço do povo alentejano e do País, pôs o enfoque nessa grande

interrogação que é a de saber como «tornar o investimento útil e garantir o acesso democrático à terra».

Esta questão, que erigiu como nacional, está a suscitar enorme preocupação face à inexistência de medidas por parte do Governo no sentido de mexer na actual estrutura fundiária da região. O que quer dizer, desde logo, que as mais-valias de todo o investimento público em curso, na ordem das quase quatro centenas de milhões de contos, irão direitinho beneficiar os grandes agrários, que vêm já em muitos casos o valor das suas terras multiplicar por dez.

A fraude do Governo

Tudo indica que é esta realidade que o Executivo do PS parece estar inclinado a aceitar. A demonstrá-lo

estão as medidas recentemente anunciadas pelo Governo sobre esta matéria, que, como sublinhou Lino de Carvalho, «não tocam um cabelo nos latifúndios», passando completamente ao lado da questão das mais-valias. Por isso o deputado comunista lhes chamou uma autêntica «fraude», considerando tratar-se de uma encenação e de uma tentativa de «deitar poeira nos olhos do povo» face ao impacto positivo que obtiveram as medidas propostas pelo PCP em projecto de lei entregue há relativamente pouco tempo na Assembleia da República, entre as quais se prevê, designadamente, o limite de 50 hectares de regadio por propriedade e a criação de um «banco de terras» para ulterior entrega por concurso ou arrendamento a jovens agricultores.

Uma vergonha

Também Carlos Amaro, ainda a propósito da postura do Governo, que classificou de hipócrita, considerou que



o «País não pode abandonar o Alentejo» e que os investimentos públicos feitos em Alqueva devem reverter para o maior número de agricultores e para o desenvolvimento da região. E isso só se consegue, enfatizou, modernizando a estrutura fundiária.

Estrutura esta que está hoje, depois da extraordinária experiência que foi a Reforma Agrária, de novo fortemente concentrada — «te-

mos uma concentração fundiária única na Europa», disse Lino de Carvalho —, e, por consequência, a carecer de uma profunda reorientação e transformação capaz de garantir que à terra acedam novos agricultores.

O que implica, inevitavelmente, como foi dito, «tocar nos interesses dos grandes latifúndios». «E é uma vergonha que o Governo não o faça», observou a dado passo

Lino de Carvalho, depois de Agostinho Lopes, numa alusão a este mesmo problema, ter perguntado: «por que é que pelo País se expropriam terras, destroem pequenas explorações e se deitam casas abaixo para construir infra-estruturas públicas e no Alentejo não se pode mexer na terra dos grandes latifundiários?»

● JC

Poder Local

Uma conquista que perdura

No debate «Novos desafios do Poder Local Democrático», a discussão centrou-se na afirmação do projecto protagonizado pelo PCP e pela CDU e na convicção de que o empenho dos comunistas é essencial para a defesa e reforço dessa grande conquista de Abril que é o Poder Local.

Pensado para abranger as realidades da intervenção autárquica em minoria e em maioria, o debate, realizado no sábado às 21 horas, contou, para além de Jorge Cor-

deiro, da Comissão Política, com dois oradores — Rui Sá, vereador e candidato à Câmara Municipal do Porto, e Adão Barata, presidente da autarquia de Loures — que

discutiram em torno das questões da participação, da descentralização e da acção da CDU para reforçar o Poder Local Democrático.

Adão Barata tomou da palavra para lembrar que, em Loures, onde apenas 5 das 18 juntas de freguesia são da CDU, a descentralização é uma realidade, não se verificando qualquer tipo de discriminação entre as diversas freguesias, o que fica patente na decisão da



Câmara de, no último ano, aumentar em mais de 50 por cento as verbas destinadas às freguesias. O autarca assinalou, em seguida, a distribuição de pelouros pelos vereadores dos partidos minoritários, recordando que esta forma de exercer o poder funciona, vindo pela elevada percentagem de decisões tomadas por unanimidade.

Em contraposição, Rui Sá acusou a autarquia portuense de não descentralizar, mesmo quando se tratam de freguesias PS (o que é o mesmo que dizer 13 das 15 do concelho). As acusações do vereador comunista não se ficaram por aqui, tendo sido estendidas aos presidentes de junta do Partido Socialista, verdadeiros representantes do executivo municipal junto das populações e não o oposto. Para provar tudo isto, Rui Sá contou que, por acção do Partido Socialista, a Assembleia Municipal do Porto esteve à beira de aprovar uma deliberação segundo a qual os presidentes de junta ficavam

sujeitos à autorização do presidente da sua bancada para poderem usar da palavra. A CDU denunciou essa intenção e, junto com eleitos das freguesias de vários quadrantes políticos e das populações, inviabilizaram-na, o que levou Rui Sá a afirmar que, «quando conta com o apoio da população, uma ínfima minoria transforma-se numa larga maioria».

Ouvir e agir

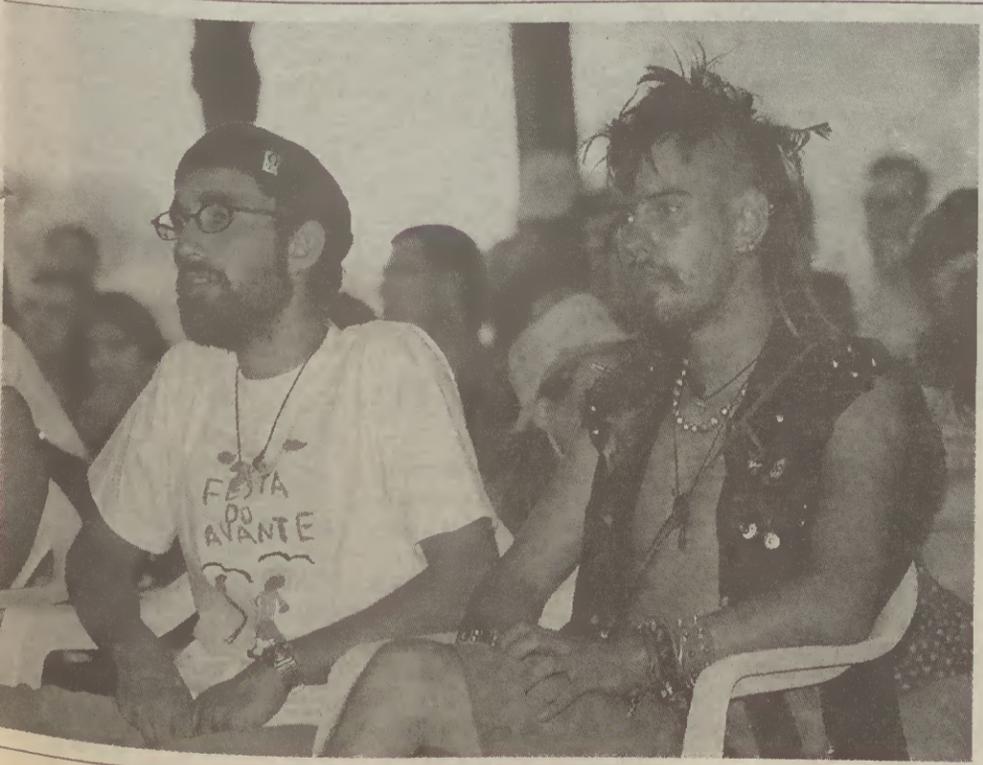
Do debate saiu a convicção de que a forma de intervenção da CDU no Poder Local se rege pelos mesmos valores, em minoria como em maioria. O vereador portuense considerava que esta forma, a que chama de «Estilo CDU», se caracteriza por um constante contacto com as populações e os seus problemas e pela capacidade de apresentar propostas concretas para a sua resolução. De seguida, partilhou a experiência do Porto, em que todas as semanas,

diversos eleitos contactam com as populações, quer em visitas a bairros e instituições quer recebendo os munícipes no seu gabinete na autarquia todas as semanas. «Por vezes, há munícipes que se dirigem ao meu gabinete e contam os seus problemas, muitas vezes até choram», conta Rui Sá, que conclui que «ouvir os munícipes e os seus problemas, por mais pequenos que sejam, é o papel do autarca».

Adão Barata, por sua vez, revelou a importante experiência autárquica no concelho a que preside, tendo resolvido já grande parte dos problemas estruturantes de Loures, como por exemplo a questão do saneamento básico.

A terminar, Jorge Cordeiro considerou que, pela sua capacidade de resolver os problemas das populações — onde o PCP e os seus aliados têm elevadas responsabilidades — o «Poder Local Democrático é uma conquista de Abril que perdurou até aos nossos dias».

● GC



Situação económica e social

Responder com a luta

Os trabalhadores podem continuar a contar com o PCP para a defesa dos seus interesses de classe, mas os comunistas devem reforçar o apelo a que os trabalhadores desenvolvam a luta e confiem cada vez mais nas suas próprias forças.

Ao marcar, com esta ideia, o final do debate de domingo à tarde, **Jerónimo de Sousa** sintetizou a perspectiva com que foram analisadas a actual situação económica e social e as respostas necessárias dos trabalhadores, para enfrentar a ofensiva do grande capital e do Governo contra os salários e os direitos dos trabalhadores. Aquele membro da Comissão Política do Partido disse que «temos matérias concretas para analisar a nossa atitude para com o PS», referindo o próximo Orçamento de Estado e alertando para a ameaça de um novo pacote laboral.

Amável Alves, da Comissão Executiva da CGTP-IN e do Comité Central do PCP, fez o balanço do último ano e apresentou as perspectivas da acção reivindicativa para os próximos meses, recordando os «aldrabões» da inflação, no ano passado, e sublinhando a importância da conferência marcada pela *Inter* para dia 20. «É com os comunistas que a luta vai continuar», afirmou.

Célia Lopes, dirigente nacional da JCP, da CGTP e da Interjovem, referiu alguns factos e números que mostram o incremento da sindicalização e da participação juvenil nas lutas laborais,

nomeadamente na Portugal Telecom e na Transportes Sul do Tejo. Os novos militantes e activistas, salientou, procuram «conhecimento, integração e co-responsabilização».

Paulo Trindade, da Comissão Executiva da CGTP e do secretariado da Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública, apontou a atitude do Governo para com os trabalhadores do Estado, no quadro de um vasto ataque que visa a privatização de serviços públicos, como prova da nítida opção de classe de Guterres e seus pares. Apointou a contradição entre «50 medidas» que pretendem reduzir os salários e facilitar as nomeações políticas, enquanto o Governo concede muitos milhões de contos de isenções e benefícios fiscais aos grupos financeiros e, respondendo a um artigo recente



num semanário, declarou que «não estamos cá para civilizar o capitalismo».

Durante o período de debate entrevistaram onze pessoas. Quase todas se declararam militantes comunistas e houve mesmo dois camaradas que, com orgulho, disseram ter a idade do Partido. Foi um deles que, com ironia, disse não compreender, por exemplo, por que é que os espanhóis têm salários mais elevados e conseguem cá colocar os produtos mais baratos.

Um ex-trabalhador da Lis-

nave contestou com palavras fortes e emocionadas as sucessivas exigências de Ferraz da Costa e do patronato quanto às leis laborais e contou que é contratado para o estrangeiro, «pagam-me avião, hotel, e ainda lhes dou lucro», enquanto em Portugal patrões e governos insistem em cenários de crise e na destruição do aparelho produtivo. Foi sublinhada a situação que se vive na Confé-lis e na Norporte.

Uma trabalhadora dos Impostos denunciou que dei-

xou de haver autorização para pagar deslocações e ajudas de custo no serviço encarregado de fiscalizar os maiores grupos económicos, o que inviabiliza a inspecção e contraria as declarações oficiais sobre as «50 medidas».

Foi criticado o crescente recurso a empreiteiros por parte das grandes empresas e foi valorizado o esforço de organização, unidade e mobilização, em regiões ou sectores particularmente difíceis.

DM

Espaço O Militante

Unidade na acção

No Pavilhão Central, perto da saída para a XII Bienal de Artes Plásticas, lá se encontrava um pequeno mas simpático recanto que o espaço Militante havia reservado para, em breves encontros com os visitantes, ir «conversando sobre...» os 80 anos do PCP e vários aspectos ligados à sua luta.

Abílio Fernandes, presidente da Câmara Municipal de Évora e candidato da CDU ao município nas próximas autárquicas, «conversando» sobre a frente das autarquias, chamou a atenção para outras frentes pois, apesar do reconhecimento generalizado que existe sobre o trabalho exemplar do PCP e da CDU nesta frente, há muita gente que noutras eleições, como as legislativas, não vota «em nós».

Entretanto, para este autarca, o trabalho pioneiro, eficaz, de dianteira da CDU acabou por influenciar o comportamento dos eleitos das outras forças políticas que se viram obrigados a assumir formalmente os «nossos funcionamentos» e a fazer uma política «agradável ao cidadão», para dar a ideia de que é indiferente eleger comunistas como autarcas de outros partidos. O que é inteiramente falso.

Por fim, Abílio Fernandes classificou de «descaramento impressionante» a forma como o Governo PS discrimina as câmaras comunistas que, mesmo assim, fazem mais e melhor.

Américo Nunes, membro da Comissão Executiva da CGTP, «conversou» sobre a luta de massas e a preocupação constante do PCP com a ligação aos trabalhadores. Para si, o PCP tem uma forte raiz no movimento sindical e grande influência entre os seus dirigentes, sendo que não existiria um tal movimento sindi-

cal combativo e reivindicativo se não existisse o PCP.

Procedendo a um breve resenha sobre a história do movimento sindical e operário desde a instauração da República até aos dias de hoje, Américo Nunes voltou a debruçar-se sobre a acção unitária que o PCP sempre desenvolveu e que levou à criação de «comissões de unidade» nas empresas, de «comissões de jorna» ou, a partir de 36, a integrar os sindicatos fascistas onde, de facto, se encontravam as grandes massas.

Ao serviço do povo

José Vitoriano focou aspectos da história do PCP, ao serviço dos trabalhadores, do povo, na luta pela liberdade, pela democracia.

«Tivemos vitórias e derrotas, tomámos decisões acertadas e também cometemos erros», disse o líder histórico do PCP, fazendo uma síntese das distintas fases por que passou o Partido, desde a sua formação, em Março de 1921, até aos dias de hoje, tendo sempre como linha fundamental a unidade.

Destas diferentes fases, José Vitoriano destacou a reorganização do Partido, em 1941, altura em que, na clandestinidade e sob a direcção de Bento Gonçalves, passou a ter uma actividade normal, adoptou novos métodos e se estruturou à escala nacional.

Mesmo duramente perseguido, o PCP deu, contudo, uma valiosa contribuição para a criação das condições que levaram ao levantamento militar do 25 de Abril, tendo sido igualmente determinante o seu papel na Revolução que se seguiu.

A propósito da informação do PCP, Aurélio Santos diz que o PCP é muito diferente



dos outros partidos - «quer lançar os fundamentos de uma sociedade nova» - e voga, por isso, «contra-corrente». Trata-se de uma diferença que os comunistas reconhecem e reivindicam mas que exige um órgão que divulgue as suas propostas, objectivos e perspectivas. Não para impor as posições do PCP mas para que as «massas possam agir de forma esclarecida».

Durante o fascismo, a imprensa clandestina era a única forma de levar aos traba-

lhadores os objectivos do PCP, exigindo grandes sacrifícios aos homens e mulheres que asseguravam as tipografias clandestinas. E, de facto, a eles se deve que o «Avante!» tenha sido publicado regularmente entre 1941 e 1974.

Hoje, com a comunicação social de novo nas mãos de grandes grupos económicos, também a voz do PCP chegará às massas tanto mais quanto mais os seus militantes divulgarem a sua imprensa, concluiu.

Não somos «muleta»

Dias Lourenço «conversou» sobre o PCP e a unidade democrática, lembrando o que esta significou, durante o fascismo, para o encontro, o debate, a convergência e formas comuns de luta entre todos os democratas.

Como sublinhou, o PCP soube sempre aproveitar as mínimas possibilidades que o regime fascista se viu obrigado a ceder, a seguir à II Guerra Mundial, para atrair à uni-

dade democratas de várias tendências, sem nunca, contudo, abandonar os seus princípios ou ser «muleta» de alguém.

Foi assim que, fruto de um persistente trabalho de unidade, junto dos trabalhadores e dos democratas surgiu o MUNAF e mais tarde o MUD, o MUD Juvenil, o MDM e outros movimentos de unidade legais e, no Portugal fascista, se realizaram cerca de 900 greves.

MF

Organizações Regionais

• João Chasqueira

A criatividade num espaço que se renova

Em cada ano a Festa é um espaço que se renova. A inovação e a criatividade, em cada edição, são a sua marca. E não falamos das melhorias estruturais que, anualmente, têm sido introduzidas em benefício das condições de acolhimento do visitante. O enfoque é outro: falamos da organização do espaço, dos novos materiais e outras tantas soluções arquitectónicas, da recriação de ambientes, de novos conteúdos e elementos que actualizam a mensagem política, em suma de uma nova paisagem e estrutura urbana, que é disso que se trata, tratando nós de falar de uma verdadeira cidade, como o é Festa, reflectindo, numa escala única - incluindo a humana -, o próprio País. Mas é falar também de novas sonoridades e propostas musicais, do que de melhor a nossa gastronomia tem, falar de tradição e modernidade, da riqueza e diversidade do nosso artesanato. Não é possível, por isso, a quem a visite por uma vez, afirmar que já viu a Festa. Percorrê-la é sempre uma descoberta, um exercício estimulante e regenerador. De edição para edição, em comum, verdadeiramente, para além do imenso caudal humano, o que permanece, perene, é a saudável atmosfera de boa disposição e alegria, a solidariedade e esse fraterno e contagiante espírito de quem partilha ideais de transformação social, de liberdade e de luta por um mundo melhor. Foi tudo isso que vimos e sentimos no percurso efectuado pelas organizações regionais do Partido.

confiando que essa luta prosseguirá para que a barragem seja um efectivo factor de justiça, de criação de emprego e desenvolvimento. Relevo, no espaço expositivo, tiveram ainda as propostas do PCP «por uma nova reforma agrária».

Como é hábito, nos stands de Évora, Beja, Portalegre e Litoral Alentejano, falar de gastronomia é falar de produtos de excelência, como os queijos, os enchidos, os vinhos, o mel, entre tantos outros, que puderam ser tranquilamente apreciados à mesa ou simplesmente adquiridos. Bem no centro da área que estava reservada às quatro organizações, pelo palco, durante muitas horas, passou muito do melhor canto, sempre em grupo, que tão bem identifica aquele povo trabalhador.

Algarve

O verde do relevo e o casario, representando a zona da serra e o barrocal, como que a dizer-nos que o Sul não é só orla marítima e praias, sobressai no grande painel de azul pintado na frente principal dos pavilhões do Algarve. Ao Partido e às lutas por si conduzidas na região durante a ditadura fascista foi dedicada uma especial atenção na exposição política. Nela foram evocadas, igualmente, as lutas sociais do

apreciada, foi a procura do arroz de marisco, bem como das ostras, estas, uma novidade que não era possível encontrar em nenhum outro local da Festa.

Aveiro

«Aveiro, terras e gentes de luta e trabalho». Envolvendo toda a área que lhe estava reservada, era esta a frase bordada no fundo vermelho que identificava Aveiro. O espaço era acolhedor, pela sombra do vime, ao longo do qual se estendia a esplanada. Muita gente lá acorreu e pôde saborear produtos de eleição. Difícil resistir, por exemplo, para além dos ovos moles, ao divino leitão da Bairrada, carne inigualável, estaladiça por fora e macia e húmida por dentro.

Motivos de interesse suscitava, por outro lado, a exposição política, dedicada à apresentação de cabeças de lista em Dezembro próximo, às propostas da CDU para o distrito e às lutas laborais e movimentações sociais, com relevo para a luta dos agricultores.

Braga

No plano da gastronomia, traziam como objectivo introduzir uma melhoria na qualidade do serviço. Se bem o pen-

viveram parte da Festa, com alegria, sem sofrimento. A Festa também é isto», como foi dito ao repórter.

A grande afluência de gente que sempre se fez sentir faz pensar que «o espaço poderia ser maior», como ouvimos. O que poderia ser uma vantagem do ponto de vista das condições de conforto e da rapidez. Interessante foi o facto de o bar da Famalicão ter funcionado exclusivamente com produtos oferecidos. Falar de artesanato, por último, é falar de um rodopio permanente de gente em torno do pavilhão de onde safram (e esgotaram) peças de artesãos como Júlia Ramalho, Mistério, Ana Rosalina Baraça, Arlindo Fagundes ou Júlia Côta.

Bragança

Já tiveram uma enorme importância na economia da região. Os tempos mudaram. Hoje, assiste-se à sua recuperação. Há mesmo projectos nesse sentido sob a direcção do Parque Douro Internacional. São os pombais tradicionais do nordeste transmontano, que serviram de motivo e inspiraram os comunistas de Bragança para a decoração dos seus pavilhões. Neles, visível, a força da terra e suas dadas conquistadas pelo labor dos

Castelo Branco e Guarda

Este ano num espaço mais central, bem junto à área do Palco 25 de Abril, estavam Castelo Branco e a Guarda. Esta proximidade, num espaço onde a afluência de jovens é sempre maior, reflectiu-se não só num ambiente de maior animação, como no tipo de refeições servidas, mais à base de combinados e sandes.

A decoração do espaço, reflectindo empenho na sua concepção e execução, retratou temas ligados ao trabalho, em imagens alusivas à indústria de lanifícios, têxtil e à agricultura.

À Atalaia foi também levada a boa gastronomia regional, incluindo os vinhos, representando todas as adegas cooperativas dos dois distritos, destacando-se, na ementa, os maranhos (especialidade da Sertã e concelhos limítrofes) e o caldo de grão tradicionalmente saboreado na noite de S. João na Guarda. Muito positivo foi ainda o encontro-convívio que reuniu cerca de uma centena de camaradas naturais da região, para analisar as próximas autárquicas, experiência esta, garantiram-nos, a repetir em próximos anos.

Coimbra

Foi preocupação dos camaradas de Coimbra cuidar de

Açores

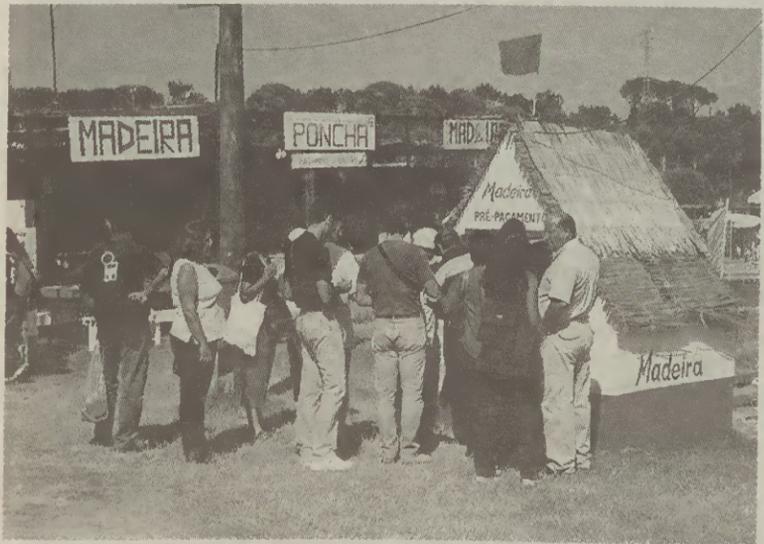
Bem lá no alto, para quem vem da entrada da Medideira, com um excelente ponto de vista, orientado para a grande área do Palco 25 de Abril, estava o espaço reservado aos Açores. A forma como estava organizado, designadamente a afectação de um módulo à exposição política, mostrava bem o quanto foi preocupação dos comunistas açorianos trazer à Festa informação que reflectisse a realidade regional, em particular os seus problemas e dificuldades, bem como a intervenção do PCP e dos eleitos CDU na Assembleia Legislativa e nas autarquias.

Ponto de encontro para os açorianos que residem no continente, o Bar foi ainda passagem obrigatória para todos os apreciadores da gastronomia do arquipélago, onde puderam saborear as célebres sopas do Espírito Santo, a morcela com ananás, o polvo guisado ou o queijo S. Jorge.

Alentejo

As portas e janelas envolvidas pelas características barras pintadas no fundo branco das paredes destacavam-se na grande alameda que rompe do espaço internacional em direcção à Praça da Paz. Estávamos no Alentejo, bem se vê. Onde a consciência clara da importância e do valor da obra realizada permitem encarar com confiança a próxima batalha eleitoral. E disso mesmo dava testemunho a palavra de ordem, mais que uma vez repetida, em grandes painéis, a dar conta que no «Alentejo, CDU é para ganhar».

Porque, como estava escrito num dos painéis, tem sido o «esforço, o empenho e a luta do



PCP e dos eleitos CDU que tem conseguido atenuar o abandono a que os governos do PSD e do PS têm votado a região».

Com uma grande carga simbólica, destacada, lá estava também em forma de maquete uma reprodução do Alqueva, retendo as águas que irão irrigar 110 mil hectares de terra, pelo qual o PCP há muito se bate,

presente, bem como os objectivos que animam os comunistas algarvios para as próximas autárquicas, nomeadamente a sua aposta forte em recuperar Vila Real de Santo António e Silves, manter Aljezur e reforçar no geral as posições da CDU em todo o Algarve.

A merecer realce, no plano da gastronomia, sempre muito

saram, melhor o cumpriram. Havia, por isso, motivos para satisfação entre os responsáveis da organização. Mas também por outras razões: cerca de dois terços das pessoas que asseguraram o funcionamento dos stands eram jovens e, de entre estes, alguns não eram militantes nem do Partido nem da JCP. «E assim fizeram e

homens. Como a carne mirandesa, de origem protegida, que antes de nos chegar ao prato cresce livremente em viçosos pastos. Este ano vieram 15 vitelas que serviram de base à confecção da «vitela no pote». «Se tivessem vindo 50, tinham também desaparecido», disseram-nos, o que dá bem ideia da forte afluência de pessoas.

modo particular a decoração dos seus pavilhões. A isso se impuseram motivados pela necessidade de valorizar e dignificar aquele espaço, dado estarem numa das entradas principais da Festa. Não fizeram a coisa por menos e resolveram construir um moinho: uma reprodução, à escala real, de um Moinho de Penacova.





Organizações Regionais

Com grande impacto visual - via-se de qualquer lugar da Festa -, na sua estrutura cilíndrica estava aberta uma caixa onde um sistema multimédia passava em contínuo imagens de lutas dos trabalhadores e protestos sociais, bem como sobre a actividade do PCP na região.

Por se situar numa área arborizada e com muita relva, que a tornava aprazível, para o que contribuiu também a muita sombra,

Coimbra ofereceu boas condições para que o visitante pudesse desfrutar da boa cozinha regional, este ano melhorada com mais um prato de bacalhau e com o retomar em maior força da chanfana preparada e vinda directamente de Coimbra para a Festa. Não faltou também a doçaria regional, nem os enchidos, mas, sobretudo, o que não faltou foi o tradicional convívio que é próprio da cidade do Mondego.

Leiria

A luta dos trabalhadores do distrito, com relevo para a dos vidreiros, em defesa dos seus postos de trabalho, tiveram posição de destaque na exposição política, onde se falava também das lutas dos agricultores do distrito. Relevo foi dado ainda, noutra plano, aos cabeças de listas da CDU às câmaras municipais, bem como às principais propostas que dão corpo aos programas eleitorais em cada concelho. A arte centenária de bem saber

trabalhar o vidro, em delicadas peças de múltiplas formas e dimensões, esteve patente em stand próprio que se constituiu em ponto de referência central do espaço de Leiria. Os 25 anos da Festa ficaram assinalados em copo de vidro, numa edição de vários milhares, que continha em gravação uma reprodução do cartaz deste ano. Motivos de interesse, num convite permanente ao visitante, foram ainda o forno do pão e a ginja de Alco- baça.

Lisboa

Desenvolvendo-se longitudinalmente ao longo da avenida que ligava a Praça da Paz ao Palco 25 de Abril estava o espaço de Lisboa. Duas palavras de ordem davam nota de duas das suas linhas prioritárias de acção: «adere ao PCP, partido da classe operária e de todos os trabalhadores»; «reforçar o PCP, desenvolver a luta, construir a alternativa de esquerda». Eram muitos os stands representando todos os concelhos do

distrito e o difícil era mesmo optar face à enorme variedade de propostas oferecidas, por exemplo, no plano da gastronomia. Aqui, a novidade - e foi uma aposta ganha, segundo apurámos - foi o restaurante de Loures. A diferenciação, essa, para além da confecção, fez-se pela qualidade do serviço prestado: serviço à mesa, com um profissionalismo, disse quem sabe, de pedir meças a muito restaurante de renome...

Merecedoras de um cuidado especial foram também as exposições políticas. Nelas se falou do Partido e da luta dos trabalhadores no distrito, bem como das propostas que dão corpo ao projecto CDU nos 16 concelhos.

Local concorrido foi também o café-concerto. Na sua decoração exterior a merecida e justa homenagem aos intelectuais comunistas desaparecidos, muito deles presentes e recordados em fotografias de grande formato, como Bento de Jesus Caraça, Soeiro Pereira Gomes, Maria Lamas, Virgínia Moura, Lopes Graça.

Madeira

O stand da Madeira, tal como o dos Açores, situava-se num ponto altaneiro, com uma magnífica vista sobre o vale onde encosta o Palco 25 de Abril, tendo como pano de fundo, lá, ao longe, o estuário do Tejo. A tradicional e bem conhecida espetada à Madeira foi um dos pratos mais procurados no restaurante, onde o visitante pôde ainda encontrar a carne de porco em vinha e alho ou uma apetitosa sopa de trigo.

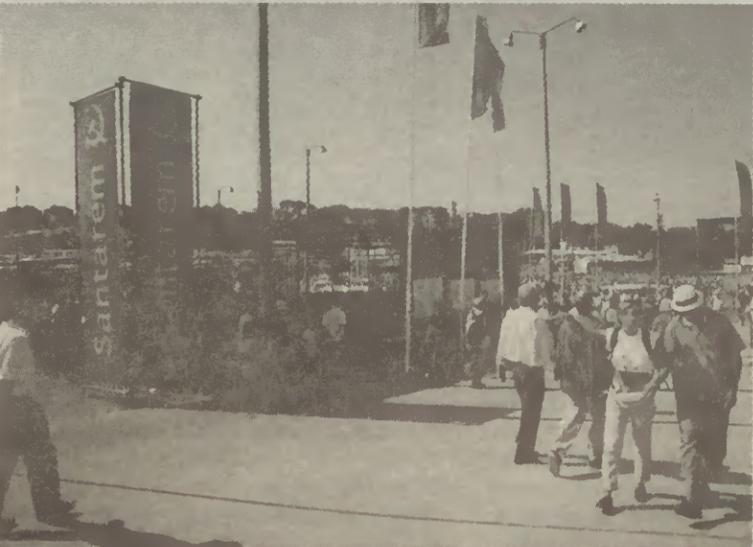
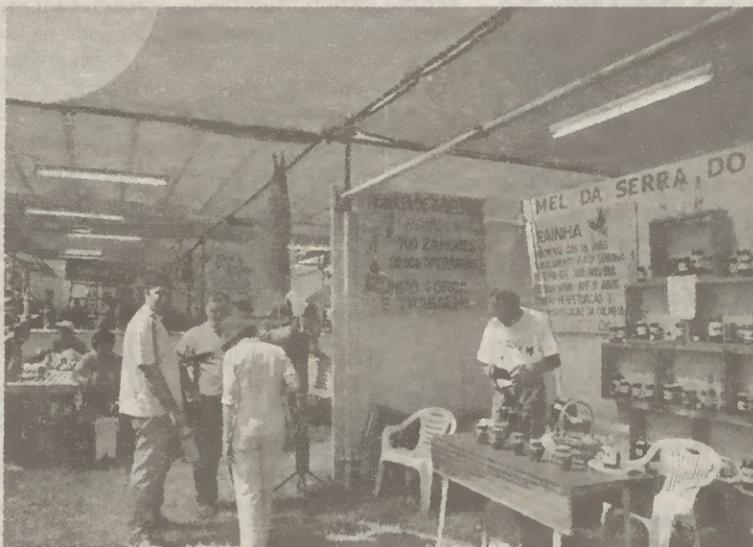
Para além do sempre concorrido «Bar Ponche», motivo de interesse para o visitante foi ainda a loja de artesanato, conhecido pela sua riqueza e diversidade, sobretudo pelos famosos bordados.

Porto

A grande aposta da organização do Porto, com um conteúdo sem dúvida inovador, foi a exposição multimédia. Os visitantes que a ela afluíram, em grande número, puderam ver o essencial da intervenção do Partido e da CDU, bem como a evocação dos 80 anos do Partido e dos 70 anos do «Avante!». A reter, da mensagem, os três grandes objectivos que norteiam no momento a acção dos militantes comunistas: o reforço do Partido; a dinamização da luta; o reforço eleitoral da CDU.

Novidade foi também a ligação à Internet, em computador instalado para o efeito, onde foram muitos os que quiseram visitar a página específica do Porto (www.porto.pep.pt) e nela encontraram abundante informação sobre tomadas de posição das organizações locais e regional, notas de imprensa, as intervenções na AR e ainda um especial «eleições 2001» com a apresentação das candidaturas e respectivos programas.

Com todos os 19 concelhos que compõem o distrito representados, nos seus stands, não faltaram motivos para atrair o interesse do visitante, fosse pelos produtos regionais, pelo artesanato ou pela gastronomia, onde sobressaíram, como era de esperar, as tripas à moda do Porto e o seu célebre vinho.



Santarém

Mesmo em frente à área do Palco 25 de Abril, sobressaindo no vermelho que cobria todas as suas paredes, estava Santarém. Também neste espaço a exposição política foi essencialmente dirigida para os 80 anos de vida do Partido e para os 70 anos do «Avante!», neles valorizando os aspectos relacionados com a luta dos trabalhadores no distrito. No plano da gastronomia, rica em sabores, trouxeram o que

didados não só à música popular como ao fado amador cantado por fadistas do Seixal.

Viana do Castelo

Com uma área de 550 m², o pavilhão de Viana do Castelo, decorado no seu interior com elementos alusivos ao mar e à pesca, teve vários motivos a justificarem uma visita. Um deles, seguramente, foi a gastronomia, com pratos que fidelizaram já de um ano para o outro visitantes certos. É o

alternativo. Chama-se «massa à lavrador» e o acolhimento, pelo que nos disseram, não podia ser melhor. Para essa adesão das pessoas terá contribuído certamente não só a qualidade dos produtos e a arte de os confeccionar como também o agradável espaço por onde os visitantes podiam espaiar-se numa extensa área de esplanada devidamente protegida da inclemência do sol. Vila Real foi assim uma área sempre com muito movimento, onde nunca faltou a alegria e o convívio e onde os visitantes puderam conhecer na exposição política a actividade do PCP e as propostas das candidaturas CDU às próximas autárquicas.

Viseu

Do distrito de Viseu sempre vieram bons vinhos. Pode mesmo dizer-se que tem sido uma grande montra do que de melhor há no Dão, Douro e Távora. Famoso é o espumante de Varosa, mais conhecido por Murganheiro, que há quem diga ser o melhor do País. Assim voltou a ser este ano, com a particularidade de a garrafeira ao dispor do visitante ter sido enriquecida com uma produção particular de mil garrafas toda ela feita segundo os métodos tradicionais, o mesmo é dizer produzido, engarrafado e lacrado manualmente. Em boa hora foi também a ideia de trazer para a Festa a pastelaria regional. Foram muitos os que puderam apreciar os célebres pastéis de Vouzela, as queijadas de Lafões ou as «castanhas de ovos», estas últimas esgotadas logo na tarde de sábado. O destaque, no plano político, vai para presença de vários candidatos da CDU às próximas autárquicas que mantiveram contactos com os visitantes dos stands.

● JC



Café-Concerto

A arte como instrumento de liberdade

«A liberdade de criação e o compromisso político» foi um dos temas que preencheu a programação do Café-Concerto, espaço de debate na Organização Regional de Lisboa que contou sempre, não obstante o intenso calor, com um público vasto e interessado.

Das várias expressões de criação artística, numa introdução ao debate, falaram os oradores convidados, apresentados por Manuel Gusmão, que, referindo-se ao tema proposto, afirmou ser um «problema teórico e prático» sobre o qual a reflexão é sempre oportuna e necessária.

Nas suas palavras iniciais uma referência particular foi dada à figura de Bento de Jesus Caraça que, não sendo exactamente um artista, foi, segundo Manuel Gusmão, «um criador de cultura e um cientista» que em 1931 proferiu «iluminosamente» uma afirmação que se traduz numa questão fundamental: a da necessidade de levar a cultura às massas como forma de promover a cultura integral do indivíduo.

Para o escritor Urbano Tavares Rodrigues, que falou da obra de Soeiro Pereira Gomes, também este foi um criador preocupado com os problemas do seu tempo e um «artista ao serviço da revolução», politicamente empenhado, que «deu a vida por uma causa» e que em vida escreveu verdadeiras «obras de arte», pela «estrutura e qualidade do texto», como foi o caso de «Esteiros».

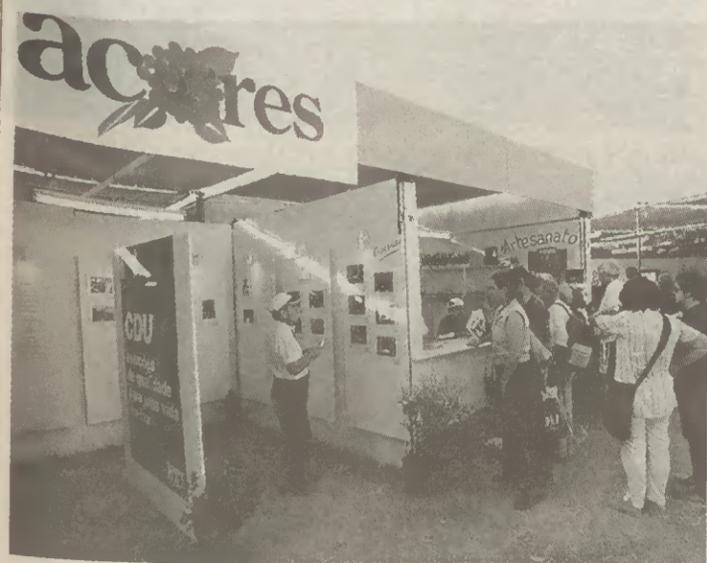
Margarida Tengarrinha, por seu lado, defendeu a ideia de que a liberdade de criação é indissociável da liberdade de o criador apresentar a sua obra ao público. Essa é uma condição essencial que em muitos

casos não é assegurada e muitas vezes foi coarctada, como sucedeu no regime fascista. E a excepção, nesse período negro da nossa história, lembrou, foram as «exposições gerais de artes plásticas» promovidas pelo MUD, no pós guerra. Impulsionadas por criadores como, entre outros, José Dias Coelho, Júlio Pomar, Jorge Vieira, António Domingos e Rogério Ribeiro, as «exposições gerais» foram um espaço de liberdade em que não houve qualquer discriminação no que respeita à diversidade estética das obras, e com um importante papel na luta contra o fascismo, sendo, por isso, alvo da sanha persecutória da PIDE.

Como o foi também Fernando Lopes Graça, cuja memória, tal como a sua notável obra, foram também evocadas no decurso do debate pelo maestro José Robert, que dirige o coro da Academia dos Amadores de Música. Por si recordado foi, nomeadamente, o facto de em Lopes Graça «nunca a arte estar desligada do compromisso e da militância política» e de a sua música, quer a composta para concerto («para ser sentida e pensada») quer a música participativa («para toda a gente a poder cantar») ser uma música «para o século XXI» que integra o património da Humanidade.

Nota de realce na programação do Café-Concerto merecem ainda o debate sobre «globalização e património», que contou com a participação de Cláudio Torres, José Pessoa, José Vargas e Vítor Serrão, bem como o lançamento do n.º 10 da revista «Caderno Vermelho», dirigida por Manuel Gusmão.

● JC



de melhor há na região, como é o caso da sopa da pedra. O mesmo sucedeu com a doçaria regional, conhecida pela sua diversidade, desde a broa de mel e os arpepiados de Torres Novas, ao pão de ló de Torres Novas, passando pelas tigelas de Abrantes. Motivos de sobra para que Santarém fosse sempre, nos três dias, um espaço concorrido e animado.

Setúbal

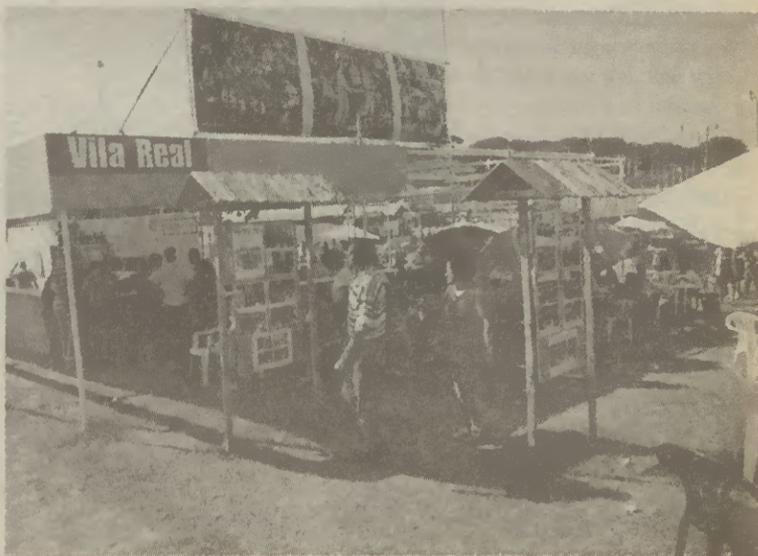
O trabalho da CDU nas câmaras sob a sua responsabilidade foi um dos aspectos marcantes na exposição política, confirmando não só a riqueza do trabalho realizado como a qualidade das propostas e projectos a submeter ao veredicto popular em Dezembro próximo. Eram testemunhos vivos e eloquentes que ajudam a compreender as razões pelas quais as populações dão o seu voto de confiança aos comunistas e seus aliados e de como estes, sabendo honrar os seus compromissos, fazem jus à frase que em letras garrafais podia ler-se na grande torre que definiu o espaço de abertura a quem entrava pelo lado da «Praça da Paz»: «da sua palavra, aos nossos actos». Atenção particular foi ainda dada, em duas outras exposições, à luta dos trabalhadores na região e aos 80 anos do Partido.

Mas a quem por lá passou não faltaram outros e variados motivos de interesse. O espaço era, aliás, convidativo, por força da disposição dos 118 módulos de 4X4 metros que criou boas áreas de decompressão e muita sombra. Condições boas, pois, desde logo, para uma pausa para retemperar forças e saborear pratos regionais como a massada de cherne ou o arroz de tamboril. Ou para assistir às inúmeras apresentações que preencheram o vasto programa do palco de Setúbal, que, sendo dirigido para um público heterogéneo, mobilizou muitos jovens, ren-

caso do arroz de serrabulho ou dos rojões com arroz, mas também do arroz de galo. Iguarias de fazer crescer água na boca, como o foi também a doçaria regional. Os lenços, os bordados e as rendas de Viana, as socas e chancas de Paredes de Coura ou os fusos de Arcos de Valdevez foram algumas das peças representativas do belo artesanato da região.

Vila Real

Para além dos pratos regionais, que é já uma tradição trazerem à Festa, os comunistas de Vila Real apostaram este ano em servir um outro prato



Espaço da Juventude

A outra ode à Alegria

• Gustavo Carneiro

Sempre muito movimentado, o Espaço da Juventude voltou a ser um espaço de criatividade, irreverência e alegria. Uma alegria que só abrandava quando, por breves instantes, era transferida para o relvado do Palco 25 de Abril, durante a «Carvalhesa», para voltar em seguida.

Recebendo os visitantes com uma faixa a afirmar que «o sonho comanda a vida» e a apelar à luta, a Cidade da Juventude contou com diversos pontos de interesse. O Palco «Novos Valores», apresentando bandas de todo o País e de diversos estilos musicais, contou sempre com pequenas multidões a assistir aos espectáculos, nomeadamente nos dois últimos dias da Festa, porque na sexta-feira apenas duas bandas puderam actuar no espaço da juventude – devido à realização no Palco 25 de Abril, mesmo ali ao lado, da Nona Sinfonia de Beethoven

– sendo as restantes transferidas para diversos outros palanques espalhados pelo recinto.

Para além da música e dos debates, muitas foram as actividades realizadas, de onde se destaca a noite de magia, na qual o jovem ilusionista impressionou a assistência com os seus truques.

Jorge Martins, dirigente da JCP, considera que a Festa correu muito bem e destaca o maior envolvimento da organização na construção e manutenção do espaço e da Festa em geral. «Envolvemos mais gente no trabalho, o que é bom», realçou, lembrando

que «tivemos mais um bar vegetariano do que no ano passado, os mesmos quiosques de gelados, um quiosque de tabaco e a distribuição de balões às crianças. Tudo assegurado por militantes da JCP». Isto para além dos bares, bancas, vendas ambulantes do jornal da organização, *AGIT*, e da Revista Programa, Brigadas de Contacto e muitas outras tarefas necessárias ao bom funcionamento do espaço jovem.

Os temas políticos foram três: as lutas da juventude no ano de 2001; a comemoração dos 80 anos de existência de organizações de juventude comunista em Portugal e as próximas eleições para as autarquias, a realizar em Dezembro.

Ao lado dos jovens

Sobre os dois primeiros temas se debruçou a exposi-

ção, apresentada nos dois lados de uma parede e sobre um suporte artístico da autoria de jovens comunistas. De um lado da parede, a exposição mostrava uma barra cronológica abrangendo os últimos oitenta anos e contendo as principais datas históricas da vida e da luta dos jovens comunistas no nosso País. Do outro lado, o tema era o ano de 2001, apresentada como «um ano de luta», onde era possível obter, de forma simples e directa, informação sobre as principais lutas dos jovens neste ano, com especial destaque para a luta dos estudantes contra a Revisão Curricular, dos jovens trabalhadores contra a precariedade e dos jovens do mundo contra o imperialismo, patente na realização do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, que juntou cerca de seis mil jovens de mais de 140 países.

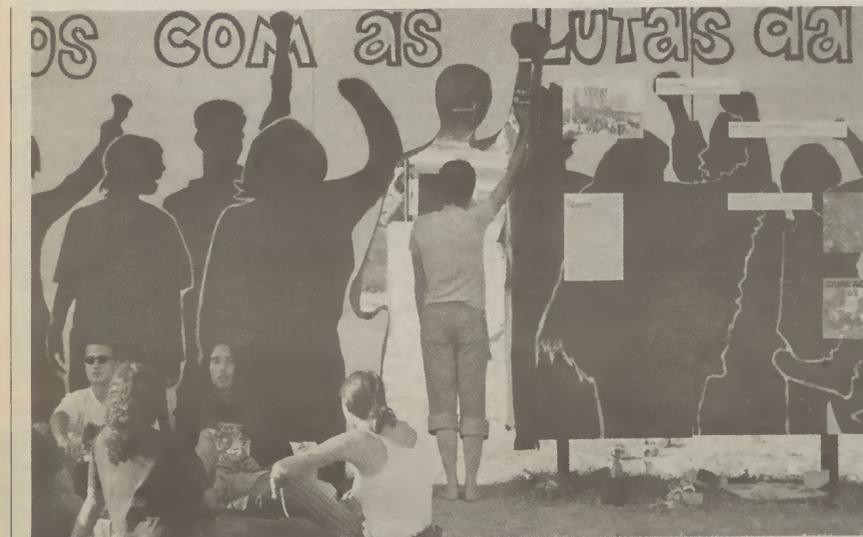


Muitos jovens percorreram a Festa a contactar com os visitantes, quer nas brigadas de contacto quer a vender o *AGIT*

As eleições autárquicas de Dezembro foi o tema, ou, nas palavras de Vanessa Silva, membro da Comissão Política da JCP, «o pretexto» para o contacto com os jovens visitantes da Festa pelas já célebres Brigadas de Contacto, compostas por seis equipas de cerca de dez elementos. Isto porque, se a ideia inicial era contactar os jovens para apelar à sua participação no projecto autárquico da CDU e na construção dos programas eleitorais da coligação para cada concelho, os jovens «brigadistas» encontravam-se preparados para falar sobre muitos outros temas o que, muitas vezes, tinham que fazer, como conta

Vanessa. «Muitas vezes a conversa encaminhava-se no sentido de temas como o emprego, o ensino ou a toxicodependência», diz a dirigente da JCP, confessando que, não poucas vezes, as conversas terminaram em novas inscrições.

Todos estes temas são igualmente tratados no número 55 do jornal *AGIT*, vendido na banca e por toda a Festa, que também inclui uma entrevista com o cantor e compositor Jorge Palma, um texto sobre o julgamento do ex-presidente jugoslavo Slobodan Milosevic, para além de muitas outras questões de actividade e propostas da Juventude Comunista Portuguesa.



Renata Candeias diz que a ideia da porta resultou, já que muita gente erguia o punho ao passar

«Uma estrela que brilha»

Uma das coisas que mais saltava à vista na Cidade da Juventude era o suporte artístico das exposições políticas. Na parede, onde se afixavam fotografias e legendas relativas aos temas políticos da 25.ª edição da Festa – os 80 anos das juventudes comunistas em Portugal e as lutas da juventude neste ano de 2001 –, encontravam-se pintados dois murais ligados por uma porta em forma de vulto humano com o punho erguido.

Renata Candeias tem 18 anos e foi uma das responsáveis pela concepção desta parte da exposição. Esteve na Atalaia um mês inteiro, na brigada de implantação do espaço da juventude, e fez de tudo um pouco. «Trabalhei nos tubos, na madeira, nos toldos, em tudo, acho eu...», diz a jovem, que terminou o 12.º ano de artes há poucos meses. Depois, como integrava o grupo de trabalho da exposição política, ficou responsável por realizar o esboço dos murais, que foram colectivamente discutidos e decididos.

«Eu vejo exposição, naqueles três dias de Festa como um objectivo em si», afirma, não se importando com o facto de, findos os três dias, o seu trabalho de criação, termo do qual não gosta (ou não aplica exclusivamente à componente artística, mas a tudo o que lá se faz), ser retirado e as placas armanizadas para serem aproveitadas no próximo ano: «Não sei se faço uma boa comparação, mas eu vejo a Festa do *Avante!* como uma estrela cadente que brilha durante três dias por ano, todos os anos. Quando, no domingo à noite, o espaço

começa a ser desmontado, sabemos que já estamos a preparar a próxima Festa, que terá de ser diferente – e melhor – para que as pessoas se sintam bem».

Para além dos dois murais da exposição política, havia outro, realizado pelos alunos da escola secundária Fernão Mendes Pinto, de Almada, que representava uma manifestação de estudantes contra a Revisão Curricular. Renata conta que foi pintado na escola, antes das férias da Páscoa, e serviu para mobilizar os seus colegas para as lutas do terceiro período. «Fui eu que, na escola, fiquei com a tarefa de o pintar, mas foi bonito de ver vários colegas, que eu não conhecia, a ajudar-me.» Muitos desses colegas «não estavam politizados e o facto de terem colaborado – porque gostavam de pintar – contribuiu para que se tornassem um pouco mais conscientes». Para além de quem contribuiu para que o mural fosse pintado, também quem o viu, na escola, ficou um pouco mais consciente para o problema da Revisão Curricular. Aliás, Renata considera que a «componente artística é sempre muito importante, para mais quando, como nós, se vive num tempo e numa sociedade em que o artista não se preocupa em tentar que a sua arte contribua para mudar alguma coisa». «Estão voltados para o seu umbigo», lamenta.

«Na Festa não é assim», afirma. «As pessoas que lá trabalham fazem-no sem pedir nada em troca; apenas pela realização de um objectivo comum.» E, sobretudo, não querem louvores, conclui.



Comemoração

80 anos com a juventude

Os oitenta anos de existência das organizações de Juventude Comunista foram comemorados na Festa do Avante!, onde se recordou o papel dos jovens comunistas na defesa dos direitos da juventude através de várias gerações, desde o longínquo mês de Julho de 1921, data da formação das Juventudes Comunistas, a primeira das organizações de juventude do PCP, até aos dias de hoje.

Na tarde de domingo, o debate realizado na Cidade da Juventude centrou-se na partilha de experiências passadas nas diversas épocas e

igualmente da Comissão Política e participante nas lutas estudantis de final dos anos 60 e princípio dos anos 70 e João Honrado, que foi mem-

que estiveram na criação do Partido, na reorganização dos anos 40 e no processo revolucionário que se seguiu ao 25 de Abril», disse o jovem dirigente. Já João Honrado colocou a tónica da sua intervenção na rejeição da ideia que os jovens não participam, destacando que, «ontem como hoje, há os que se interessam e os que não se interessam, há jovens mais e menos adiantados politicamente». O velho militante recordou os tempos do MUD Juvenil, que contribuiu para a formação política e humana dos jovens daquele tempo.

«Muitos quadros operários estudaram e aprenderam por acção do MUD», lembrou, contando em seguida que aquela organização tinha intervenção cultural, em bibliotecas – legais ou ilegais –, em aulas e em passeios.

Continuar a lembrar

António Abreu confessou que viveu numa época de enorme repressão sobre os jovens e de enorme discussão ideológica nas universidades, com o advento de alguns pequenos grupos esquerdistas. Contou ainda que a repressão enviava os dirigentes estudantis para a guerra e que isso constituiu um enorme erro para o regime, pois

esses jovens seriam decisivos para o alterar do rumo da guerra, consciencializando os soldados que aí se encontravam. Quando se apercebeu do erro, o regime voltou atrás e proibiu a ida destes jovens para a guerra, o que fez com que o dirigente do Partido não chegasse a ser incorporado.

Luísa Araújo, por sua vez, referiu a enorme confiança que o Partido deposita na sua juventude, patente na autonomia que lhe atribuiu, ao nível da direcção, da acção e da actividade. Na Festa, não só no debate se lembrou esta data. Também a exposição continha diversas informações sobre o assunto, desde a formação da JC, em Julho de 1921, na Rua dos Fanqueiros, passando pela FJCP dos anos 30 e pelo MUD-Juvenil – organização unitária de juventude nos anos 40 e 50, impulsionada em grande parte por jovens comunistas –, desembocando nas mais recentes organizações, nomeadamente a UEC, o MJT, a UJC, e, desde 1979, a JCP.

Para além da Festa do Avante!, a JCP tem, ao longo deste ano, lembrado a passagem destes oitenta anos de actividade organizada dos jovens comunistas com exposições, debates, artigos n.º «O Militante», entre outras iniciativas, que se prolongarão até final do ano.



Um ano de luta

No sábado, os jovens discutiram, num debate moderado por Elsa Paixão, da Comissão Política da JCP, as lutas da juventude. A principal conclusão da discussão foi a de que a juventude lutou, no ano 2001, em defesa dos seus direitos. Os oradores, jovens ligados a diversos sectores da juventude, confirmaram essa ideia. Paulo Marques, comunista e dirigente estudantil do ensino secundário, lembrou que, desde o início da luta contra a Revisão Curricular, em Maio de 2000, mais de 200 mil jovens lutaram por um ensino para todos. Joel Vasconcelos, dirigente da JCP, considerou que a luta por um ensino público e de qualidade é antiga e continua e que o seu sucesso depende da acção e do empenho da JCP e dos seus militantes.

Dirigente da Interjovem, Célia Lopes contou a experiência dos jovens trabalhadores da Portugal Telecom que, ao serem confrontados com um despedimento sem justa causa, levaram a cabo uma luta e venceram, tendo assegurado os seus postos de trabalho e aumentado, em muito, a sua consciência política. Em seguida, a sindicalista contou que, actualmente, os jovens já não lutam apenas pela melhoria dos salários, mas também contra a precariedade e pela efectivação dos seus direitos e lembrou a realização da quarta conferência da organização juvenil da CGTP-IN em Outubro.

A deputada Margarida Botelho usou a palavra para afirmar que a luta da juventude já garantiu uma série de direitos e que tivesse o PCP mais um deputado e a Revisão Curricular podia ser já apenas uma medida chumbada, estabelecendo a ligação entre o reforço do Partido e a luta social em defesa de direitos.

Questionados por um jovem sobre que faria a JCP relativamente aos cortes orçamentais para o ensino, os dirigentes comunistas foram unânimes em afirmar que a luta contra estas medidas se faz nos locais onde estes se fazem sentir, ou seja, nas faculdades. Paulo Marques lembrou que a luta do ensino superior pela qualidade do ensino e contra as carências materiais é uma luta antiga dos estudantes do ensino secundário, que fizeram desta uma das grandes bandeiras das grandes lutas estudantis dos dois últimos anos.



João Honrado e António Abreu contaram histórias da sua juventude e emocionaram a assistência

organizações juvenis do PCP, ou por si dinamizadas. Apresentado por Ana Pato, da Direcção Nacional da JCP, que referiu que esta iniciativa foi o «ponto alto das comemorações dos 80 anos da juventude comunista», o debate contou com a presença de Pedro Silva, dirigente da JCP, Luísa Araújo, membro da Comissão Política e responsável pelo trabalho da juventude, António Abreu,

bro do MUD Juvenil. Com dezenas de jovens a assistir, este debate contou com uma série de momentos de grande emoção, sobretudo quando os participantes mais velhos contaram as suas histórias. Pedro Silva fez uma retrospectiva histórica dos últimos oitenta anos, referindo que desde o início que os jovens foram – e são – indispensáveis para a força do Partido: «eram sobretudo jovens os



Beethoven no Palco 25 de Abril

● Francisco Costa

Um memorável hino à alegria

Poderíamos aqui falar das mais de noventa vias de microfones utilizadas para a captação e para o harmonioso balanço entre os vários nappes instrumentais, coro e solistas vocais; ou dos quase oitenta mil watts lineares capazes de levar a música, se necessário, até à Porta de Medideira; ou, ainda, da capacidade de organização e produção necessárias para dinamizar e por de pé, em recinto aberto, uma manifestação musical jamais tentada entre nós com esta dimensão quantitativa – e, uma vez mais, sem quaisquer cedências no plano qualitativo.

Mas o número impressionante de espectadores (para cima de 50 mil!) que puderam assistir na passada sexta-feira, frente ao Palco 25 de Abril, ao concerto de abertura dos espectáculos da Festa deste ano, lotando por completo o amplo recinto à frente deste para religiosamente ouvir (e espontaneamente interferir) na interpretação de uma das maiores obras do património artístico e cultural mundial – a **Sinfonia n.º 9 em Ré menor op. 125 «Coral»**, de **Ludwig van Beethoven** –, suplanta todos estes frios dados da tecnologia. E representa, sem dúvida, o traço essencial para se compreender o alcance sociológico e cultural (mas também político) do evento, ao mesmo tempo que constitui uma prova incontornável da continuada capacidade do PCP em levar a cabo iniciativas que dignificam a Arte e a Cultura e que, seguramente – não apenas em termos simbólicos –, será motivo de chamada de atenção e aviso a muitos daqueles que persistem nos preconceitos acerca do PCP e dos seus reais propósitos na sociedade portuguesa, por muito que uma imprensa por completo comprometida com a classe dominante se deixe cobrir de ridículo (excepções honrosas à parte) ao persistir de forma tão miserável quanto desastrada na sub-

tracção da transparente realidade ao conhecimento generalizado dos seus leitores.

Porque é de um ponto de vista de classe que também se torna necessário julgar a importância (entre todos os outros) do espectáculo inaugural desta 25.ª Festa do «Avante!». Melhor do que ninguém, as entusiasmadas e sentidas palavras dirigidas ao público pelo próprio **Miguel Graça Moura** no final do concerto, e antecedendo um *encore* intensamente participado pelos milhares de espectadores terão expressado em termos claros e inequívocos a emoção (e para muitos a surpresa!) sentida perante a impressionante dimensão e o inteligente comportamento de uma plateia interclassista e de hábitos culturais necessariamente tão diversificados como aquela que acabara de comungar da Grande Música do mestre de Bona.

Aliás, o maestro da **Orquestra Metropolitana de Lisboa** tinha fartas razões para se congratular com o desenrolar do concerto. Depois da audição de uma correctíssima versão da **Abertura «Egmont»**, servindo de adequado aperitivo à peça de resistência do concerto, a **Nona Sinfonia** acabou de ser garantida com assinalável segurança técnica e rigor interpretativo, sobretudo tendo em conta não apenas a conhecida complexidade na manutenção e alternância entre os contrastantes «tempos rítmicos» internos como o peso e a extensão da própria obra, com os transcendentais cambiantes expressivos que a informam em termos da dinâmica, expressão orquestral e finalmente vocal nos quatro longos andamentos que a compõem: desde o misterioso início do primeiro andamento (*Allegro ma non troppo, un poco maestoso*) até ao brilhantismo e fulgor da Ode à Alegria final, passando pela insisten-



9.ª Sinfonia de Beethoven, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e Coro de La Maestranza de Sevilla

te cadência rítmica do «perpetuum mobile» e o imparável desenvolvimento da Fuga no segundo andamento (*Molto vivace*) ou pela tranquila e tão bem sustentada evolução do terceiro andamento (*Adagio molto cantabile/Andante moderato*), talvez uma das mais belas criações de **Beethoven** na calorosa, melancólica e envolvente fluidez da melodia do seu tema.

Mas terá sido, sem dúvida, o quarto e último andamento da sinfonia, com a esplendorosa recriação musical realizada por **Beethoven** a partir da *Ode à Alegria* de **Schiller**, que melhor traduziu a felicidade da interpretação, com a capacidade de direcção de **Miguel Graça Moura** a impor-se na condução da orquestra à qual se somaram solistas e coro, num crescendo

de intensidade que da melhor maneira se resolveu no *Prestissimo-Maestoso* final.

Neste âmbito, seria imperdoável não mencionar as qualidades individuais da brasileira **Rosana Lamosa** (soprano), da romena **Liliana Bizineche** (contralto) e dos espanhóis **Guillermo Orozco** (tenor) e **Jose Julián Frontal** (barítono), bem como a coesão colectiva e a capacidade interpretativa do **Coro do Teatro de la Maestranza de Sevilla** (dirigido por **Juan Luis Perez**).

Todos eles contribuíram para que tenhamos saído do recinto da Festa mais ricos do que lá entrámos e mais convictos nas indefectíveis ideias de Fraternidade e de confiança no devir mais justo da Humanidade, tão bem expressas na música de **Beethoven** e no poema de **Schiller**.

Fado no Auditório 1.º de Maio

Uma noite magistral

● Isabel Araújo Branco

Kátia Guerreiro subiu ao palco, na noite de sexta-feira, de saia preta comprida, camisa branca justa e uma écharpe vermelha à cintura. Pretendia certamente ser discreta, mas não conseguiu graças à sua voz forte e a uma interpretação soberba de todas as canções, acompanhada à guitarra por Paulo Parreira, à viola por João Veiga e à viola baixo por Armando Figueiredo.

Kátia canta de mãos atrás das costas e olhos fechados. Se os abrisse, via muita gente embevecida, sentada a beber a sua voz, a projectar-se na sua imagem e nas suas palavras, via quem a aplaudia com tanto entusiasmo no Auditório 1.º de Maio. Baixa a cabeça quando não canta, numa atitude de reverência pela poesia que proclama e as notas que a envolvem: «Sobe comigo a encosta, porque quando a gente gosta ninguém cala o coração.»

Não agradece mas sorri aos aplausos, levanta a cabeça, abre os olhos, fita de frente o público e extrai do peito um sorriso de onde há pouco saiu uma voz magoada, uma voz dorida de quem conhece o sofrimento mas não foge à vida, de quem luta e não desiste nem que seja por princípio. Mas sofre, mas luta.

Do seu repertório fizeram parte clássicos e fados do seu disco. Mas Kátia também cantou a alegria e, claro, a inevitável Mariquinhas compareceu. Amália esteve também presente e, homenageando a grande fadista, Kátia cantou «sou água fresca a correr na fonte». E era mesmo verdade. Quando ouvimos «Barco Negro» só nos vem uma palavra à cabeça: magistral. Será que podemos dizer que esta versão é melhor do que a original?

Para dar lugar ao fogo de artifício que iluminava o céu, Kátia saiu do palco, mas poderia continuar a cantar porque vence facilmente deste tipo de concorrência.

Depois de Kátia Guerreiro, foi a vez de Ana Sofia Varela, com direito a um cenário próprio, com extensos panos de algodão branco ao fundo e uma mesa ao canto encimada com cinco girassóis. Aos seus pés dois tules claros.

Os seus longos cabelos louros ocultam-lhe por vezes a expressão, mas não o sentimento. Canta fados do seu disco e homenageia Maria Teresa de Noronha, uma das suas principais referências.

O guitarrista Mário Pacheco, o viola Carlos Manuel Proen-



Kátia Guerreiro



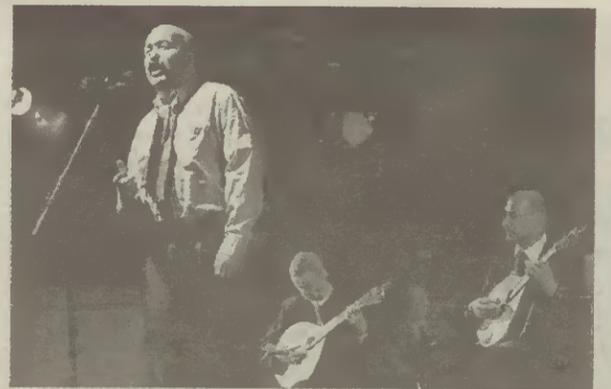
Ana Sofia Varela

ça e o contrabaixista Paulo Paz também brilham, em belos momentos acústicos.

Mesmo quem pensa que não gosta de fado tem pena quando ouve as despedidas.

Estrelas amadoras

Lisboa não é só fado, mas o fado também não é só Lisboa. Prova disso é o projecto Fado Seixal – com origem na década de 30 e dedicado a fadistas amadores residentes no concelho



Fado Seixal

– com uma actuação aclamada ao início da noite no Auditório 1.º de Maio. Espalhadas pelo palco estavam quatro mesas com toalhas aos quadrados azuis e brancos, decoradas com velas e jarros e copos de barro. Nelas agrupavam-se os fadistas, ao lado de alguns figurantes.

Depois de uma hora de espera, ouviu-se finalmente Sebastião de Jesus: «Silêncio, canta-se o fado!» Acompanhados por duas violas e duas guitarras portuguesas, sucederam-se onze cantadores e cantadeiras, que trouxeram consigo todas as personagens populares da nossa terra, em particular da capital e das localidades em redor.

Veio a «Menina das Tranças Pretas» e os seus raminhos de violetas a subir o Chiado: o Chico do Cachené, a Mariquinhas, a Clotilde, a Mafalda e as outras colegas lá de casa; as ruas de Lisboa e os seus bairros; as cantadeiras de xaile traçado e as varinas; as touradas e o bacalhau; o ambiente das tabernas e os seus frequentadores; a ginginha e o vinho tinto; os artistas, os operários e os pescadores.

Adília Rodrigues, com uma écharpe verde ao pescoço, não se fez rogada e explicou o que é o fado: «amor, ciúme, cinzas e lume, amor e pecado. Tudo isto existe, tudo isto é triste, tudo isto é fado». E o público cantou em coro.

Estas estrelas do fado amador são grandes, mas nem todos o são em tamanho. O auditório ficou encantado com a potente voz de Cristiana Vanessa, de 13 anos, e Joana Veiga, de 11 anos, a mais nova do grupo, com um longo vestido cor de mar. Destaque ainda para Armando Fragata, Lena Santos e Mário André, vencedor da categoria juvenil da Grande Noite do Fado de 1993.



Do comício da Festa para mais um ano de luta

Podíamos chamar-lhe *rentrée*, mas o estrangeirismo está estafado e não falta por aí quem o deixe muito mal visto e mais ligado às artes do espectáculo do que à actividade política. Podíamos chamar-lhe **retoma**, mas o termo ficou completamente falho de credibilidade por, em sucessivas ocasiões, apenas se aplicar às empresas e à

macroeconomia, já que os trabalhadores ficam permanentemente a sofrer a crise.

Poderia ser um **recomeço**, mas o conceito é totalmente desadequado relativamente aos muitos comunistas e amigos da Festa que aproveitaram o intervalo no trabalho para fazerem uma temporada na *praia* da Atalaia.

Chamemos, então, ao

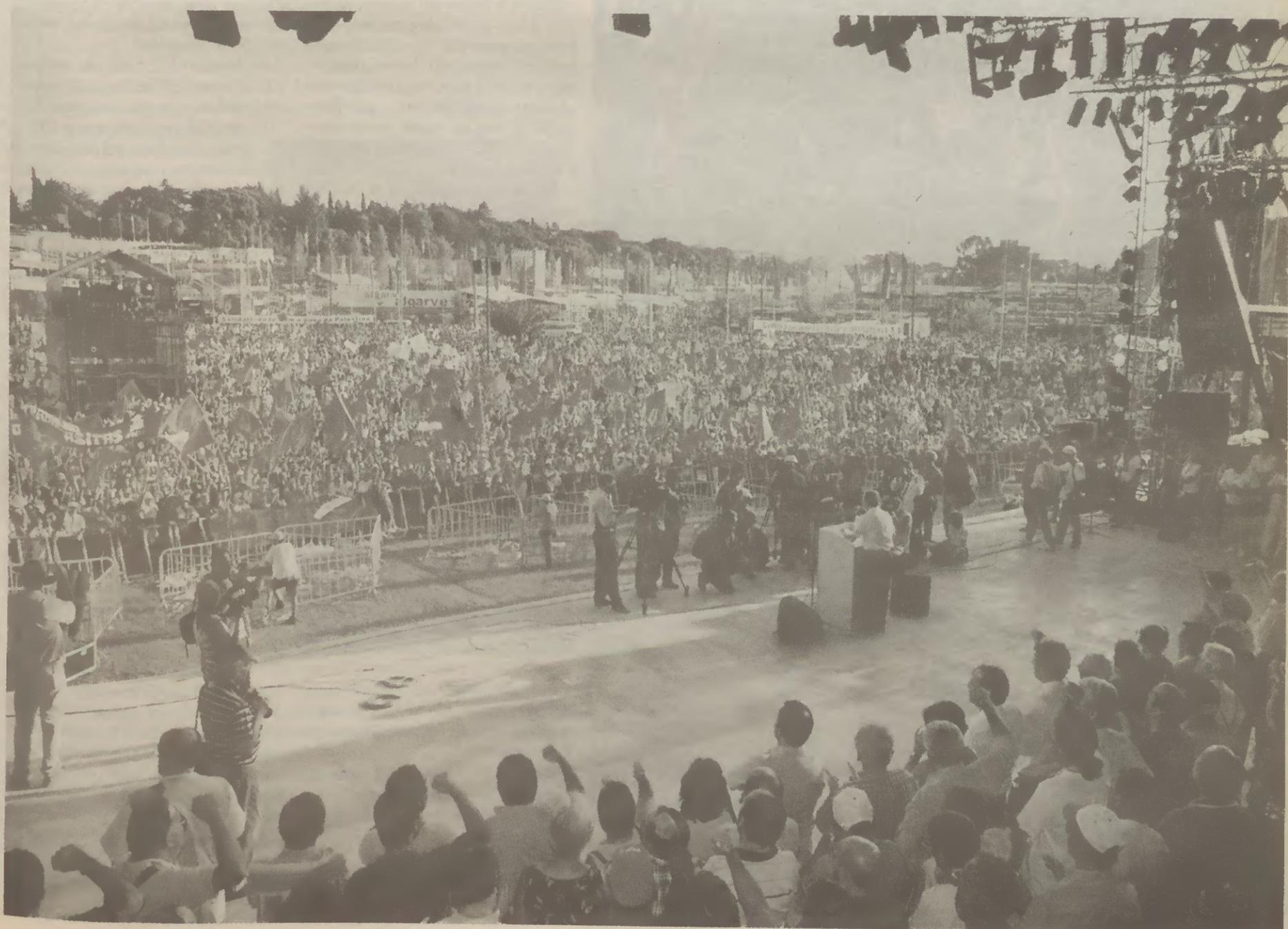
comício da Festa do *Avante!*, um ponto de partida para mais um ano de luta.

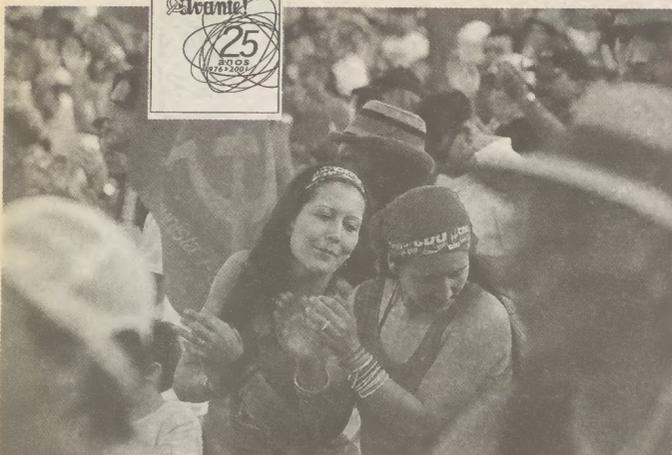
Esta ideia perpassou as intervenções do secretário-geral do Partido, **Carlos Carvalhas**, de **José Casanova**, director do *Avante!* e membro da Comissão Política, e de **Miguel Madeira**, membro do Secretariado e da Comissão Política da Direcção Nacional da JCP e

membro do Comité Central do PCP – apresentados por **Celeste Soeiro**, do Comité Central.

E com energias renovadas para essa luta saíram os milhares de comunistas que participaram, domingo à tarde, no momento político mais importante do maior acontecimento político-cultural do nosso país.

● DM





Na Festa como todos os dias

Intervenção de Miguel Madeira

De Festa em Festa, na Festa dos comunistas, dos trabalhadores e da juventude. Na Festa onde a música, o convívio, a alegria, o debate, a discussão e a apresentação do nosso projecto e propostas ganham ainda mais força. Na Festa onde se respira liberdade, amizade, fraternidade e solidariedade. Na Festa do PCP – o Partido da Juventude –, dos comunistas e dos muitos milhares de pessoas que nela se revêem e participam.

Na Festa que é construída pelo trabalho militante de milhares de camaradas e amigos, saudamos as Organizações Regionais da JCP, a Organização do Ensino Secundário, a Organização do Ensino Superior e todos os militantes da JCP, que, com a sua disponibilidade revolucionária, vontade, determinação e trabalho, contribuem para a construção da Festa como desenvolvem a nossa

acção diária pela conquista dos nossos objectivos.

Aniversários

Saudamos a juventude portuguesa nesta Festa em que comemoramos os 30 anos das Juventudes Comunistas, só possível porque há em Portugal um partido que é o PCP. Partido revolucionário, partido da classe operária e de todos os trabalhadores. Partido com um percurso histórico e com um património de luta que já leva oito décadas.

Desde 1921 que a intervenção das organizações de jovens comunistas prossegue o caminho da luta por uma sociedade melhor, mais fraterna, mais justa, mais solidária.

É na JCP, organização revolucionária da juventude, que os jovens, unidos por este objectivo, desenvolvem o ideal comunista, em profunda ligação com a realidade e aspirações juvenis, valorizam a luta organizada, trabalham e lutam para que não haja lugar à exploração do Homem pelo Homem, para que seja possível a plena concretização dos direitos e anseios dos jovens, pela construção de uma sociedade sem exploradores nem explorados, pelo socialismo, rumo ao comunismo.

Saudamos os 70 anos do *Avante!* e o esforço, a dedicação e o trabalho dos muitos camaradas que têm tornado possível levar mais longe a voz do Partido.

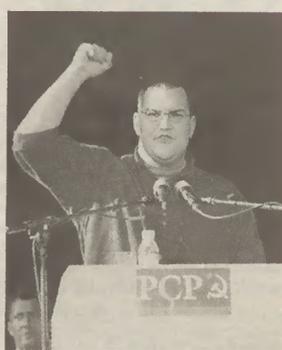
Em luta

Há luta de Festa a Festa. E de Festa a Festa a juventude está em luta!

Luta por uma educação pública, gratuita e de qualidade, pela suspensão da revisão curricular, pelo fim do *numerus clausus*, por melhores condições materiais e humanas nas escolas, pela efectiva aplicação da lei da educação sexual, pela revogação da Lei de Financiamento do Ensino Superior, pelo fim das propinas, por mais e melhor Acção Social Escolar. Luta que denuncia e combate a elitização do ensino, a desresponsabilização do Estado na educação, o subfinanciamento e os sucessivos cortes orçamentais, agravados recentemente pelo corte de mais 11 milhões de contos no Ensino Superior pelo Orçamento Rectificativo.

Luta contra o desemprego, os baixos salários e a precariedade das novas gerações de trabalhadores, pelo emprego com direitos, pela dignificação e valorização do trabalho.

Saudamos a Interjuvem e desejamos que a sua 4.ª Conferência Nacional, a realizar em Outubro, seja um momento



de luta e afirmação de propostas e de futuro.

Saudamos as estruturas associativas juvenis e reafirmamos que continuaremos a denunciar e a combater as tentativas de instrumentalização e governamentalização do movimento juvenil e vincamos a sua importância no contributo activo para a definição das políticas que os abrangem.

Saudamos a CDU! Saudamos também a Ecolojovem e os milhares de jovens que acreditam no projecto autárquico da CDU, que dão força à Juventude CDU, que participam e dão o seu contributo e opinião e que reconhecem, de facto, que somos diferentes nos ideais e nas acções, na forma e principalmente no conteúdo.

Nesta Festa, também internacionalista e de solidariedade com os povos e a sua luta, realçamos a realização, este ano, do 15.º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, na Argélia, onde mais de 6 mil jovens, de mais de 140 países, partilharam as suas preocupações e reflexões e em reforçar o seu carácter anti-imperialista, pela paz, pela solidariedade e pelo desenvolvimento. A JCP contribuiu ao lado de muitas outras organizações juvenis de todo o mundo para o reforço e a continuidade do movimento dos Festivais, existente há mais de 50 anos.

O sonho comanda a vida e, para o sonho se tornar cada vez mais real, é preciso lutar. Por isso a juventude está em luta! Está em luta, como ficou recentemente demonstrado pelos mais de cem mil estudantes do Ensino Secundário que saíram à rua. A juventude está em luta e não vai baixar os braços nem deixar que a silencie. E vai continuar a sonhar e a lutar por um futuro melhor! Vai continuar, com a JCP, a lutar pelo futuro!

Viva a luta da Juventude!
Viva a 25.ª Festa do *Avante!*!
Viva a Juventude Comunista Portuguesa!
Viva o Partido Comunista Português!



Uma grande afirmação política

Intervenção de José Casanova

Estamos a aproximar-nos do final da 25.ª Festa do *Avante!*: o que quer dizer que estamos a aproximar-nos do início da partida para a 26.ª Festa. Todos os anos, durante três dias, a Festa do *Avante!* é a nossa Festa, a Festa de muitos e muito milhares de comunistas e não comunistas, que aqui convivem, trocam alegrias e amizades e fazem deste espaço da Atalaia o local de maior concentração de fraternidade por metro quadrado em todo o País – e constitui, também por isso mesmo e como sublinhou o nosso XVI Congresso, uma grande afirmação política do Partido, das suas propostas, dos seus ideais e valores.

Na sexta-feira à noite, ouvimos aqui a 9.ª Sinfonia de Beethoven, em ré menor, uma revolução musical em quatro andamentos, percorridos, do princípio ao fim, por uma onda de fraternidade universal, de alegria, de liberdade, de amizade, de confiança, de luta. Nada melhor para abrir a nossa Festa – e nada melhor para demonstrar a força e a dimensão da Festa do *Avante!* e dos ideais que a percorrem, do que a receptividade que teve a 9.ª Sinfonia.

O tema da sinfonia

A Festa do *Avante!* – desde 1976 na FIL, até hoje, na Atalaia – é, também ela, uma longa sinfonia, percorrida, sempre, por essa mesma onda de valores humanos e revolucionários; portadora, também ela, da solidariedade fraterna, da amizade e da camaradagem, da força das convicções revolucionárias, da democracia e da liberdade, da determinação de luta, da confiança no futuro. É esse, de facto, o tema principal da Sinfonia Festa do *Avante!*, em alegria maior, vinte e cinco andamentos – é esse o tema presente no acto de construção da Festa, nesse momento alto de criatividade e dedicação protagonizado pelos milhares de camaradas e amigos que, justamente, designamos por construtores da Festa, entre os quais a JCP tem papel de destaque – e que daqui saudamos fraternalmente; é esse o tema presente na dedicação e na militância dos milhares de amigos da Festa que a fazem funcionar durante três dias, desta militância que é fonte de força essencial do nosso Partido e da nossa Festa – e aos quais daqui enviamos um forte abraço de camaradagem;

é esse o tema presente no apoio solidário prestado por muitas entidades, públicas e privadas, apoio amigo e indispensável para que a Festa seja a Festa – apoio que muito e muito agradecemos;

é esse o tema presente no convívio plural e fraterno dos muitos e muitos milhares de visitantes, entre eles muitos milhares de jovens, muitos deles não comunistas, que fazem deste belíssimo espaço, um espaço de alegria, de fraternidade, de futuro – aos quais saudamos com amizade; e aqueles que apenas se encontram connosco na Festa, dizemos: *Até para o ano – ou: Até um dia destes, se quiserem participar connosco nas lutas de todos os dias e verificar que a luta é também fraternidade, solidariedade, festa;*

é esse o tema presente na visita, carregada de amizade e solidariedade, de camaradas e companheiros de luta vindos de dezenas de países e que, representando os seus par-

tidos – comunistas, de esquerda e progressistas – aqui representam os seus povos e as suas lutas – companheiros e camaradas vindos da Alemanha, de Angola, da Bélgica, da Bolívia, do Brasil, de Cabo Verde, da República Checa, do Chile, da China, do Chipre, da Colômbia, da Coreia, de Cuba, do Curdistão, da Espanha, da Federação Russa, da França, da Grécia, da Hungria, do Iraque, da Itália, do Japão, do Laos, do Luxemburgo, de Marrocos, do México, de Moçambique, da Palestina, do Peru, do Sahara Ocidental, da Síria, do Sudão, da Suíça, de Timor-Leste, da Turquia, do Vietname; a todos expressamos a solidariedade e as saudações revolucionárias dos comunistas portugueses, a todos desejamos êxitos nas lutas que travam nos seus países, nestes tempos de opressiva globalização imperialista que tornam cada vez mais necessária a conjugação de forças, de esforços, de vontades, de resistências – nestes tempos que tornam cada vez mais premente o reforço da solidariedade internacionalista;

é esse, enfim, o tema que tem percorrido as 25 edições da nossa Festa e lhe dá um conteúdo e uma dimensão únicos – e o tema é esse, porque esta é a Festa do PCP, do Partido da verdade, da esperança e do futuro.

Jornal do PCP

Este ano e nesta Festa, comemoramos, também, o 70.º aniversário do *Avante!*, motivo de orgulho para todos os comunistas e também para todos os que, não o sendo, conhecem e reconhecem o papel do nosso jornal nas sete



dezenas de países e que, representando os seus par-

tes – comunistas, de esquerda e progressistas – aqui representam os seus povos e as suas lutas – companheiros e camaradas vindos da Alemanha, de Angola, da Bélgica, da Bolívia, do Brasil, de Cabo Verde, da República Checa, do Chile, da China, do Chipre, da Colômbia, da Coreia, de Cuba, do Curdistão, da Espanha, da Federação Russa, da França, da Grécia, da Hungria, do Iraque, da Itália, do Japão, do Laos, do Luxemburgo, de Marrocos, do México, de Moçambique, da Palestina, do Peru, do Sahara Ocidental, da Síria, do Sudão, da Suíça, de Timor-Leste, da Turquia, do Vietname; a todos expressamos a solidariedade e as saudações revolucionárias dos comunistas portugueses, a todos desejamos êxitos nas lutas que travam nos seus países, nestes tempos de opressiva globalização imperialista que tornam cada vez mais necessária a conjugação de forças, de esforços, de vontades, de resistências – nestes tempos que tornam cada vez mais premente o reforço da solidariedade internacionalista;

é esse, enfim, o tema que tem percorrido as 25 edições da nossa Festa e lhe dá um conteúdo e uma dimensão únicos – e o tema é esse, porque esta é a Festa do PCP, do Partido da verdade, da esperança e do futuro.

luta entre exploradores e explorados, o *Avante!*, tal como o seu Partido e enquanto seu porta-voz, ocupará o lugar que lhe compete: ao lado da classe operária, dos trabalhadores e do povo; solidário com todos os que, no Mundo, lutam por uma sociedade liberta da exploração do homem pelo homem; ao lado de todos os que lutam por um Mundo novo, fraterno, solidário, livre, socialista, comunista.

Viva a Festa do *Avante!*!
Viva o *Avante!*!
Viva a JCP!
Viva o Partido Comunista Português!



Intervenção de Carlos Carvalhas

Vontade transformadora que não desanima

Intervindo neste comício da 25.ª Festa do Avante!, temos perfeita consciência de que nem as mais inspiradas palavras jamais poderão dizer, sobre os 25 anos da sua realização e sobre o seu significado, tudo aquilo que seria justo dizer.

E essa é, desde logo, a primeira grande homenagem que se pode fazer à nossa Festa que, por tão rica e tão diversa, por ser um surpreendente espelho de mil faces, por ser uma saga admirável da militância comunista e do esforço humano e uma esplendorosa realização artística, cultural e política, é sempre mais expressiva que todas as palavras, sempre mais intensa que todos os retratos, sempre mais forte e comovente que todas as definições.

26 anos e 25 festas depois da FIL, evocando esse inesquecível momento fundador e a árdua mas exaltante caminhada que levou depois a Festa ao Vale do Jamor, ao Alto da Ajuda e à Quinta do Infantado, em Loures, até chegarmos, finalmente livres de boicotes, hostilidades e preconceitos alheios, à nossa Quinta da Atalaia, há acima de todas as outras uma justiça que tem de ser feita, uma homenagem que tem de ser prestada e uma gratidão que todos devemos uns aos outros.

A justiça, a homenagem e a gratidão para com os muitos milhares de militantes e amigos do Partido, com sucessivas gerações de homens, mulheres e jovens das mais diversas profissões, qualificações, saberes e experiências, que numa gesta de singular generosidade e ano após ano, em milhões de horas de trabalho e de criação, ergueram as 25 edições desta grande e incomparável festa do PCP, festa de Abril, festa do povo, festa da liberdade e da democracia, festa da juventude e do futuro.

Esta grande e incomparável Festa que vemos e sentimos, não

como um pequeno mundo perfeito para o nosso autocontentamento, mas como um território de afirmação das nossas responsabilidades e compromissos e como um espaço aberto ao País e aos seus problemas, aberto à vida e aos seus desafios, aberto ao mundo e às suas interpelações.

Esta grande e incomparável festa de uma vontade transformadora que não desanima, festa de uma esperança que não desfalece, festa das convicções democráticas que não claudicam nem abdicam, festa dos valores e ideais comunistas que se renovam e enriquecem mas não se rendem, festa da insubmissão e da verticalidade que jamais se deixarão humilhar e vergar, festa do Partido Comunista Português, há oitenta anos a fazer história e a construir futuro.

(...)
Neste singular e tocante encontro humano onde se afirma o papel do trabalho, da criação, da beleza, da arte e da cultura, onde se reafirmam princípios e convicções, onde se erguem bandeiras de grandes causas, sobressaem, como uma realidade indelével, as profundas raízes populares do PCP, a justeza da sua luta, a actualidade e vitalidade dos ideais comunistas.

Nós procuramos provar todos os dias que há razões para que mais portugueses e portuguesas nos apoiem e essa é seguramente uma grande alavanca para as mudanças nacionais que urgem.

Mas não somos daqueles que se limitam a dizer ao povo português: confiem em nós.

Não, nós sempre dizemos que há razões para confiarem em nós mas também sempre dizemos que há razões para os trabalhadores e trabalhadoras e os cidadãos em geral confiarem na força da sua razão, confiarem na eficácia da sua própria intervenção e da sua própria luta, e que nada nem ninguém a pode substituir.

E é por isso que, de novo à beira de grandes batalhas, nos dirigimos a todos os homens e mulheres sensíveis a ideais de progresso social para que sacudam as cortinas de fumo que continuamente são lançadas para esconder as causas reais dos problemas, mandem passear essa suprema mistificação de que os partidos, todos os partidos, seriam todos iguais, rejeitem as pressões para os transformar em meros espectadores de um «jogo político» propositadamente causativo e artificial e fortaleçam a sua consciência de que podem e devem ser, pela sua opinião e intervenção, os agentes da mudança de política que é necessária para o País.

Nesta 25.ª edição da Festa, em que também celebramos os 70 anos do nosso Avante! e os 80 anos de vida e luta do nosso Partido, com o seu valioso e insubstituível património, reafirmamos aos trabalhadores, ao nosso povo, aos nossos amigos estrangeiros, que o PCP não desertará das grandes causas que são razão da sua existência e que, com energias renovadas e com renovado vigor, continuará a luta pela transformação social, pelo aprofundamento da democracia, pela grande causa universal da dignidade e emancipação humana, sempre com os trabalhadores, sempre com o povo, sempre pelo socialismo, sempre por Portugal.



Basta de marketing político

Basta de marketing político, de promessas, de palavras e mais palavras para encobrir políticas de direita, conservadoras e neoliberais.

Onde estão as respostas concretas para resolver os problemas do povo e do País, de que falava o secretário-geral do PS em Valença do Minho?

Onde pára, senhor Primeiro-Ministro, a sua paixão pela Educação? Parece que se esfumou. Deve ter sido por isso que foram elaboradas revisões curriculares tão contestadas, e que tantos embaraços tem causado às escolas o novo regime de autonomia e gestão. Deve ter sido isso que o levou a tentar introduzir alterações nos graus de ensino leccionados nas escolas básicas e secundárias, que tanta confusão criou a escolas, pais e alunos, e que parece ter sido tão só determinada pela vontade de passar as escolas do 2.º e 3.º ciclos para a responsabilidade das autarquias.

Também deve ter sido por esse esfumar da paixão que o Governo teve a conhecida intervenção nos orçamentos do Ensino Superior universitário e politécnico, mantendo a cativação de verbas (que costumavam ser desativadas) e um afastamento cada vez maior do orçamento-padrão, que tinha sido negociado em 1993 com representantes do Ensino Superior.

E onde é que está, sr. Primeiro-Ministro, a tradução no concreto da sua paixão pela saúde? Nas inúmeras entrevistas, declarações, visitas e no blá, blá... do actual ministro?

As listas de espera, quer para cirurgias, quer para consultas de especialidade, continuam a ser de muitos meses e, em muitos casos, de anos.

As despesas com medicamentos são responsáveis por grande parte do crescimento da dívida do Ministério da Saúde, ao mesmo tempo que a população paga cada vez mais do seu bolso.

E no entanto, o Governo continua a recusar a aplicação de medidas elementares como instituir a prescrição pelo princípio activo e fomentar a utilização de genéricos, ou permitir que progressivamente nos hospitais se possam distribuir gratuitamente certos medicamentos, que saem mais baratos ao Estado se comprados e dispensados desta forma, do que pagando a participação no circuito comercial. Tais medidas, de evidente justiça e racionalidade, só não se aplicam porque quem comanda a política do medicamento são os interesses dos que embolsam milhões de contos de lucro com este negócio.

Agrava-se a falta de médicos, enfermeiros e outros profissionais da saúde.

Durante anos, no seguimento da política do PSD, o PS e o seu

Governo mantiveram e agravaram as dramáticas faltas de pessoal, as carências financeiras, os gestores nomeados por critérios partidários ou para favorecer interesses, a desorganização e a desumanização dos serviços. Durante anos apadrinharam a promiscuidade entre o sector público e o privado, sempre em prejuízo do primeiro, mantendo situações pantanosas como o exercício de medicina privada nos hospitais públicos.

Agora, face ao justo descontentamento da população, querem fazer crer que o problema reside no facto de os hospitais serem de gestão pública e que o privado tudo resolverá. Pretendem assim entregar nas mãos dos interesses privados e dos seus apetites lucrativos a saúde de muitos portugueses, quando o que se exige é a moralização da gestão pública.



Agosto não apagou efeitos nem responsabilidades

Neste reinício da intervenção política depois de férias, houve quem se esforçasse para que Agosto funcionasse como uma espécie de apagador de tudo quanto antes estava fortemente presente na situação política nacional e para que fosse possível simplesmente baralhar cartas e dar de novo.

Não contem conosco para isso.

O mês de Agosto não apagou os malefícios de uma política, nem a sucessão de «casos», conflitos internos e escândalos públicos, nem a evidência de que o Governo PS parece caminhar, pelos seus próprios pés, vontade e responsabilidade, para o fracasso e para a derrota.

É certo que dir-se-ia que o calor de Agosto derreteu a hostilidade com que o grande capital ainda há dois meses parecia olhar para o Governo do PS que sempre o tinha aparcado como infundáveis favores e benesses. Mas está à vista de todos os que quiserem ver que não foram nem a meteorologia nem os banhos que amansaram as críticas do grande capital ao Governo: foi um patético e atribulado processo de remodelação governamental à direita, foi a promessa de recuo na reforma fiscal, foi o leilão da Brisa e de outras empresas públicas e foi sobretudo o anúncio de quatro anos de ataque ao poder de compra dos salários, essa infame receita que faz pleno consenso entre PS, PSD e CDS-PP.

O mês de Agosto também não pode apagar a evidência de uma direita que nada tem para oferecer ao País, a não ser o que os portugueses rejeitaram há sete anos; a evidência de que, por detrás das ríspidas palavras que PS, PSD e CDS-PP trocam entre si, espereira sempre uma grande comunidade de interesses, de políticas essenciais e de complicitades, a evidência de que o maior motivo de oposição do PSD ao PS são as pastas, as postas e os «jobs», de que o PS beneficia e que o PSD está cansado de não ter.

Reafirmamos o nosso compromisso

E é por tudo isto que, no relançamento da nossa acção política, diante do agravamento dos problemas nacionais, aqui reafirma-

mos o nosso compromisso de honra de **trabalharmos e lutarmos mais e melhor por uma nova política, uma política de esquerda à altura das aspirações dos portugueses e dos desafios que o País enfrenta.**

Em breve debateremos o Orçamento de Estado, e é uma evidência que o PS o vai apresentar como se este fosse o primeiro Orçamento, como se este não fosse o sétimo, como se todos os anteriores não tivessem sido viabilizados pela direita, como se este Orçamento não tivesse a marca genética do Pacto de Estabilidade, das privatizações, do Orçamento Rectificativo e das 50 medidas da chamada contenção da despesa.

E, tal como uma vestal, fazendo o papel de vítima procurando passar as culpas para as oposições, vai emburhar-lo com frases altisonantes, com muitos desígnios, com muitas declarações de consciência social, com muitas referências à conjuntura externa, com muitas promessas e com muitos apelos à compreensão e à resignação.

Mas nada disto resiste à evidência dos factos e às responsabilidades pela política seguida.

Por isso, daqui lhe dizemos que continua por mau caminho se, em vez de juntar a sua voz à dos países que estão a pôr em causa o Pacto de Estabilidade — como é o caso dos governos francês, alemão, italiano, luxemburguês —, se mantiver na postura fundamentalista e de aluno bem comportado, como fez recentemente o actual ministro das Finanças, afirmando que «Portugal tem que cumprir os seus compromissos europeus», e fazendo das percentagens dos défices em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) autênticos dogmas.

O PSD já começa a lavar as mãos como Pilatos, e a defender que o Pacto de Estabilidade devia ser renegociado, mas o PS, como zelador do templo neoliberal, parece querer ser mais papista que o Papa. Pensa que através da desorganização e através da manipulação contabilística pode ir disfarçando o défice. É uma posição errada. O nosso Grupo Parlamentar apresentará na Assembleia da República um projecto de resolução no sentido do

Governo português encetar acções diplomáticas com vista à suspensão e revisão do Pacto de Estabilidade.

Numa altura em que na economia portuguesa crescem os sinais negativos, em consequência do essencial das políticas de direita, era necessário um Orçamento que, pelo menos em parte, contrabalançasse a situação contraccionista e não o contrário.

Por isso daqui lhe dizemos sr. Primeiro-Ministro, que continua por mau caminho, se em vez de repor e melhorar o poder de compra dos trabalhadores, que viram os seus aumentos comidos pela inflação, continuar a procurar apresentar metas para a taxa da inflação irrealistas, com o objectivo de passar os custos da sua política para os trabalhadores da Administração Pública, para os trabalhadores em geral e, por via indirecta, para os pequenos e médios empresários.

Continua por mau caminho, se persistir em leiloar, como tudo indica, empresas públicas e a incluir no Orçamento receitas das privatizações, com todo o cortejo de escandalosas, como o foram os ainda recentes casos da privatização da EDP, da Brisa e da Cimpor.

Continua por mau caminho, se pensa congelar, para depois recuar, na reforma fiscal sobre o rendimento e se não avançar na reforma da tributação sobre o património. Se continuar a fechar os olhos à «evasão fiscal» legalizada, feita pela Banca e pelas grandes empresas, e centrar a fiscalização nas pequenas empresas e pequenos contribuintes.

Continua por mau caminho, por péssimo caminho, se não tomar medidas de dinamização da economia, de defesa e valorização da nossa agricultura e pescas e do nosso aparelho produtivo, se continuar a privilegiar as actividades financeiras e especulativas, e a avançar com as privatizações e as privatizações de serviços públicos, se não valorizar a escola pública e, designadamente, o ensino superior público e se continuar a deixar degradar o Serviço Nacional de Saúde.

Continua por mau caminho, se insiste em deixar nas mãos dos latifundiários da área regada do Alqueva as mais

-valias resultantes do investimento de 350 milhões de contos de dinheiros públicos na construção da Barragem, depois de o Governo PS ter entregue aos grandes proprietários mais de 35 milhões de contos, em dinheiro, a título de pseudo-prejuízos decorrentes da Reforma Agrária (é um escândalo que um Estado que diz não ter dinheiro para pagar melhor aos seus trabalhadores, melhorar as reformas, etc., «ofereça», em média, cerca de 10 mil contos a cada um desses grandes senhores da terra).

Não venha por isso o PS com a chantagem dos perigos da direita para, no fundo, continuar com uma política de direita. Se alguém imagina que, depois do PS ter concretizado ao longo destes anos uma política de concentração de riqueza e de querer, como afirma, persistir nela, o PCP iria ser cúmplice dessa política, desengane-se e desengane-se sem quaisquer equívocos. Aliás, quando o secretário-geral do PS diz que não quer eleições mas que recusa cedências no Orçamento de Estado, creio que está tudo dito. Ou já tem um qualquer Campelo no bolso, ou quer mesmo eleições antecipadas, mas procurando passar as responsabilidades e os custos para os outros partidos.

Daqui, o que dizemos ao PS é o seguinte: se querem governar com consciência social, enfrentem os grandes interesses instalados e, se querem apertar o cinto, apertem-no aos banqueiros, aos grandes senhores da finança, da especulação, dos grupos económicos, do branqueamento de capitais e não aos trabalhadores, aos reformados, aos agricultores, aos pequenos e médios empresários.

Acabem com a negociação da venda de empresas públicas, com a privatização das funções sociais do Estado. Dignifiquem o trabalho, o trabalho com direitos e não a desregulamentação; defendam a nossa agricultura, as nossas pescas e o aparelho produtivo nacional e não a acentuação da sua fragilização, subcontractação e dependência; avancem com uma verdadeira política de ensino, de formação profissional e de modernização do País e não com doses maciças de propaganda sobre a nova economia e as novas tecnologias sem qualquer conteúdo.

Intervenção de Carlos Carvalhas



É por isso que apresentaremos na abertura da sessão legislativa um projecto de lei sobre a gestão das unidades de saúde, confrontando o Governo com medidas e propostas concretas.

Experimente o Governo, tal como propomos, escolher as equipas de gestão por concurso, estabelecer objectivos de produtividade concretos e fiscalizáveis, coordenar os centros de saúde com os hospitais através dos Sistemas Locais de Saúde, dar a palavra às populações e às autarquias na distribuição dos recursos, entre muitas outras medidas, e verá que a gestão pública é a que defende de facto os interesses do povo.

Experimente o Governo deixar de lado os preconceitos e avance a sério na aplicação efectiva da educação sexual nas escolas e na protecção especial a pais adolescentes, combatendo o abandono escolar.

O nosso país ocupa o nada honroso segundo lugar europeu em matéria de mães adolescentes. Não se pode continuar a perder tempo no combate à gravidez indesejada e adolescente e à propagação de doenças sexualmente transmissíveis, nomeadamente, a sida.

Mas não é só no domínio económico e social e nas áreas ditas da paixão do sr. Primeiro-Ministro, que o Governo não resolve os problemas e aprofunda o seu descrédito. Este percorre praticamente toda a sua política e as mais diversas esferas da sociedade.

No que diz respeito à política de Segurança Interna, é notória a improvisação, as medidas avulsas e a completa ausência de uma estratégia consistente e planificada.

Não é de estranhar que a crise se instale nesta área sensível dos direitos e liberdades dos cidadãos, com consequências negativas na própria operacionalidade das Forças de Segurança.

O problema da polícia de proximidade, uma das bandeiras deste Governo e que fez parte das suas promessas eleitorais, não passa de um slogan propagandístico.

Cem mil assinaturas por melhores salários

Perfilam-se no horizonte novas e crescentes ameaças para os trabalhadores e os seus direitos.

O Governo, com o apoio da direita, quer restringir os aumentos salariais. Deu alento a uma Comissão Técnica — encabeçada por um ex-secretário de Estado, pai da famigerada e defunta Comissão de Acompanhamento que tão nefasta acção teve na interpretação das pausas do horário de trabalho —, para se arrogar, ao que tudo indica, no estatuto de uma comissão de revisão de todas as leis do trabalho. Não conhecemos ainda o produto final dessa comissão mas, pelo andar da carruagem, não é difícil de imaginar o que propõe em relação à flexibilização dos despedimentos, dos horários de trabalho, férias, feriados, comissões de trabalhadores...

O PCP, com confiança e determinação, não deixará, no plano político e institucional, de travar todos os combates necessários, com a confiança na luta que também aqui queremos traduzir numa calorosa saudação à grande central sindical dos trabalhadores portugueses, ao milhares de dirigentes sindicais, delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores que se reúnem, agem e lutam em torno do grande projecto unitário, consubstanciado com a CGTP-Intersindical Nacional.

É neste quadro de preocupação e confiança, é tendo em conta este grande Partido que não vira as costas às dificuldades, que queremos anunciar desta tribuna o lançamento a nível nacional, a partir deste comício, de um abaixo-assinado com o objectivo de recolher cem mil assinaturas sob o lema «Por salários mais justos, por mais qualidade de vida», dirigido ao Primeiro-Ministro, propondo o aumento geral e real dos salários e das pensões e reformas, e a recuperação do poder de compra per-

didado pelo aumento do custo de vida. Defendendo a aproximação do salário mínimo nacional ao salário médio e aos valores praticados nos outros países da União Europeia. Exigindo a revogação das medidas que visam penalizar os salários e os direitos dos trabalhadores da Administração Pública.

Vamos dirigir-nos aos trabalhadores nos seus locais de trabalho, aos reformados, às organizações e associações unitárias, vamos apelar a todos os candidatos da CDU, aos intelectuais, a todos os homens, mulheres e jovens que recusam e não se conformam com esta situação de baixos salários e baixas pensões e reformas.

Com a consciência de que nada substitui a acção e a luta dos trabalhadores na defesa e conquista dos direitos do trabalho, o PCP continuará a bater-se, agora e sempre, por uma vida melhor para quem trabalha!

Nós não somos daqueles que, para disfarçar a semelhança de políticas e as várias viabilizações orçamentais e propostas de lei negativas, fazem muita gritaria em comícios, dão uns tiros de pólvora seca e ameaçam periodicamente o Governo com moções de censura e com pedidos de apresentação de moções de confiança ou eleições antecipadas, como fazem o PSD e o PP. Nós combatemos firmemente a direita e a política de direita e lutamos consequentemente na AR e fora dela por uma política de esquerda, por uma nova política na vida nacional.

Aqueles que, com a sua política, servem os grandes interesses e não o povo e o País, aqueles que assentam a sua política nos baixos salários e nas baixas reformas, aqueles que premiam a especulação e des-

valorizam a força de trabalho são os que promovem a desestabilização. Estabilidade não é perpetuação da política de direita ou a mera estabilidade governativa.

Aqueles que com a sua política se desacreditam e desacreditam a democracia e as instituições democráticas, são aqueles que, mal se lhes estala o verniz, revelam a sua arrogância, como se viu na última Comissão de Inquérito à Fundação para a Prevenção e Segurança, também chamada «Fundação Vara», em homenagem ao seu real criador, caso que só por si nos dá dois exemplos do pior estilo da governação socialista: a gestão laxista e pouco transparente de dinheiros públicos e a instrumentalização da Assembleia da República com o objectivo de ilibar de responsabilidades políticas figuras do Governo e do PS.

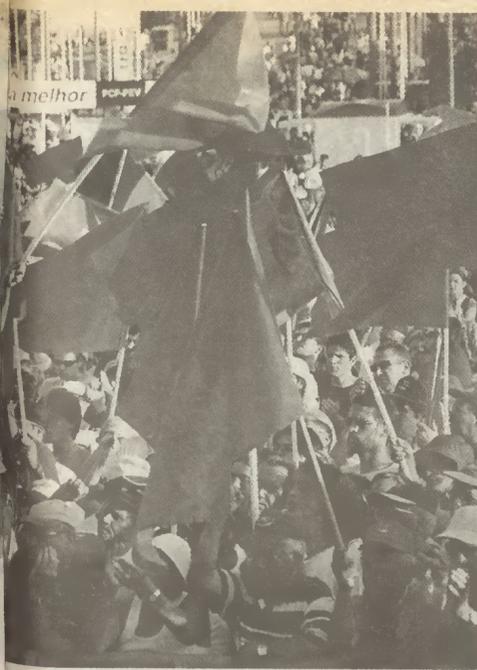
Aqueles que metem as promessas na gaveta e praticam a mesma política dos «jobs for the boys» (dos tachos para a rapaziada), cavaquismo de má memória e que se gabam de privatizar mais e mais rapidamente do que o PSD é que são os responsáveis pelo crescente domínio do poder político pelo poder económico, pelo desinteresse e pela abstenção popular, pela desestabilização e por abrir as portas à direita.

Mas o País não está condenado à rotação entre PS e PSD, tendo por pano de fundo a política de direita. O País não está condenado à alternância sem alternativa. Em qualquer eleição legislativa, o mais significativo são as maiorias que se formam entre partidos, como aliás também decorre da nossa Constituição. Por todas as razões e também por esta, o reforço do PCP é determinante para uma viragem à esquerda na política nacional.

Ao mesmo tempo, a desmotivação e o mal-estar atingem os profissionais da polícia. Continuam a ser proteladas importantes reivindicações socioprofissionais e de dignificação profissional, bem como o direito de constituição de associações socioprofissionais para a GNR e do sindicato para a PSP.

O PCP, ao mesmo tempo que critica o Governo e exige uma nova política para esta área, tem vindo a dar o seu contributo, como aconteceu recentemente com proposta na Assembleia da República das Grandes Opções de Segurança Interna, onde são apontadas direcções fundamentais para a segurança das populações e a reestruturação, modernização e democratização das Forças de Segurança.

Também quanto à situação nas Forças Armadas, o mínimo que podemos dizer é que ela é grave e exige urgentes, mas ponderadas e participadas medidas, tendentes a retirá-las da situação em que foram colocadas pelos governos do PSD e do PS. Pela nossa parte demos a nossa contribuição assumindo as nossas responsabilidades apresentando na Assembleia da República as «Grandes Opções do Conceito Estratégico de Defesa Nacional».



A situação de perda de capacidade operacional das Forças Armadas não é resultado de um qualquer orçamento, mas fruto de um processo com 16 anos de opções erradas, de uso eleitoralista das FA's, de recusa ao diálogo com as estruturas associativas militares.

Não é caminho certo pretender uma visão acrílica dos portugueses quanto aos problemas, opções e gastos a fazer com as FA's. Ao contrário, o que se impõe é tornar transparente aquilo que é opaco, como sejam algumas das propostas contidas na Lei de Programação Militar.

O PCP não se deixará desviar daquelas que são as questões de fundo e essas são a ausência de um Conceito Estratégico de Defesa Nacional que assente no primado dos interesses e possibilidades nacionais e não num rumo de subserviência aos interesses da NATO e dos EUA.

Nós não deixaremos de combater com firmeza tudo o que é negativo para o povo e para o País e lutar por tudo o que consideramos positivo. O PCP mantém a sua postura de oposição de esquerda institucional, pautando, no essencial, a sua intervenção pela apresentação de medidas e propostas concretas.



CDU – um grande projecto autárquico ao serviço das populações

As eleições autárquicas estão próximas. Nos próximos meses, muita da energia e disponibilidade de milhares de militantes do PCP e activistas da CDU estará concentrada nesta importante batalha política, para que a possamos travar com êxito e confirmar a CDU como uma grande força autárquica nacional. Vamos para estas eleições para avançar e crescer. Conscientes das dificuldades e obstáculos que temos pela frente, mas com confiança nas nossas possibilidades, no valor das nossas propostas e do nosso projecto, no mérito das nossas candidaturas. Conhecemos a desproporção dos meios, a crescente instrumentalização do aparelho de Estado e dos recursos públicos em favor das candidaturas e objectivos do partido do Governo, a dramatização artificial do combate eleitoral em muitos municípios.

Contamos, para lhe responder, com o empenhamento e a generosidade dos nossos activistas e militantes, com a proximidade às populações e aos seus problemas, com o testemunho reconhecido de uma acção nas autarquias marcada pela seriedade e a competência. As populações conhecem-nos. Sabem poder contar com o nosso trabalho e dedicação e com a nossa disponibilidade para agir pela

melhoria das condições da sua vida. E sabem poder encontrar-nos ao seu lado na luta pelos seus direitos e pela satisfação das suas aspirações.

Desta tribuna queremos deixar claro que não nos conformamos nem calaremos a nossa voz e o nosso protesto contra a descarada utilização de meios públicos por parte do Governo para ir em socorro dos seus candidatos e para disfarçar as suas aflições e fraquezas.

Desta tribuna denunciaremos o corrupção de membros do Governo de cheque na mão e promessas na boca, o uso dos governadores civis e dos seus meios para promover candidatos e candidaturas, a utilização de meios do Estado ao serviço da campanha do PS.

Desta tribuna apelamos a todos – aos militantes do PCP, aos candidatos, activistas e apoiantes da CDU – para que, com a sua intervenção, contribuam para garantir, ainda nas próximas semanas, a constituição do maior número de listas a apresentar pela CDU e para uma forte e dinâmica afirmação das nossas propostas, projecto e candidaturas, assente numa campanha esclarecedora e próxima das populações, capaz de conquistar, pela razão e trabalho, novos apoios.

Desta tribuna apelamos às populações para que se não deixem iludir pelas promessas e operações destinadas a apresentar como adversários e opositores os que, no fundamental, prosseguem as mesmas políticas locais e para que, pelo seu voto na CDU, abram novas perspectivas de uma mudança efectiva e assegurem nas autarquias a presença de uma voz que defenda os seus direitos e se bata pela resolução dos seus problemas.

Dar mais força à CDU nas próximas eleições autárquicas é confirmar a CDU como a principal força de esquerda no Poder local, assegurar o prosseguimento de um trabalho sério, tanto em maioria como em minoria, e de uma obra com provas dadas em dezenas de municípios e que transformou para melhor as condições de vida das populações, reforçar a presença dos que não viram a cara à luta, não se calam perante as injustiças e dão voz aos que a não têm. Dar mais força à CDU é contribuir para a defesa e valorização das autarquias, ampliar a corrente dos que se batem pela descentralização e dos que querem preservar a pluralidade democrática do poder local. Dar mais força à CDU é também, naturalmente, contribuir para que se reforcem as possibilidades de abrir caminho no nosso país a uma nova política ao serviço do povo e do País.

Não nos limitamos a tomar posição

Pela nossa parte, podemos dizer com verdade que tudo o que de positivo se aprovou na AR teve a iniciativa, ou o impulso, a intervenção, a marca e o voto do PCP, de que são exemplo a reforma dos impostos sobre o rendimento, os julgados de paz, a melhoria na legislação laboral (reparação dos trabalhadores em processos de falência, combate à precariedade, punição de práticas laborais discriminatórias em função do sexo) ou as medidas de apoio social às mães solteiras e pais estudantes, garantia de acesso aos medicamentos contraceptivos de emergência, protecção das uniões de facto, política de cooperação no combate à sida e toda a nossa luta pela melhoria de salários, das reformas, das pensões, da situação dos deficientes.

Na verdade, nas grandes causas e questões da vida nacional, este Partido não se limitou a tomar posição. Com o sentido de luta e de proposta, mobilizou vontades e tomou iniciativa, teve intervenção, identificou-se e fez suas as mais sentidas e legítimas aspirações e reivindicações dos trabalhadores e das trabalhadoras, da juventude e das populações.

Num quadro de agravamento dos problemas sociais, saímos da Festa do Avante! do ano anterior e comemorámos os 80 anos do Partido, realizando contactos com centenas de milhares de trabalhadores, em duas campanhas nacionais centradas no combate à precariedade e à similitude no trabalho, na exigência de uma maior justiça na fiscalidade, na reclamação do pagamento atempado dos créditos em atraso aos trabalhadores das empresas em situação de falência.

Estivemos no terreno, nas empresas, nos locais de trabalho, enquanto dávamos expressão legislativa a estes problemas apresentando projectos de lei de alteração à lei dos contratos a prazo, da revalorização das pensões por acidentes de trabalho, da aceleração do pagamento do que é devido aos trabalhadores nas empresas em situação de falência. Projectos-lei, alguns aprovados e que só não foram mais longe em muitas das suas soluções propostas devido ao voto do PS e da direita.

Batemo-nos por uma reforma fiscal que cobrasse

mais impostos aos lucros fabulosos e especulativos e penalizasse menos os rendimentos do trabalho e das famílias.

Apresentámos uma proposta legislativa para a reestruturação fundiária no perímetro de regadio do Alqueva que, no quadro da Constituição da República, permitirá o acesso à terra de pequenos agricultores, assalariados agrícolas e jovens agricultores. O acesso a todos os que querem fazer agricultura e de facto podem transformar o vultoso investimento público realizado num pólo de desenvolvimento do Alentejo. Devo anunciar que o Grupo Parlamentar do PCP irá agendar o debate deste nosso projecto de lei logo no início da próxima sessão legislativa da Assembleia da República.

Defendemos uma Lei de Bases da Segurança Social que mantivesse o seu carácter público e universal, no respeito pelos direitos adquiridos e em formação pelos trabalhadores.

Intervimos na defesa e valorização dos serviços públicos, e combatemos as privatizações prosseguidas pelo PSD e aceleradas pelos governos PS, tendo como consequências a seu encarecimento, a deterioração da sua qualidade e condições de segurança, consequências que estão, também, bem à vista em outros países (atente-se, entre outros casos, nos acidentes ferroviários em Inglaterra e nos cortes gerais de fornecimento de energia na Califórnia).

Defendemos e exigimos serviços públicos de qualidade, com padrões de segurança elevados, a preços acessíveis e denunciaremos desde já os aumentos de preços, em particular o novo aumento do preço da electricidade que o Governo está a preparar, quando o seu preço em Portugal já é mais caro que, por exemplo, em Espanha e quando a EDP privatizada, ao serviço dos grupos económicos e financeiros, teve nos últimos três anos mais de 317 milhões de contos de lucro.

Pautámos e continuaremos a pautar a nossa acção pela exigência de cumprimento das leis que consa-



Intervenção de Carlos Carvalhas

gram a igualdade de direitos para as mulheres, intervindo para que se efectivem pressupostos básicos nesse objectivo: a melhoria das suas condições de vida e de trabalho, o combate ao trabalho precário que afecta particularmente as novas gerações de mulheres trabalhadoras e o combate às discriminações, designadamente as salariais e em função da maternidade, pela redução do horário de trabalho para 35 horas, sem perda de direitos e regalias, pela concretização de respostas sociais de qualidade e a preços acessíveis de apoio à infância e aos idosos.

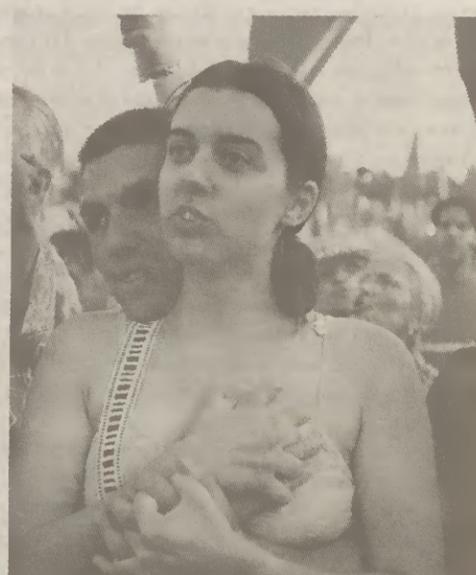
Daqui queremos saudar a luta das mulheres, das mulheres comunistas e do MDM, em defesa da sua qualidade de vida e de trabalho, dos seus direitos sexuais e reprodutivos e pela garantia da protecção da maternidade-paternidade, e contra as discriminações sexistas no trabalho e na sociedade.

Lutámos e lutaremos por um conjunto harmonioso de medidas que visam a integração e o potenciamento dos conhecimentos e qualificações de muitos imigrantes, com a consciência de que não é consagrando a condição de imigrante precário e, a partir daí desvalorizando e precarizando os salários e as condições

de todos os trabalhadores, que se promove a coesão económica e social.

Estivemos lado a lado com a juventude na sua luta por justas reivindicações, por um ensino de qualidade, por saídas profissionais, pelo trabalho com direitos que lhes permita perspectivar o seu futuro. E queremos também daqui, desta magnífica Festa do Avante!, saudar a juventude e a sua luta e saudar, pela sua combatividade, a JCP, a juventude do PCP.

E quando decidimos reforçar a organização e intervenção do Partido nas empresas e nos locais de trabalho, fizemo-lo não para estar nas empresas, ou simplesmente para ter aí organização. Fizemo-lo e continuamos com esta orientação no sentido de reforçar a acção e intervenção dos trabalhadores em torno dos seus problemas e aspirações concretas, libertar energias, unir vontades, atribuir aos trabalhadores o seu papel de protagonistas na luta organizada, pelos seus interesses e direitos concretos, confiando na força transformadora que representam agora e no futuro, para se alcançar uma política de esquerda e uma sociedade avançada, moderna e democrática,



A «globalização» capitalista não é uma fatalidade

A luta nos espaços nacionais e a luta, a solidariedade e a cooperação a nível regional e internacional é o caminho das forças revolucionárias, de esquerda e progressistas. Os frutos da «nova ordem imperialista» aí estão, na situação mundial, nos vários conflitos, na fantástica concentração e centralização de capitais, na fantástica concentração de riqueza, na extensão da pobreza mesmo nos países mais desenvolvidos, nas sucessivas crises regionais do capitalismo e na acumulação de factores de crise a nível global, na forte desaceleração da economia americana e no reconhecimento de que o problema reside no «excesso da capacidade produtiva em virtude do sobre-investimento em tecnologia alimentada pela «bolha» bolsista».

A lógica darwiniana que preside à «globalização» capitalista tem os seus limites, por mais que os vendedores da «banha da cobra» falem na «mundialização feliz». A situação em que se encontra uma boa parte da humanidade, a crise na Turquia, no Brasil, no Japão, na Argentina... falam por si.

A humanidade não está condenada ao capitalismo nem à arrogância do imperialismo norte-americano que se tem manifestado, entre outros acontecimentos, nos bombardeamentos do Iraque, na recusa da assinatura do protocolo de Quioto, na reprovação ao envio de observadores da ONU para a Palestina, no relançamento do projecto da «guerra das estrelas» e da corrida aos armamentos, no boicote à decisão do Conselho de Segurança de realizar um referendo no Sahará Ocidental, na recusa em aplicar a Convenção sobre armas químicas e bacteriológicas, no sistema de espionagem «Echelon», na desestabilização dos Balcãs e no seu credo ideológico: menos impostos, ou seja, menos impostos sobre o capital; mais flexibilização ou seja, menos direitos para os trabalhadores; mais livre-cambismo ou seja, mais facilidades para a dominação das multinacionais.

Esta política – e esse é um aspecto positivo da situação internacional que importa valorizar – encontra pela frente crescente resistência e oposição a nível de numerosos Estados e a nível popular. Mas consideramos necessário

dar ainda mais atenção à luta contra o militarismo e a corrida aos armamentos e intervir firmemente para que Portugal, de acordo aliás com o espírito e a letra da Constituição da República, dê uma activa contribuição para a causa da paz e do desarmamento.

Queremos desta Festa do Avante! saudar todos os povos e trabalhadores em luta, mas permitam que aqui **referencie e saúde o povo de Timor a quem, como todos se recordarão, aqui mesmo, há dois anos, num momento particularmente dramático, envolvemos num forte abraço de solidariedade, e a quem renovamos hoje a nossa inteira solidariedade na sua luta pela liberdade, pela democracia, pela independência e pela reconstrução do seu país.** E permitam-nos que, saudando o povo de Timor, saúde calorosamente a Fretilin e a sua expressiva e inequívoca vitória eleitoral.

No momento actual é também particularmente necessária e urgente a solidariedade para com o povo palestino, que está a ser vítima de uma das mais cínicas agressões que a história contemporânea regista. O povo palestino não pode continuar a ser perseguido, humilhado e barbaramente agredido na sua própria terra, na sua própria pátria. Ariel Sharon, os seus seguidores e a sua política arrogante, belicista e provocatória têm de ser isolados e combatidos e Israel tem de ser condenado pelo seu flagrante desrespeito da Carta das Nações Unidas e pelo insolente afrontamento do Direito Internacional. **As pertinentes resoluções da ONU, nomeadamente as 242 e 338, devem ser implementadas sem demora.** A escalada da violência não é o caminho para a resolução dos problemas, como aliás é também reconhecido pelas forças de paz em Israel.

O PCP sente a luta libertadora do povo palestino e a sua corajosa Intifada como se suas próprias fossem e considera inaceitável a postura silenciosa do Governo. A OLP, a Fatha, o Partido do Povo Palestino, a Frente Popular de Libertação da Palestina, cujo secretário-geral foi há dias vilmente assassinado, a Frente Democrática de Liber-

tação da Palestina, todos os combatentes da causa libertadora da Palestina podem contar com a amizade e a solidariedade activa dos comunistas portugueses.

Uma palavra ainda para a situação angolana e para daqui exigirmos que as sanções e isolamento político decididos pela ONU contra a UNITA e o sinistro Jonas Savimbi, sejam efectivamente aplicadas e desde logo pelo Governo português.

Queremos daqui também saudar a luta dos partidos revolucionários, dos sindicatos e dos diversos movimentos sociais que, após o sucesso da luta contra o Acordo Multilateral sobre Investimentos (AMI), têm vindo a impulsionar importantes intervenções contra a globalização capitalista e dinâmicas de consciencialização dos povos, tal como se verificou em Seattle e em Génova, passando entre outras pela Cimeira de Gotemburgo, pela reunião do FMI em Praga e pelo Fórum de Porto Alegre.

Não desconhecemos a capacidade de adaptação do capitalismo e as suas operações para reconverter, integrar e se possível anular os movimentos que põem em causa o sistema e acarinhar os movimentos inconsequentes e provocatórios. Mas estamos convencidos de que **há grandes potencialidades e possibilidades para se acentuar o combate à nova ordem imperialista e aos novos projectos da OMC, que procura transformar em mercadoria todas as actividades do ser humano, inclusive a vida humana.**

A luta consequente a nível nacional e a convergência ou complementaridade das lutas a nível regional e internacional pela transformação social, pela «globalização» da solidariedade, da cooperação e da paz é cada vez mais necessária, bem como a luta em espaços mais vastos, como a União Europeia, por objectivos específicos ainda que limitados, como sejam a luta contra a precariedade e pelo trabalho com direitos e por uma justa distribuição dos rendimentos nacionais, a luta pelas 35 horas sem redução de salário e perda de regalias, a luta pela implementação da taxa Tobin, a luta contra as deslocalizações de empresas na busca de baixos salários e desregulamentações.

Um sábado repleto de bons espectáculos

Sincronia e diversidade

E a Festa continua... Tudo acontece ao mesmo tempo, o que significa que é inevitável perder muito da oferta musical. Dá-se um pulo ao Palco 25 de Abril, um saltinho ao Auditório 1.º de Maio e há ainda o Palco Arraial, o Café Concerto, o Palco de Setúbal, os Novos Valores... Como conciliar tantas solicitações? É impossível, há que optar, mas nem assim é fácil.

A tarde de sábado começa no Palco 25 de Abril com os **The Guest**, grupo com fortes influências do rock dos anos 50 e artistas como Jerry Lee Lewis, Gene Vincent e claro Elvis Presley. E, se há quem duvide que o «Rei» morreu, ficou certamente ainda com mais dúvidas ao ouvir esta banda *rockabilly*. Segue-se o *rock* pesado dos **Ex Votos** e o *rap* dos **Mind da Gap**.

Ao mesmo tempo, no Auditório 1.º de Maio, os **Djamboonda** actuam no epicentro de uma onda de calor. Ainda estavam a ensaiar e já o recinto estava cheio. Todos os que aguardam sentados na relva levantam-se num pulo mal ouvem os primeiros toques deste grupo de sete elementos que se apresenta com tambores, djambés e outros instrumentos de percussão de forma totalmente descontraída.

Trazem consigo os ritmos africanos e também um pouco das paisagens do grande continente: roupa onde se mistura o vermelho, o amarelo e o verde e chapéus triangulares com franjas que vibram ao mais pequeno movimento.

Não resistimos a continuar a viagem e atravessamos o oceano Atlântico para Oriente com a argentina **Marisa Santos**, que nos leva pela América Latina. «Apesar da injustiça e da dor, há pequenas coisas que nos fazem dar graças pela vida. Vale a pena seguir lutando», afirma.

Acompanhada ao piano, xilofone e violoncelo, Marisa ora toca viola, ora bombo, ora usa apenas a voz. Trata-se de uma presença marcante da esquerda interna-

Entretanto, o veterano **Martinho da Vila** já arrancou no Palco 25 de Abril com o samba, os ritmos cariocas e baianos e a boa disposição do povo brasileiro. Canta «Os Meninos de Huambo» com **Filipe Mukenga**, que não resiste a umas canções angolanas. Mais tarde, juntam-se-lhes os

ancas, os ombros, as mãos, a boca, os olhos. A cumplicidade entre a intérprete e o guitarrista é notável. Fernando Alvim — o grande companheiro de Carlos Paredes — observa, mas sem ele, ninguém estaria ali.

De repente, Marta Dias desaparece. A música insinua-se devagar, captando

lado, nem atrás nem à frente, a companhia ideal. E no fim, o que há? As palmas, as palmas que ecoam.

Mas as surpresas não acabam. Pelo palco fora um par de dançarinos apregoa um tango com o seu corpo, movimentos estendidos, pernas elásticas, braços esperados e costas fortes. Com um vestido escuro, curto e comprido ao mesmo tempo, ela não olha para ele, mas agarra-o bem, encosta-se ao seu rosto e acaricia-lhe a nuca. Ele rodeia-a com cuidado, fá-la bailar, delicado, acompanhando e prevenido os seus movimentos.

«Valsinha», de Chico Buarque, e «Fadinho Simples», do autoria do guitarrista e da cantora, revelam a sensualidade de Marta Dias e o seu pendor para o *jazz*. Chainho brinca com a guitarra, ela improvisa com a voz. Quem terá mais prazer, eles ou nós? Uma coisa é certa: só se pode aplaudir de pé.



Sérgio Godinho e Zeca Baleiro

Tabanka Djaz, numa ponte entre a música do mundo com raízes africanas.

A vanguarda musical dos **Telectu** marcou mais uma vez presença no auditório, este ano acompanhados pelo trombonista **Giancarlo Schiaffini** e o baterista **Berry Altschul**.

todas as atenções. A princípio sente-se a falta da voz, mas — para quê mentir? —, sem esquecermos que ela está algures lá atrás, satisfazemo-nos com o que nos dão. A guitarra volta a brilhar. As cordas tinem nos dedos do mestre, com a viola ao

Entretanto...

No Palco 25 de Abril, depois da fusão das músicas do Mediterrâneo e do *rock* da banda da Catalunha **Companyia Elèctrica Dharma**, foi a vez dos **The Gift**, uma das bandas mais aguardadas nesta 25.ª edição da Festa.

Auditório, oito da noite...

Primeiro ficámos apenas com a música do mestre. O silêncio alternava com as palmas do público, única forma de acompanhar. Ouve-se a guitarra de **António Chainho** e a viola de Fernando Alvim,



The Gift



Martinho da Vila com Filipe Mukenga e Tabanka Djaz

esta discreta, como quem não se quer intrometer no genial desempenho do companheiro.

Depois aparece **Marta Dias**, ligeira e bem disposta, com a descontração de quem não tem nada a temer. Canta o fado enquanto se ri. Troca a língua materna pelo inglês e a canção transforma-se imediatamente num blues. E agora, o que temos, Lisboa ou Chicago? O sentimento é o mesmo. A língua pende mais para os EUA, a guitarra para Portugal, a voz de Marta empata. Mas ela regressa ao português e as dúvidas desaparecem.

Um ritmo contagiante paira no ar, mas ninguém se mexe. Só Marta dança, com as



Companyia Elèctrica Dharma

Um sábado repleto de bons espectáculos

A noite começou, assim, com um dos melhores grupos portugueses da actualidade e um dos melhores espectáculos que a Quinta da Atalaia assistiu este ano. O segundo e último álbum, «Film», serviu de mapa para actuação, com uma fantástica Sónia Tavares que nem sequer se afligiu com o pico de corrente que fez parar o palco a meio de «Ouvir», a única canção em português do grupo, e que pôs a cantar em coro os milhares de pessoas que assistiam.

Com fotos de Alcobaça - a terra natal da banda - a passar no ecrã, os quatro elementos dos The Gift foram acompanhados por dois saxofones, um trompete e um trombone, que equilibraram o som digital do grupo.

«Nowadays», do anterior «vinyl», foi apresentado com novas roupagens e o hit «OK! Do You Want Something Simple?» mostrou que o sucesso não é um fenómeno recente. «Question of Love», o novo single, é sem dúvida a canção de amor do novo milénio. Como se diz em «Front Of», «maybe I will find you in another place...»

Entretanto, a noite avança no Auditório com a cabo-verdiana **Ana Firmino**. Muito ritmo, muitas mornas, muito dança.

O espectáculo de **Pedro Jóia** foi prejudicado por um atraso de duas horas... mas a verdade é que valeu a pena esperar. Não é a primeira vez que este músico actua na Festa e mostra aos visitantes o seu talento, que mais uma vez ficou provado, nomeadamente interpretando com a sua viola as obras que Carlos Paredes eternizou à guitarra. Numa boa interacção entre os restantes músicos, Pedro Jóia fez questão de homenagear o grande guitarrista, sem deixar de tocar músicas da sua autoria.

E enquanto o auditório praticamente se transforma num cabaré com os **Belle Chase Hotel**, no Palco regressa **Sérgio Godinho**. Versões de músicas antigas marcadas por fortes guitarras eléctricas - como «O Galo é o Dono dos

Ovos», «Etelvina», «O Primeiro Dia» ou «Brilhozinho» - alternam com as canções mais recentes, como «Domingo no Mundo» (sobre o trabalho infantil) ou «Maça com Bicho» (contra a prática da praxe académica).

O brasileiro **Zeca Baleiro** junta-se-lhe em «Lisboa que Amanhece» e canta ainda seis canções da sua autoria com a sua banda. Destaque para «Lenha» e «Babylon».

IAB

Marisa Santos



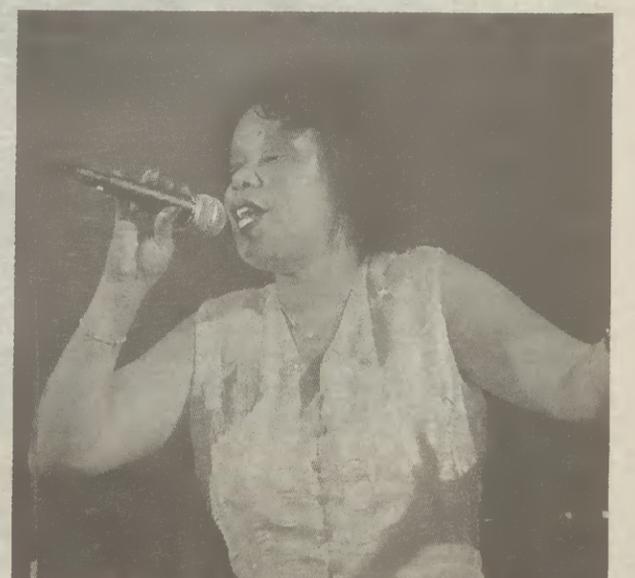
Pedro Jóia



Djamboonda



António Chainho e Marta Dias



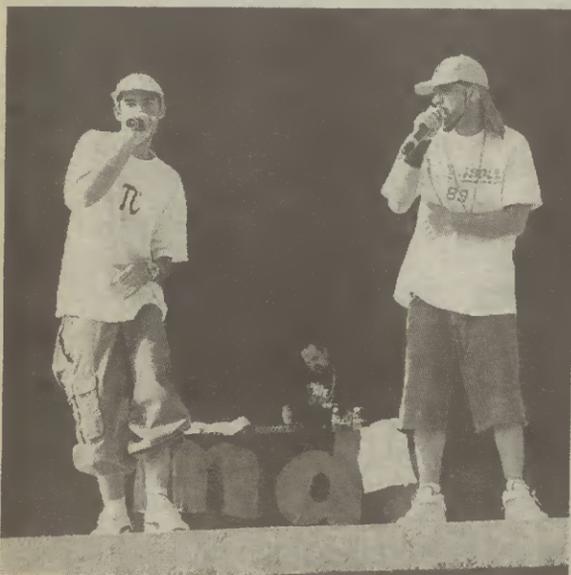
Ana Firmino



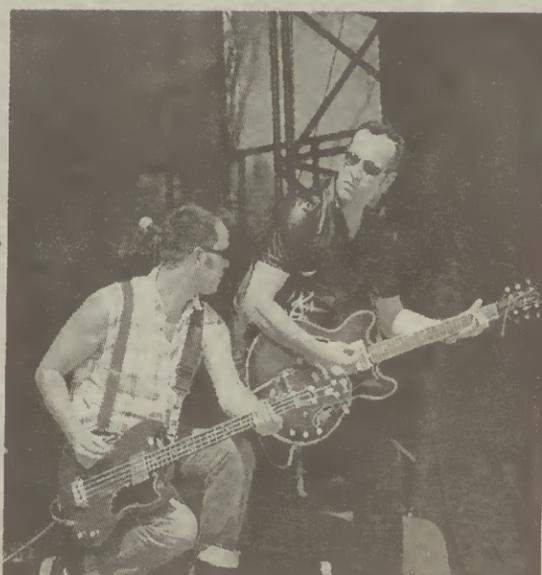
Belle Chase Hotel



Telectu



Mind da Gap



The Guest



Ex-Votos

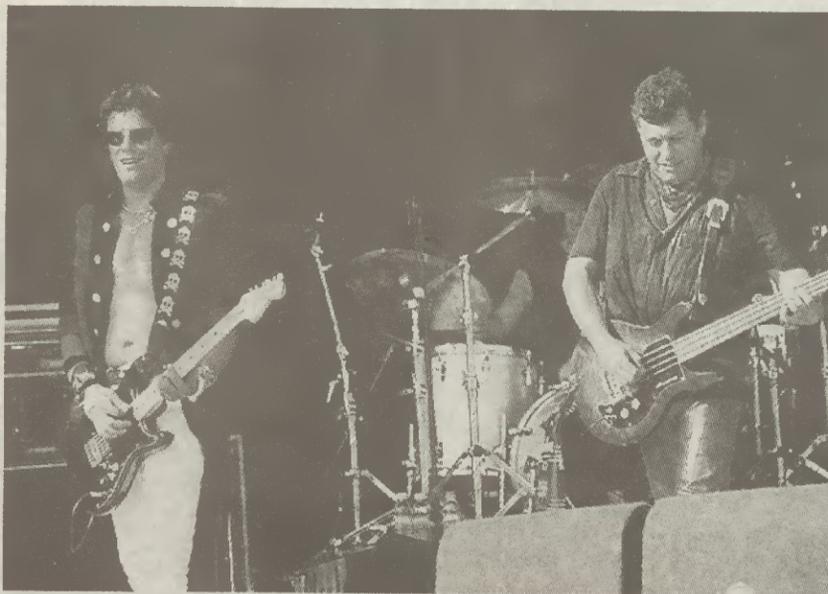
Domingo, o último dia Agora só há mais para o ano?

Chegámos a domingo. Já custa a levantar, o calor torna-se incomodativo, mas parece que os espectáculos sabem ainda melhor. Enquanto os **Rádio Macau** apresentam no Palco 25 de Abril ao vivo o último álbum, «Onde o Tempo Faz a Curva», o Auditório 1.º de Maio entrega-se a **Janita Salomé**, primeiro com um puro canto alentejano, depois descendo mais para o Sul e embarcando numa viagem pelo Norte de África, com as suas pandeiretas árabes e as suas variadas tonalidades vocais.

Os raianos foram a estrela do espectáculo: «Alentejanos, ciganos... Todos à margem, sem fronteiras.» Mas Janita falou ainda dos palestinianos, dos discriminados por Bush e os senhores da globalização económica, dos que resistem no mundo inteiro.

«Tanto Alentejo e tão pouca atenção lhe dão. A força está lá e havemos de ser melhores», afirmou o cantor, antes do tradicional «Senhora do Almortão».

A segunda parte do espectáculo teve a participação de **Filipa Pais** – apresentada como «uma das mais belas vozes portuguesas» –, «**Os Cantadores do Redondo**» e o «**Grupo da Casa do Povo de Serpa**», que, como Janita Salomé referiu, são a prova de que a tradição no Alentejo faz parte do quotidiano e que dificilmente acabará.



Xutos & Pontapés



Janita Salomé

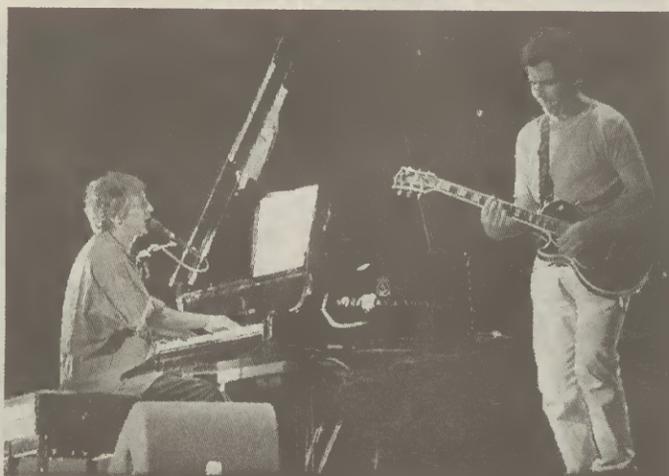


Laurent Filipe e Jacinta

Assistimos então a uma lição de canto popular que tem inerente um passado profundo de saber popular que, como se sabe, é sempre o mais autorizado, o mais sensato e o mais humano.

Enquanto caminhamos entre os palcos, rampa acima, rampa abaixo, podemos aproveitar para observar a moda do ano 2001. Os rapazes ostentam tatuagens com desenhos bem mais criativos do que os idos corações e «amores de mãe» e, em geral, em sítios bem mais originais. O cabelo ou é rapado ou à «rasta». Em tronco nu ou em *t-shirt*, os tenis grossos *streetwear* são obrigatórios, tanto como os *boxers* à mostra uns centímetros acima dos calções. Elas, claro, apresentam um *look* mais elaborado, com tranças ou écharpes na cabeça, topes a mostrar os ombros (mas já não o umbigo...), calças largas e sandálias delicadas.

Mas já está a começar o concerto dos **Xutos & Pontapés** no Palco 25 de Abril. Tim expressou quanto a banda gosta de actuar na Festa e a Festa mostrou quanto aprecia a banda. O recinto estava repleto e poucos eram os que não sabiam de cor as letras de todas as canções, a começar pelos clássicos



Jorge Palma



Rádio Macau



Ciganos de Ouro



Elephants Terribles

«Maria» ou «Casinha» e a terminar nos recentes «Privacidade» e «Estranho Amor».

A despedida

Após o comício, foi a vez do Palco dar lugar ao flamenco com os **Ciganos de Ouro** e, a encerrar, **Jorge Palma**. Este clássico da Festa do «Avante!», começou sozinho ao piano com «Quem és tu de Novo». Depois pegou na viola e, acompanhado por Flak à guitarra, foi a vez de «Terra dos Sonhos».

«Jorge, Jorge!», grita o público com devoção. Mas o cantor não estava nos seus melhores dias e por vezes saltava partes das letras ou dava um tom menos afinado, certamente devido ao cansaço provocado por um Verão cheio de espectáculos. «Dormia tão Sossegada», o *single* do último disco de Palma, foi talvez a canção melhor recebida. «Like a Rolling Stone», do

mítico Bob Dylan, encerrou a noite. No Auditório 1.º de Maio, depois do jazz de qualidade do **Carlos Barreto Trio**, foi a vez de descobrir os **Elephants Terribles**. A formação apresentou-se em português, com uma forte presença do jazz, numa sonoridade que faz lembrar as bandas dos recorridos anos 80.

A noite terminou com **Laurent Filipe e Jacinta**, acompanhados por uma potente banda. Os blues entraram em força, alternados com o jazz de nomes de culto como Ella Fitzgerald, Bessie Smith, Aretha Franklin e Billie Holiday.

Sempre na peugada das grandes estrelas que interpreta, Jacinta não brilha só à custa do seu top de lantejolas. É a forma como se mexe, a voz arrastada com que entoa os blues, a presença marcante em palco. Afinal, interpreta a força das mulheres, sofredoras mas invencíveis. Lá atrás um homem assobia à cantora. «Come on, baby!», grita.

● IAB



Toca a Rufar



Carlos Barreto Trio

XII Bienal de Artes Plásticas

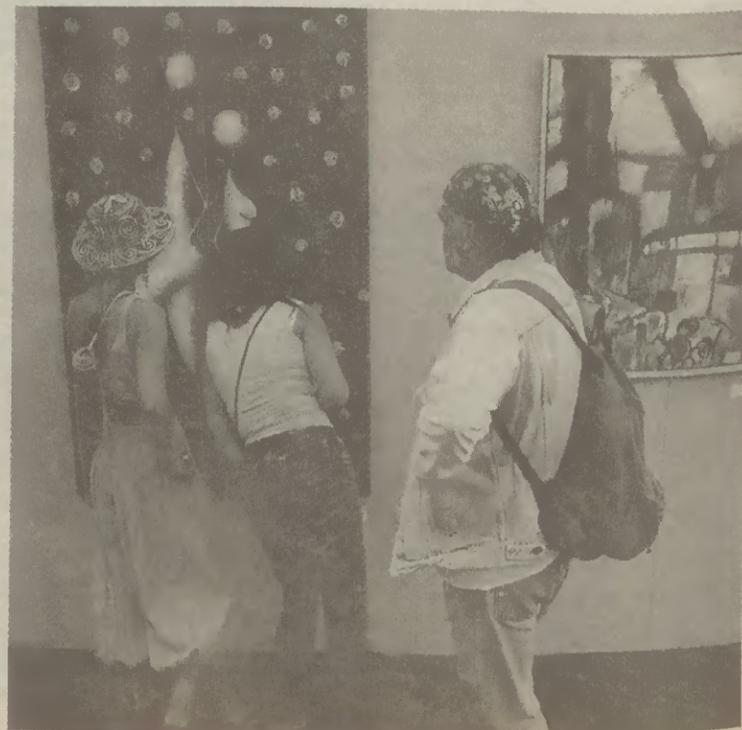
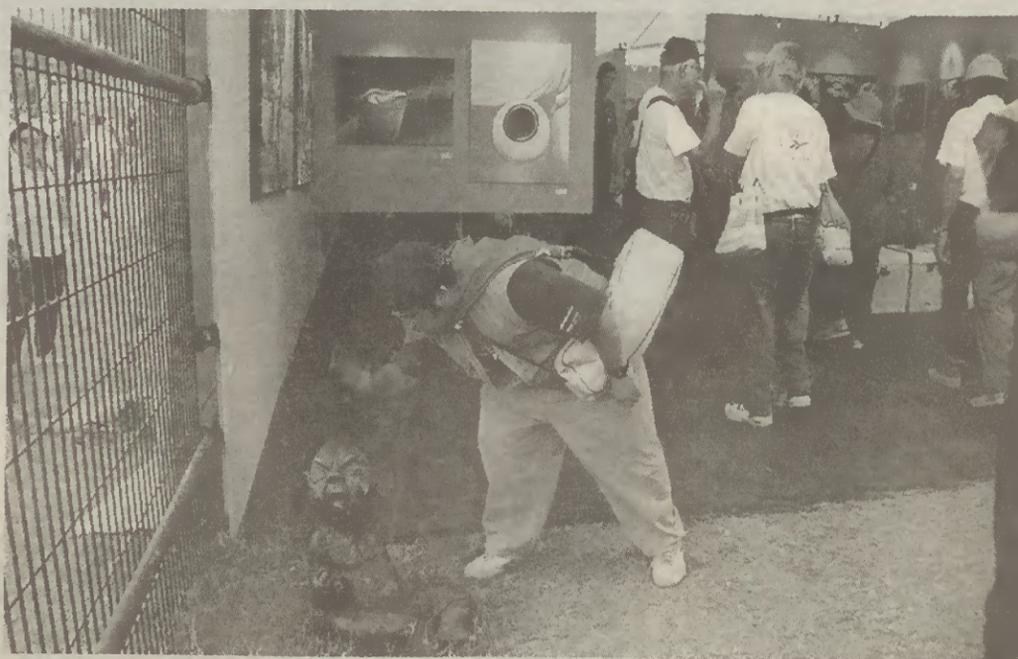
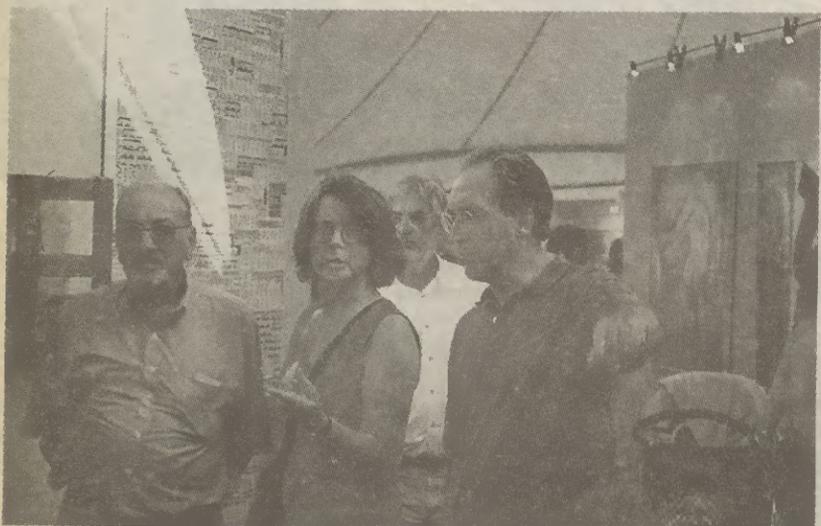
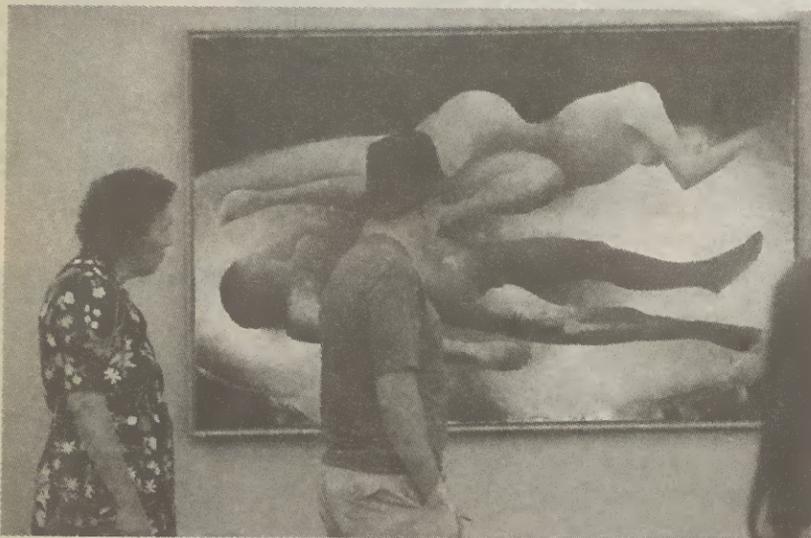
Bienal é de dois em dois anos, pois claro, mas, mesmo assim, a Festa não tem vivido sem estas plásticas formas de arte, seja ano delas ou não. Desta vez foi ano-sim e lá corremos a ver, numa correnteza de gente certamente com a mesma ideia que nós. A primeira vez, no calor de sábado, era gente de mais para uma vista de olhos nas calmas e – como de resto já aqui o escrevemos noutros anos – a atenção foi-nos atraída mais para as pessoas que para as obras de arte. Isto é, para a reacção que milhares de pessoas têm face às raras ocasiões – a Festa é uma delas e a maior – em que se lhes proporciona o encontro com a arte. E como sempre, nas iniciativas do Partido Comunista Português, não há espaço reservado aos peritos e eruditos, e toda a gente, movida pelo interesse, pela curiosidade, pela vontade de usufruir da arte mesmo que custe o primeiro passo, toda a gente tem ali lugar e a toda a gente é proposta a arte nas diversificadas abordagens ali mostradas.

À segunda vez, no domingo, subimos do Pavilhão Central para a zona da Bienal e só então demos conta como ela transbordava das instalações para fora, com os belos e vastos painéis, cerca de duas dezenas de obras como que a convidar o visitante para uma viagem mais recolhida na iluminada galeria onde a gente se podia perder num mundo ficcionado pelas formas e cores.

Vimos a exposição não com os olhos do crítico de arte, mas do jornalista com atenção e gosto por estas coisas. E reparámos, nas comparações que é inevitável fazer, que o figurativo adquiriu maior peso na contabilidade das obras que vimos. E adiantamos que esta nos pareceu uma exposição de uma qualidade geral mais apurada, de uma selecção que se nos afigurou de maior coerência. É certo que não vamos referir qualquer obra em especial na vasta mostra a que concorreram 215 artistas, a nenhum dos 80 seleccionados e aos 50 convidados que apresentaram um total de 191 trabalhos – pintura, escultura, gravura – mas apenas, comunicar esta visão de conjunto de uma exposição feliz e que conseguiu os seus objectivos de convívio do povo com a arte.

Por fim, num cantinho que gostaríamos de ter visto mais alargado e significativo, lugar para nos comovermos com a «arquitetura das Festas», onde pudémos recordar, através dos projectos, as imagens grandes de outras festas que já passaram – FIL, Jamor, Ajuda, Loures. Olhando a sépia e a patine que os anos depositaram nos projectos, verificamos, os que viveram outros anos (e puderam, connosco, os mais jovens «recordar» através das imagens), que esta Festa tem história com futuro.

● LM



● Carlos Nabais

Avanteatro

Cultura e política

A diversidade das propostas culturais que a Festa do «Avante!» oferece aos visitantes espelha bem a forma democrática como os comunistas entendem a cultura. O Avanteatro é neste contexto um bom exemplo.

O acesso à cultura continua a ser um privilégio de minorias, apesar dos progressos e esforços para a sua democratização registados após o 25 de Abril. A carência de espaços culturais em muitas regiões do país faz com que importantes camadas da população não possam ainda hoje assistir a uma peça de teatro ou a um filme projectado numa sala de cinema.

É verdade que os recursos são escassos e que primeiro é preciso satisfazer as necessidades básicas das pessoas. Porém, na maior parte dos

só a mais importante despesa média por autarquia a que presidiu, em todos os períodos, como foi a única força que registou médias por partido acima da média geral, ou seja, tem sido este partido que tem puxado a média geral para cima, constituindo-se como a principal referência na afectação e gestão de verbas com cultura no continente».

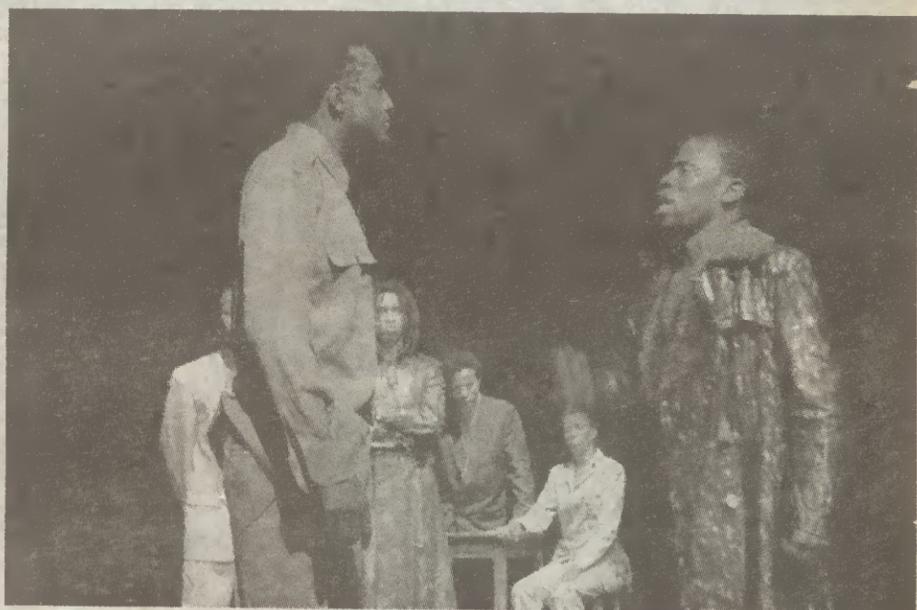
Mais concretamente, nos diferentes painéis expostos indicava-se que, no período de 1994/97, os executivos de maioria CDU gastaram anualmente



Companhia de Teatro de Sintra, com «Não há ladrão que não venha por bem», de Dário Fo



No foyer esteve patente uma exposição sobre a política autárquica para o Teatro, tema central do debate de domingo. Na foto, Vitor Gonçalves, Daniel Branco, Maria Louro, Joaquim Benite e José Mascarenhas



Teatro Pau Preto, com «Alimária», peça original sobre as contradições políticas e sociais nos países africanos em construção

casos, a origem desta situação não está na falta de meios, mas sobretudo na ausência de políticas culturais verdadeiramente democráticas.

O Avanteatro, que em sucessivas edições tem levado à Festa uma programação de qualidade, é um exemplo de que é possível criar, com êxito, um espaço para a representação teatral, mesmo quando as condições não são à partida as ideais. E, contrariando pessimismos e purismos, o público tem retribuído de forma entusiástica, enchendo as bancadas e, muitas vezes, o chão, de olhos fixos no palco, tentando não perder pitada do trabalho esforçado dos actores, que recompensam, também no final, chamando-os repetidas vezes à boca de cena para receberem uma intensa chuva de aplausos. É assim todos os anos. Foi assim este ano.

Teatro e autarquias

Mas a Festa do «Avante!» é necessariamente apenas uma amostra do inenso trabalho que os comunistas eleitos no poder local desenvolvem diariamente no apoio à produção e divulgação da cultura. Este facto estava bem claro na exposição que durante os três dias esteve patente no foyer do Avanteatro. «A CDU», lia-se num texto sobre as despesas dos municípios com a cultura, elaborado pelo Observatório das Actividades Culturais, «apresenta não

te em média mais de 702 mil contos, contra apenas 465 mil contos nos municípios geridos pelo PS, 341 mil contos do PSD e 224 mil contos do PP. A média nacional ficou-se pelos 483 mil contos.

Na tarde de domingo, o tema da política autárquica para o teatro voltou a estar em foco num debate moderado por Maria Louro, da organização do Avanteatro, em que participaram Joaquim Benite e Vitor Gonçalves, da Companhia de Teatro de Almada, José Mascarenhas, da Companhia de Teatro de Portalegre e Daniel Branco, antigo presidente da Câmara de Vila Franca de Xira e membro do Comité Central do PCP.

Logo nas intervenções iniciais de Joaquim Benite e de José Mascarenhas ficou claro que os casos de Almada e de Portalegre não resistiam a qualquer comparação.

Enquanto o primeiro falou de uma actividade ininterrupta de 23 anos no concelho, ao longo dos quais sempre a Companhia pôde contar com o apoio da autarquia, e que dará em breve um salto qualitativo com a construção do novo teatro, em Portalegre não há sequer uma sala condigna para a realização de espectáculos ou para a projecção de cinema.

Em contrapartida, frisou José Mascarenhas, a autarquia investiu no Museu da Tapeçaria, o qual, apesar do inquestionável valor que representa, reflecte as opções culturais elitistas da actual maioria socialista.

Esquerda e direita

Já antes Daniel Branco se tinha referido ao CDIAG-Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett, normalmente conhecido por Teatro da Malaposta, criado há mais de uma década pelas Câmaras Municipais de Loures, Amadora, Vila Franca de Xira e Sobral de Monte Agraço, no âmbito da Amascultura. No entanto, a alte-

ração da correlação de forças nas últimas eleições veio pôr em causa o trabalho meritório realizado pela Companhia nos quatro concelhos e embora a Amascultura ainda exista, grande parte do projecto tem vindo a desaparecer por falta de vontade política.

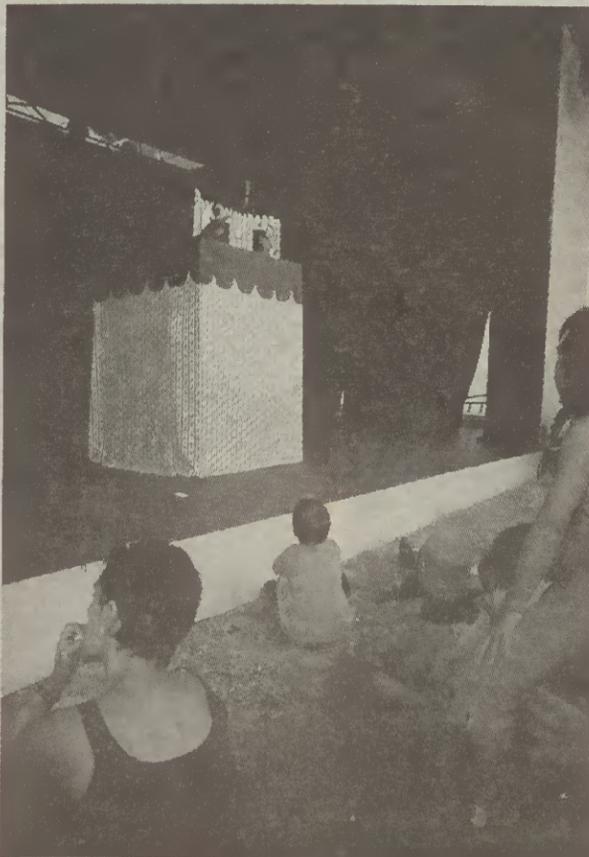
E são muito os exemplos que mostram haver políticas culturais de esquerda e de direita. Como sublinhou Joaquim Benite, «as artes cénicas não são um bom

negócio para ninguém». Por isso, não podem ser simplesmente entregues ao mercado. A intervenção do Estado é essencial se se pretender garantir a fruição cultural a todo o povo, o que de resto acontece na generalidade dos países da União Europeia.

A este propósito recordou que as câmaras municipais gastam quase tanto em actividades culturais (cerca de 42 milhões de contos), como o

Ministério da Cultura, cujo orçamento global se fica pelos 58 milhões de contos.

Contudo, frisou que não é só uma questão de dinheiro: «O Teatro Municipal do Barreiro custou 30 mil contos», o que prova que «é possível adaptar salas a teatro a baixo custo». Mais importante é «as autarquias terem uma política de Estado» e nesta área «a CDU tem estado na vanguarda».



Fio D'Azeite, com Estórias de D. Roberto



GIC - Teatro das Beiras, com a «Escola dos Maridos» de Molière

Espaço Internacional

Um ponto de encontro com a solidariedade

O Espaço Internacional foi, uma vez mais, ponto de encontro de amigos, de animação, de solidariedade. Com destaque, este ano, para a solidariedade com o povo palestino.

Pai e filho. O horror nos rostos, nos corpos agachados, tentando, em vão, proteger-se. A súplica nas mãos, na expressão, nos gestos. Depois, a morte. A sucessão de fotografias, expostas em grandes painéis no Espaço Internacional, testemunhava a dramática realidade hoje — e de há muito — vivida pela população palestiniana. Uma realidade que esteve no centro da solidariedade internacionalista. Por toda a Festa.

Na exposição política, a solidariedade com a Palesti-

na era um dos temas abordados, de par com a actividade solidária do PCP, desenvolvida ao longo de 80 anos no plano internacional. Fotografias e breves textos reflectiam facetas várias das razões e da acção solidária, com destaque para as inúmeras vítimas da «sede de lucros e de poder» e a importância decisiva da luta pela paz, a amizade e cooperação entre os povos.

Em todo o recinto da Festa, e ao longo dos três dias, decorreu uma campanha do Conselho Português

para a Paz e Cooperação, de solidariedade com a luta do povo palestiniano. Postais de solidariedade, a ser assinados por cada um de nós, recolhidos em «caixas e correio» disponíveis em diferentes locais. Um movimento que terá nova expressão a 28 de Setembro, aniversário da *Intifada*, com uma concentração frente à Embaixada de Israel.

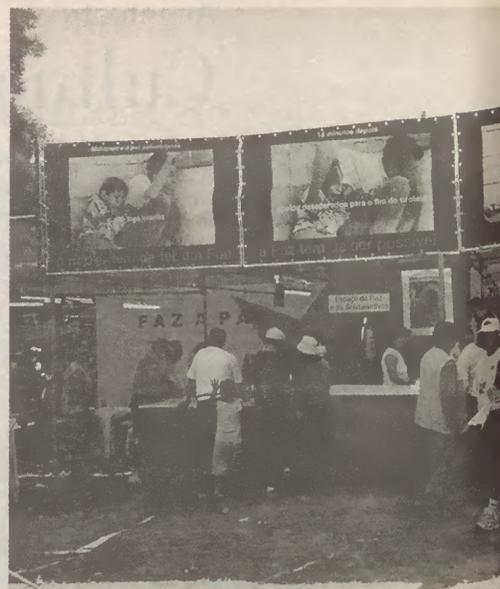
Múltiplas outras realidades estiveram naturalmente presentes no espaço internacional. «Tolerância máxima, vigilância total», era o lema inscrito, em letras garrafais, no pavilhão de Timor. No espaço de Cuba, a luta contra o bloqueio marcava, uma vez mais, presença. O pavilhão do Brasil destacava-se

pela muita informação disponível sobre problemas, cultura, reivindicações e lutas das populações do país.

No total, dezanove stands, em que se cruzava informação e artesanato. Espaços intercalados com bares e restaurantes com cozinha tradicional. De Angola a Cuba, de Cabo Verde a Timor Leste, passando pela Palestina. Espaços também de convívio e reencontros.

Paredes-meias, ao atravessar da rua, no espaço dos Imigrantes, eram servidos os mesmos petiscos africanos. Enquanto se ensaiavam passos de danças tradicionais angolanas e cabo-verdianas.

● LC



Um novo mundo é possível

A pobreza como instrumento de domínio internacional, a ligação entre lógica do lucro e as *vacas loucas*, o papel dos sindicatos, a importância do movimento contra esta globalização, foram alguns dos múltiplos temas abordados no debate «Contra a globalização imperialista solidariedade internacionalista», realizado na noite de sábado, no Palco Internacional.

«Globalização não é um processo de desenvolvimento global, igual para todos e em toda a parte. É sim um factor de pobreza e instrumento de dominação e internacionalização capitalista». Uma afirmação de Ângelo Alves, da Secção Internacional do PCP, que iria ser profusamente ilustrada, com números e factos, pela eurodeputada Ilda Figueiredo, João Vieira, da Confederação Nacional de Agricultura (CNA), e Florival Lança, da CGTP-IN.

Os números e factos — referidos por Ilda Figueiredo — são claros e testemunham da profunda injustiça, do peso da pobreza que marca a vida dos povos. Cerca de um terço da população mundial não tem acesso a medicamentos essenciais, para nós de fácil acesso. Trinta mil crianças morrem, em cada dia, por falta de tratamento adequado. E, entretanto, um por cento dos mais ricos deste mundo recebe tanto rendimento como 57% da outra parte da população. Um quadro em que as desigualdades são crescentes.

● LC



Um estudo que envolveu setenta e sete países, indica que as desigualdades aumentaram em 45 deles. Mesmo nos países da OCDE, há 130 milhões de pobres e uma taxa de analfabetismo funcional de 15%. Em Portugal, 22 por cento da população é pobre.

Agricultura e alimentação são sectores particularmente afectados por este processo. «Baixa o preço do trigo, mas não o do pão», sublinhou João Vieira, que lembra que estas são questões hoje no centro do debate. Foi o complexo agro-industrial e a sua lógica da competitividade e do lucro que levaram a problemas como as *vacas loucas* ou os frangos com dióxidos, considerou o representante da CNA.

João Vieira lembrou que, na União Europeia, desaparecem 600 agricultores por dia e frisou a necessidade de um outro modo de produção, que garanta a segurança alimentar e a soberania alimentar.

Entretanto, «é possível avançar na luta e há já hoje uma maior consciência». Uma afirmação de Ilda Figueiredo, corroborada por Florival Lança, que lembrou o percurso do movimento internacional de contestação, a importância das manifestações de Seattle e o papel do movimento sindical como base de apoio do movimento de massas.

Encontro PCP - OLP

«O povo palestiniano não pode continuar a ser sacrificado e humilhado no seu próprio território», afirmou Carlos Carvalhas, em declarações à imprensa na sequência do encontro com o representante da OLP na Festa, Hani Al-Hassan, membro do Comité Central da Fatah e responsável das relações internacionais.

O representante da OLP considerou que, desde o assassinato de Yitzhak Rabin, em Novembro de 1995, a Organização de Libertação da Palestina nunca mais teve com quem dialogar. «Ariel Sharon não é um homem de paz», afirmou.



Palco Internacional

Solidários com a luta dos povos

Vários debates com representantes de delegações estrangeiras, de que damos conta nesta página, sons de outros países, dança, poesia e música de intervenção, animaram este espaço de cultura e lazer durante os três dias de festa.

No Palco Internacional actuaram danças e cantares da Galiza; música chilena; grupos de música popular portuguesa e timorense; tango argentino e uma secção de poesia que contou com a participação do Núcleo de Poesia de Setúbal da Associação Amizade Portugal Cuba.

Cuba

«A luta do povo cubano é ela também pelas suas características e pelo seu conteúdo, uma manifestação de solidariedade com a luta que todos os comunistas travam aqui em Portugal, bem como com a luta que os comunistas travam no mundo e nos seus países», afirmou José Casanova, membro da comissão política do PCP e director do *Avante!* no momento «Solidariedade com o povo cubano». Uma iniciativa onde estiveram também presentes Joaquim Miranda, deputado do PCP no Parlamento Europeu, e Nicanor Leon Cotayo, membro do Departamento Internacional do Partido Comunista Cubano.

No final do debate, que contou com a presença de uma centena de pessoas, Joaquim Miranda salientou a profunda admiração que o PCP tem pelo povo cubano e pela sua capacidade de afirmação.



Delegações estrangeiras

Cinquenta delegações estrangeiras, representando partidos comunistas e de esquerda de 37 países estiveram, este ano, na Festa.

Alemanha — Partido Comunista Alemão, Partido do Socialismo Democrático;

Angola — MPLA;
Bélgica — Partido do Trabalho;
Bolívia — Partido Comunista da Bolívia;

Brasil — Partido dos Trabalhadores, Movimento dos Sem Terra, Partido Comunista do Brasil;
Cabo Verde — PAICV;
República Checa — Partido Comunista da Boémia e Morávia;
Chile — Partido Comunista do Chile;

China — Partido Comunista da China;
Chine — AKEL;
Colômbia — FARC;

Coreia — Partido do Trabalho da RPD Coreia;
Cuba — Partido Comunista de Cuba;

Espanha — Bloco Nacionalista Galego, Partido Comunista de Espanha, Esquerda Unida, Partido dos Comunistas da Catalunha;

Federação Russa — Partido Comunista da Federação Russa;

França — Partido Comunista Francês, «L'Humanité»;

Grécia — Partido Comunista da Grécia, Coligação da Esquerda e do Progresso (Synaspismos);

Hungria — Partido dos Trabalhadores;

Iraque — Partido Comunista Iraquiano;

Itália — Partido da Refundação Comunista, Partido dos Comunistas Italianos;

Japão — Partido Comunista Japonês;

Kurdistão — Congresso Nacional do Kurdistan;

Laos — Partido Popular Revolucionário do Laos;

Luxemburgo — Partido Comunista Luxemburguês;

Marrocos — Partido do Progresso e do Socialismo, Partido da Vanguarda Democrática Socialista;

México — Partido da Revolução Democrática;

Mozambique — FRELIMO;

Palestina — Organização de Libertação da Palestina, Frente Popular de Libertação da Palestina;

Peru — Partido Comunista Peruano;

Saara Ocidental — Frente Polisário;

Síria — Partido Baas Sírio, Partido Comunista Sírio;

Sudão — Partido Comunista do Sudão;

Suíça — Partido Suíço do Trabalho;

Timor Leste — FRETILIN;

Turquia — Partido do Poder Socialista (SIP), Partido do Trabalho (EMEP), Partido Democrático do Povo (HADEP);

Vietname — Partido Comunista do Vietname.



Colômbia

«Passei recentemente 17 dias no acampamento das FARC na selva amazónica, e tive a alegria de conhecer esta organização, e ver que os militantes tão caluniados e insultados são revolucionários dos mais puros que há no mundo» afirma Miguel Urbano Rodrigues, jornalista e escritor, no debate que se realizou sob o lema «solidariedade com o povo da Colômbia, e que contou com a presença do representante das FARC, Juan António Rojas.

Segundo testemunhou Urbano Rodrigues, as FARC, «fazem medo na Colômbia. Não há uma organização revolucionária que preocupe tanto o sistema do poder imperial dos EUA como a

FARC exerce na libertação do povo da Colômbia. «É por isso que surge o Plano Colômbia. Um plano de guerra dos Estados Unidos para condenar as lutas populares, para eliminar os sindicatos, de que só este ano resultou o assassinato de 90 sindicalistas», afirmou Rojas. «Existimos há 37 anos, para combater o imperialismo e a oligarquia que se exerce na Colômbia», concluiu.



Sahara Ocidental

Pretende-se fazer crer que não é possível os povos lutarem pelos seus direitos nacionais, e os trabalhadores lutarem pelos seus direitos laborais e sociais. Mas, em todo o mundo, desenvolvem-se lutas que testemunham que

há um profundo descontentamento com a resposta capitalista aos anseios dos trabalhadores e dos povos e, portanto, «o PCP entende que este quadro dá origem a novos movimentos para uma resposta urgente da humanidade», afirmou Manuela Bernardino, membro do Comité Central, no debate Solidários com o Povo Sahauri, que contou com a presença de Ahmed Salama, representante da Frente Polinário.

Neste sentido, deve-se desenvolver a solidariedade e cooperação entre os partidos comunistas de todo o mundo, forças de esquerda e movimentos de libertação nacional para que junto das instituições internacionais, se tenha em conta as traços de identidade do povo Sahauri e do seu legítimo direito à luta e à independência.



Palestina

Hani Al-Hassan, membro do Comité Central da FATEH e responsável pelas Relações Internacionais, afirmou sábado, por ocasião do debate «Solidários com o Povo da Palestina», que a paz no Médio Oriente é possível dentro de «dois meses», desde que haja um parceiro israelita para as negociações. «A Paz é a nossa opção, mas não temos parceiros israelitas», afirmou Al-Assan. «Há dez anos tínhamos um, mas mataram-no», concluiu.

O debate contou também com a presença de Domingos Lopes, membro do Comité Central e da Secção Internacional do PCP e de várias dezenas de pessoas que se solidarizaram com a causa Palestina. O papel da comunicação social no conflito do Médio Oriente e Timor Leste foram também discutidos pelos presentes no debate.



Tango argentino

O tango, nascido em Buenos Aires, cidade portuária que construiu o seu esplendor com a dor e a solidão dos operários e emigrantes chegados no princípio do século XX à procura de fortuna, é hoje pela sua carga de culturas amalgamadas uma das expressões de maior vigor do património cultural do nosso tempo. E foi com os milongueiros de Lisboa juntamente com Solange Galvão e Alejandro Laguna que aconteceu, no palco internacional, uma mostra de tango argentino.



festa
Avante!
25
ANOS
1976-2001



Hora de brincar

Os cinco sentidos foram tema do Pavilhão dos Pioneiros. Aliás as suas paredes eram decoradas com pinturas alusivas e, dentro, uma pequena exposição lembrava às crianças as funções do gosto, olfacto, tacto, visão e ouvido.

As crianças voltaram a sentir-se bem num espaço onde podiam saltar e brincar com um insuflável representando um enorme dinossauro, onde os balouços e os sobe-e-desce permitiam dar largas às suas energias.

As pinturas de cara não faltaram também, ainda que muitas das crianças preferissem ir para as tatuagens (de sopra).

Um pequeno bar, com bebidas e guloseimas dirigidas à sua jovem «clientela» completavam com sucesso o Pavilhão do Pioneiro.



Este é o exemplo que permitiu o combate às desigualdades, as exclusões sociais e o desemprego, prevenindo assim o surgimento de fenómenos racistas e xenófobos.

Todos unidos

Um política de imigração mais justa era a exigência que sobressaia no Pavilhão dos Imigrantes que, a par da luta contra a discriminação, o racismo e a xenofobia, recusam-se a ser o bode expiatório do flagelo do desemprego. Mais, as comunidades migrantes e minorias étnicas rejeitam também com determinação a responsabilidade - que lhes costuma ser imputada - pela criminalidade e insegurança urbanas.

O combate que desenvolvem não os impediu, contudo, de no seu Pavilhão na Festa do Avante assegurarem a venda de comidas tradicionais das suas terras e de bonito artesanato que os visitantes admiravam e muitas vezes compravam.



Eliminar barreiras

«Não à discriminação» foi, como não podia deixar de ser, o lema do Pavilhão dos Deficientes. Sem pretensões, o pavilhão é um lugar de passagem não só para a própria organização mas para todos os que querem manifestar solidariedade a esta camada desprotegida da população a quem é necessário assegurar uma política de prevenção, de saúde e de reabilitação para reintegração no trabalho.

Situado perto da Cidade Internacional, um pouco exposto ao sol, este pavilhão constituía um apelo aos visitantes, no sentido de ajudarem, também eles, a eliminar as barreiras que impedem a integração dos deficientes na sociedade como cidadãos de pleno direito.

Espaço Mulher

Elas estiveram na Comuna de Paris

O Espaço Mulher, este ano situado perto da Cidade Internacional, chamava a atenção de quem por ele passasse. Penduradas em cabides ou em cima de mantas, espalhadas pelo chão, roupas das mais variadas perfilavam-se ao lado de sapatos, carteiras e outros objectos que se «ofereciam» aos visitantes a preço de ocasião. *Boutique da ocasião*, era, aliás, o nome dado a esta zona do pavilhão das mulheres comunistas, onde numerosas pessoas, nas posições que a necessária escolha exigia, apreciavam a mercadoria. Muita gente visitava, também, o pavilhão por razão diversa, ou seja, pelos belos petiscos e bolos caseiros fornecidos pelo Bar da Igualdade que, este ano tinha como novidade umas «tapas» de broa com queijo, salsichão, chouriço e torresmos excelentes.

No sábado de tarde, foram, porém, os colóquios sobre «as mulheres na Comuna de Paris» e «aspectos da realidade das mulheres no novo século» que atraíram as pessoas ao auditório do Espaço Mulher.

José Casanova, o primeiro a intervir no debate sobre a Comuna de Paris, referiu-se-lhe como um acontecimento histórico, sem precedentes» em que, pela primeira vez na história da humanidade, «os explorados contrapuseram, na prática, o seu projecto de sociedade nova ao velho sistema baseado na exploração e na opressão», marcando de forma impressionante o movimento operário internacional.

Setenta e dois dias apenas durou a Comuna de Paris mas, nesses dias, o seu Governo decidiu «um vasto conjunto de medidas que constituiriam os alicerces de um Estado de tipo novo», com um conceito exemplar de exercício de poder e preocupações sociais, culturais, patrióticas só possíveis «na base de um governo operário, autenticamente popular». Porém, como «ameaça mortal» que, palavras de Lenin, a Comuna constituía para o novo mundo, a reacção não se fez espe-

rar e, «marcada por um profundo ódio de classe», massacrou cerca de 85 mil parisienses.

A necessidade de a classe operária dispor de uma organização e ideologia revolucionárias e a indispensabilidade de lutar, lutar sempre, como único caminho,



são duas lições que José Casanova considera poderem tirar-se, ainda hoje, deste histórico evento que Marx apelidou de «o assalto ao céu».

Silenciamento

Regina Marques, por sua vez, lamentou o silenciamento da maioria dos historia-



dores acerca do papel das mulheres na «Comuna de Paris», apesar de elas terem estado nas barricadas, com armas na mão, na ajuda aos feridos, firmes na determinação de ir para a frente. Uma adesão extraordinária que Victor Hugo explica com o facto de as mulheres nada terem a perder, visto possuírem um estatuto de menoridade face à lei e na vida.

As mulheres de então não descuraram, também, a «organização de mulheres», fundando a organização feminina revolucionária - a União das Mulheres, pela defesa de Paris e pelos cuidados aos feridos - e convidando as «Cidadãs de Paris» a organizar um movimento de mulheres, num apelo que lhes dirigiram para «vingarem» os seus irmãos.

Para Regina Marques, a maioria das mulheres que participou na Comuna de Paris ficou no anonimato mas algumas «inscreveram para sempre nas páginas da história a causa específica e revolucionária das mulheres - a dignidade, os direitos, a justiça, a emancipação».

● MF

Cumprir direitos

Fernanda Mateus, Ilda Figueiredo, Aurélio Santos, Rosa Xisto e Graciete Cruz expuseram alguns aspectos da realidade das mulheres hoje.

Fernanda Mateus referiu a evolução positiva que se tem verificado relativamente à participação das mulheres e, sublinhando o facto de essa participação não ser feita em igualdade, chamou a atenção para a forte ofensiva ideológica que hoje é dirigida contra os direitos das mulheres.

A questão da desigualdade não é nova mas agrava-se desde a década de 90, disse, por sua vez, Graciete Cruz, para quem o problema não é a falta de leis mas o seu incumprimento, cujas causas principais são o crescimento da precariedade e o aumento e incentivo ao trabalho parcial, que se traduzem, no primeiro caso, por condicionamento do exer-

cício dos direitos, no segundo por isolamento, menos direitos e retrocesso nas mentalidades.

Ilda Figueiredo falou das várias teorias hoje em debate na União Europeia visando remeter a mulher para casa. Teorias a que, aliás, o capitalismo sempre recorre em situações de crise, com a mesma justificação: permitir à mulher a «conciliação» do trabalho profissional com a vida familiar.

Desde logo, Ilda Figueiredo prefere a palavra «coordenação» a «conciliação» - que pressupõe a existência de incompatibilidade entre profissão e família - e alerta para o facto de 1/3 das mulheres já trabalharem a tempo parcial.

Rosa Xisto debruçou-se sobre questões de saúde, designadamente os direitos sexuais e reprodutivos, relativamente aos quais foi aprovado um plano de acção na Conferência

do Cairo mas que, pelo panorama dos centros de saúde hoje em Portugal, ela duvida sejam cumpridos. Entre os vários problemas com que o País se debate, Rosa Xisto referiu o facto de Portugal ter a 2.ª taxa de incidência da SIDA (a seguir à Ucrânia) e manter o aborto clandestino como segunda causa de morte materna.

Por fim, Aurélio Santos fez questão de sublinhar que a luta não é entre homens e mulheres, pois não se trata de uma questão de sexo mas de classe. E, para as classes dominantes, a ocultação do papel das mulheres na sociedade tem-lhes permitido a acumulação de lucros.

Homens e mulheres devem, pois, congratular-se com os importantes passos dados para a emancipação da mulher no decurso do século passado, devidos grandemente à acção dos comunistas.

Até para o ano!

Lá estavam algumas caras já conhecidas de outros anos. Vindas da Holanda, de França ou de outros países, a verdade é quem as quer ver na Festa do Avante! deve dirigir-se ao Pavilhão da Emigração. Entretanto surgem algumas caras novas que, no próximo ano, já serão conhecidas e o ciclo vai-se repetindo.

É este ambiente de confraternização que torna especial o espaço da emigração onde, este ano, se podiam comer umas óptimas «farturas».

Nas costas do Bar, podia-se apreciar, este ano, uma bela exposição fotográfica subordinada ao lema «Arquitectura e utopia». Era de Luís Severo, um arquitecto emigrado no Luxemburgo, cujas primeiras fotos foram publicadas pelo «Avante!».



Os livros na Festa

O vasto espaço, desta vez chamado Festa do Livro, foi uma profusão de gente e de livros, de encontros e de comunicação. Sempre cheio, mesmo às horas de maior calor. Sempre animado e suscitando interesses variados. Houve quem lá fosse com o fito de adquirir uma obra em especial, quem visitasse o pavilhão para se deixar surpreender por um título, quem saísse a abarrotar de volumes, quem hesitasse à primeira e voltasse depois. Sobre espaçosas mesas, as solicitações eram muitas.

Havia as novidades, que aqui mesmo anunciámos. As **Seis Serigrafias**, de Rogério Ribeiro (reproduzindo ilustrações para o livro de Manuel Tiago, *Até Amanhã, Camaradas*); **O Abalo do Poder**, de Jaime Serra; **A Caverna**, de José Saramago; **Na Berma de Nenhuma Estrada**, de Mia Couto; **O Vagabundo na Cidade**, de Manuel da Fonseca (editado postumamen-

te). E ainda as recentes edições de Mário de Carvalho, Daniel Sampaio e Sophia de Mello Breyner.

Havia também os descontos a aumentar o interesse dos leitores. E eram descontos que chegavam aos 40 por cento. E a Feira de Saldos, onde muita gente procurava por livros de que haviam ouvido falar e cujo preço estava mesmo a pedir que os comprassem.

Para muitos, a Festa do Livro era sobretudo um ponto de encontro com autores. Lá estavam eles, sentados às mesas, aviando autógrafos. E os leitores iam-se alinhando na comprida fila – das vezes que lá passámos a fila era mesmo enorme e acabava às mãos do Nobel, com Saramago a assinar. Acompanhado por Alice Vieira, que também não tinha mãos a medir, sobretudo autografando para leitores mais jovens.



A Festa do Livro foi um vasto ponto de encontro dos leitores com os livros e os seus autores, momento para folhear e adquirir, para pedir um autógrafa, para assistir aos variados lançamentos – entre os quais se destacam o Livro do XVI Congresso, as Estórias e Emoções de Uma Vida de Luta, de Joaquim Gomes, a III Parte da obra de Armando Sousa Teixeira – A Rua Direita e a Ganilha do Lado da Praia, e ainda o romance Alva, de Miguel Urbano Rodrigues



O Livro do XVI Congresso

Os lançamentos de livros na Festa começaram o melhor possível, com a apresentação do livro do XVI Congresso que as edições Avante! laboriosamente prepararam para esta ocasião especial e significativa. Intitulado **Democracia e Socialismo – um Projecto para o Século XXI**, o livro foi apresentado por Domingos Abrantes, do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do PCP, que se encontrava acompanhado por Fernanda Mateus, da Comissão Política e pelo director das edições, Francisco Melo, membro do Comité Central do Partido.

Domingos Abrantes referiu-se aos cuidados de que a edição foi objecto, o que explica os nove meses de distância entre o Congresso e este lançamento. «Deve-se ter em conta o longo caminho que foi necessário percorrer para aqui se chegar», disse. «Desde logo porque foi preciso despistar todo o material gravado, comparar os textos escritos com os proferidos na tribuna em cujas versões, como é sabido, são muitas vezes introduzidas alterações, além da morosa consulta aos camaradas que intervieram de improviso para verificarem a conformidade dos textos despistados com o que haviam dito.»

Domingos Abrantes salientou ainda que «o livro traduz com fidelidade e rigor o que de essencial se discutiu no decurso da realização do XVI Congresso, e consequentemente poderá dar um importante contributo para avaliar as posições políticas e ideológicas do PCP, não na base de ideias feitas, preconceitos, falsificações e deturpações, mas na base do conhecimento concreto do posicionamento e da actividade muito diversificada do Partido Comunista Português».

O dirigente comunista destacou depois «a natureza do autor do livro, um autor muito especial, um colectivo partidário», e lembrou que, «só na fase final da preparação do Congresso participaram mais de 16 000 camaradas e que se receberam cerca de 2000 contribuições individuais e colectivas». «Muitos destes contributos», sublinhou, «levaram à reavaliação de questões e muitos outros foram consagrados nos textos. Não é sem razão que afirmamos serem os documentos do Congresso um património do colectivo partidário, expressão bem concreta de uma prática democrática sem paralelo no panorama partidário português».

«Este livro», disse ainda Domingos Abrantes, «contendo as decisões e orientações do Congresso sobre as principais questões nacionais e internacionais, o apontar de caminhos para as enfrentar, e um conjunto de orientações e decisões sobre a vida e a organização partidária, deve ser considerado como um instrumento de trabalho para os membros do PCP, uma espécie de “livro de cabeceira”, um instrumento precioso para o aprofundamento da reflexão e a intervenção política e social, para reforçar a influência do PCP e o seu papel na sociedade portuguesa, questão incontornável para se alcançar uma verdadeira política de esquerda».

Estórias e Emoções de uma Vida de Luta

«Assumidamente, Joaquim Gomes, ao escrever estas páginas, não nos fala de política, no sentido estrito do termo», alertou Fernando Correia ao apresentar o livro **Estórias e Emoções de uma Vida de Luta**. O autor estava na mesa, acompanhado de Maria da

Piedade Gomes, sua companheira de uma vida inteira de luta. Fernando Correia, entretanto diria que «competência e autoridade para isso (para falar de política) não lhe faltam, enquanto antigo membro do Comité Local da Marinha Grande e do Comité Local de

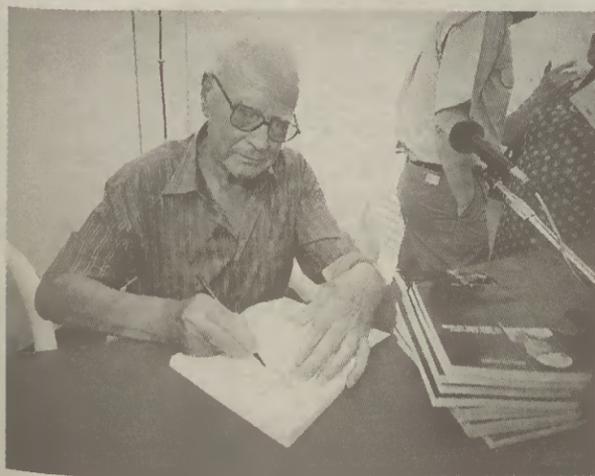
Lisboa, depois membro do Comité Central, da Comissão Executiva, da Comissão Política, do Secretariado, e depois também deputado à Assembleia da República pelo círculo de Leiria durante mais de dez anos».

Sendo o livro, na opção do autor, construído em «histórias e emoções da vida clandestina, ocorridas em diversas circunstâncias, umas vezes dramáticas, outras embaraçosas, outras quase caricatas», no dizer do apresentador, trata-se no entanto, afirmou também Fernando Correia, de «uma obra profundamente política». E, por outro lado, de «um documento profundamente humano, no sentido mais nobre e digno do termo».

«Ao invés de uma certa historiografia ideologicamen-

te empenhada, que não resiste em projectar no passado os seus interesses políticos e ideológicos do presente, este livro mostra-nos, umas vezes em páginas comoventes, outras plenas de humor e sentido de observação, os funcionários clandestinos, não, tal como outrora o fazia a propaganda fascista, como homens frios, calculistas e insensíveis, mas sim como homens e mulheres como os outros, com as alegrias, as tristezas e os sentimentos idênticos ao comum dos mortais.»

E quem assistiu a este lançamento e às palavras comovidas de Joaquim Gomes, recontando algumas dessas histórias, não deixou de se sentir impelido a ler esta obra e a fazer uma viagem ao passado onde foi construído o nosso futuro.



Alva

A noite de sábado terminou em festa, com o lançamento do livro de Miguel Urbano Rodrigues, **Alva**, editado pela Campo das Letras. Romance lhe chamou José Casanova, na apresentação. Miguel Urbano, o autor, bem conhecido dos nossos leitores, chama-lhe novela. Os leitores decidirão. Trata-se, entretanto, como disse o apresentador, que se confessou «leitor de muitas leituras» e não um crítico, de uma obra muito bela, de «um romance de amor onde simultaneamente se busca o sentido da vida», um livro que conta encontros e desencontros e onde o leitor tem a oportunidade de «viver em directo» os acontecimentos dos últimos anos no mundo, e, ao mesmo tempo, vive e assiste a outras lutas e a outros heróis e anti-heróis de civilizações que pereceram há muito.



Desporto

• José Augusto

A alegria de viver em movimento

Disse Arismendi, o saudoso secretário-geral do Partido Comunista do Uruguai, que os comunistas gostam da vida. Por isso, salientou, gostam das crianças, do vinho, das canções. São verdades como um templo. E quem esteve na Atalaia teve a oportunidade de se convencer que gostam realmente disso tudo, e que gostam do desporto como componente fundamental de uma vida sadia.

Portanto, desporto é coisa que não falta na Festa. Muito movimentado, por exemplo, esteve o pavilhão do xadrez, das damas e do mah-jong, este um jogo de mesa asiático tão complexo como interessante. No xadrez houve um animado torneio por equipas entre as selecções de Lisboa e do Seixal e nas damas fez-se uma justíssima homenagem ao camarada Mário Diniz Vaz.

A malha, nas suas diversas variantes, teve como

sempre um espaço privilegiado, já que se trata de uma das modalidades mais vinicamente populares do nosso país. E jogou-se e aplaudiu-se a malha corrida, a malha pequena e a malha grande, com jogadores que têm nas mãos a portaria de um tiro.

O torneio de petanca, realizado pela segunda vez na nossa Festa, esteve bem concorrido, mas é evidente que precisa de um terreno mais adequado. Espera-se que assim aconteça no próximo

ano. E o tai chi chuan? Pois até disto houve na Festa. Dizem os amantes desta forma antiga de exercício lento que o tai chi chuan relaxa a mente, auxilia a digestão, acalma o sistema nervoso, é benéfico para o coração e a circulação sanguínea, torna flexíveis as articulações e rejuvenesce a pele. Para o ano há que experimentar, para não darmos tanto dinheiro aos tubões da indústria farmacêutica.

Animados e de alto nível estiveram também os torneios de tiro com armas de cano articulado, as conhecidas passarineiras, e com pistolas de ar comprimido. Participaram campeões e recordistas nacionais, além do júniór Filipe Galvão, que é tão somente campeão ibérico absoluto. Quem quis pôde experimentar livremente, e

não faltou quem desse mostras de arte nesta difícil tarefa de acertar com um chumbinho num círculo minúsculo. Torneios de andebol, futsal e basquetebol ocuparam as tardes e as manhãs do polidesportivo da Atalaia. Quem ainda não viu as mulheres a jogar futebol não pode perder o torneio feminino de futsal. As nossas companheiras sabem o que fazer com a bola nos pés e são tanto ou mais disciplinadas taticamente que os ditos de barba rija.

Como sempre, os desportos radicais - slide e escalada - foram muito procurados, sobretudo, por jovens de ambos os sexos, que também como sempre enxamearam a Festa. Mas no slide voaram também camaradas e amigos e amigas bem madurinhos. Quem é que se nega a uma

harmoniosa combinação de altura e velocidade, para mais tendo por cenário a magnífica Baía do Seixal?

A corrida da Festa e a corridinha, prova mais curta em comemoração do 25.º aniversário da Festa do Avante, juntaram mil atletas. A manhã estava radiosa e o sol massacrava impiedosamente as moleirinhas, mas nada é

capaz de arrefecer o entusiasmo com que estes saudáveis andariños palmilham quilómetro após quilómetro. Podem cortar a meta completamente exaustos, mas fazem-no sempre com um sorriso de satisfação nos lábios. Não quebram nem desistem. São também eles que fazem do desporto uma verdadeira festa.



Depois da aterragem, o grupo de pára-queidistas juntou-se com outros camaradas para a foto de família

Exposição e debate

O programa desportivo da Festa do Avante! contemplou também um debate aliciente que teve como tema «O Desporto nas Autarquias» e foi animado por gente de reconhecida competência na matéria: Melo de Carvalho, Carlos Rabaçal, Odete Graça e Galvão Correia.

Um dos objectivos das autarquias, no que concerne ao desporto, será «projectar toda a acção de forma a contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade de toda a população que vive no município», bem como procurar, «por todos os meios, contribuir para o aperfeiçoamento e a manutenção da saúde física e mental do maior número de membros da colectividade». Mas ficou bem claro que há outros objectivos sociais não menos importantes que podem ser alcançados através de uma correcta política desportiva promovida pelas autarquias.

Carlos Rabaçal lembrou que o Partido sempre esteve atento ao fenómeno desportivo e acusou o poder constituído de ter afastado as autarquias do processo de construção de instalações desportivas subsidiadas pela União Europeia.

Melo de Carvalho, por seu turno, referiu a complexidade desta problemática, abordada a partir de «posições bastante diferenciadas entre comunistas e pessoas que conosco trabalham» e esboçou um breve mas cáustico retrato da situação calamitosa do desporto no nosso país. Por exemplo: havendo mais de cinco milhões de mulheres portuguesas, não mais de 44 mil praticam desporto federado, «uma percentagem inferior à de muitos países de África e da Ásia». Quanto aos alunos que fazem regularmente desporto escolar, serão uns 100 mil, segundo o Ministério da Educação. Uma percentagem que não chega aos 8 por cento. «É a mais baixa dos países que conheço», afirmou Melo de Carvalho.

Parte desta situação poderia ser corrigida, se a Administração Central dotasse as autarquias dos meios necessários. Na Dinamarca, citou a título de exemplo, 80 por cento do orçamento vai para as autarquias. Acrescento que, por cá, nem tirados a ferros.

No espaço da Festa esteve também patente uma exposição mostrando o trabalho positivo que as autarquias da CDU têm levado a cabo no domínio do desporto.



No polidesportivo também se jogou o pau



O Andebol juntou equipas de vários escalões e deu espectáculo

Corrida da Festa

Os cinco primeiros de cada escalão

O êxito da Corrida da Festa ficou bem expresso nos mais de 1400 inscritos, dos quais 900 cortaram a meta. Em paralelo, a Corridinha, com percurso reduzido de três quilómetros, registou 187 participantes. Da classificação final da Corrida, que teve como vencedores absolutos Luís Feiteira e Susana Adelino, ambos do Sporting Clube de Portugal, publicamos de seguida os cinco primeiros por escalão.

Seniores

N.º Atleta	Nome	Equipa
2	Luís Feiteira	Sporting
469	José da Luz	Un. Rec. Dafundo
1636	Carlos Santos	Ginásio Alcobaca
1637	Mário Caseiro	Cl. Sport Marítimo
348	José Ferreira	Cruz Quebradense

Seniores Fem.

N.º Atleta	Nome	Equipa
21	Susana Adelino	Sporting
43	Vanda Ribeiro	Boavista
952	Paula Silva	Olimpícos do Restelo
866	Ilda Aguiar	Linda-a-Pastora
399	Sónia Ribeiro	G. D. Reb. Acoril

Veteranos I

N.º Atleta	Nome	Equipa
1957	Arlindo Macedo	U. Rec. Dafundo
480	Álvaro Costa	U. Rec. Dafundo
538	Jorge Gomes	Amaro's Joalheiros
482	Jorge Reis	U. Rec. Dafundo
91	Mário Duarte	Boavista do Pico

Veteranos II

N.º Atleta	Nome	Equipa
609	Herculano Pereira	Ídolos da Praça
549	Manuel Franclim	G. D. Cavadas
1767	Francisco Guerreiro	A. Sacavenense
608	Jorval Fidelis	Ídolos da Praça
395	Joaquim Pereira	G. D. Reb. Acoril

Veteranos III

N.º Atleta	Nome	Equipa
446	Mário Rodrigues	U. Rec. Dafundo
397	José Monteiro	G. D. Reb. Acoril
1586	Rui Gomes	Tara. da Corrida
249	Carlos Camacho	F. F. Paz Mundial U.
336	João Martins	C. A. B. da Banheira

Veteranos IV

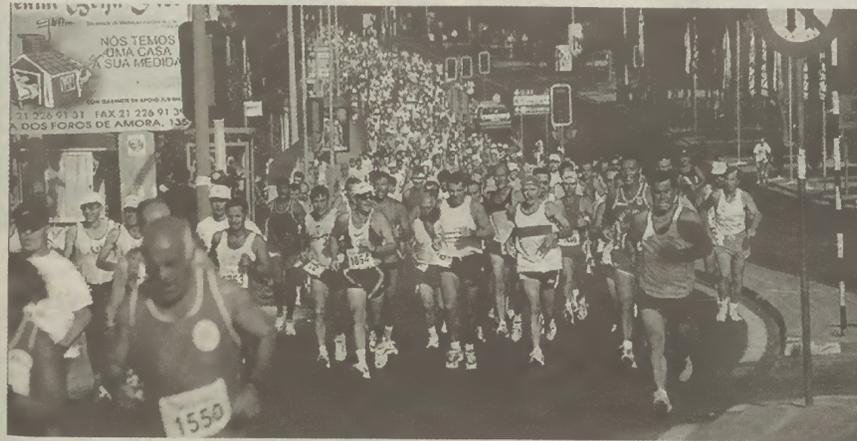
N.º Atleta	Nome	Equipa
1827	João Elias	O Independente
1898	José Neves	individual
1861	José Conceição	individual
450	Carlos Silva	U. Rec. Dafundo
1583	Alfredo Mateus	Tara. da Corrida

Veteranos V

N.º Atleta	Nome	Equipa
496	Adriano Cotrim	Lib. Fut. Clube
640	Armando Aldegalega	Sporting
309	João Guita	S. C. Reboleira
707	Vasco Mendes	Desp. Monte Real
497	Fernando Duarte	Lib. Fut. Clube



O momento em que Alfredo Monteiro, presidente da CM do Seixal deu o tiro de partida da Corrida e Corridinha



Atletas encheram as ruas e avenidas do Seixal e Amora



Luís Feiteira foi o primeiro a cortar a meta



Susana Adelino venceu em femininos



O basquetebol teve um concorrido torneio de 3x3

A festa das modalidades

A diversidade de modalidades, o número de atletas de clubes e colectividades que se fizeram representar na Festa do «Avante!» justificam que aqui se registem alguns números que pudemos coligir, os quais, apesar de incompletos, ajudam a traçar o quadro do desporto na Festa.

No Jogo do Pau (demonstração), estiveram nove praticantes, do CD Brejos de Faria.

O Andebol juntou um total de 105 participantes, distribuídos pelas equipas de

e do CCD Paivas (resultado: 3/4); de seniores masculinos do CCD Paivas e Seleção Concelho Seixal (resultado 3/10); e de seniores femininos do Palmeiras LC e Portugal C. Recreio (resultado: 2/1). No total estiveram 96 participantes.

O Sarau de Ginástica contou com exhibições de Trampolins do CRD Brasileiro/Rouxinol; de Dança do Portugal C. Recreio; Dança Jazz do Grupo Fanqueiro, envolvendo 85 participantes.

No torneio de Basquetebol, participaram 26 atletas, classificando-se nos três primeiros lugares as equipas Panquecas; Dragonol e NSR2 / New Radicals

Igualmente em evidência no Polidesportivo, as lutas

amadoras contaram com a presença de 10 atletas, na modalidade de Luta Livre Olímpica, em representação do CD Portugal. No Karate, o C R Cruz de Pau e o C C Paivas trouxeram 27 praticantes, entre os quais se encontravam campeões e vice-campeões mundiais e europeus.

Outra arte oriental o Tai-Chi-Chuan foi pela primeira vez exibida na Festa por 15 atletas da Associação Barreirense de Divulgação das Artes Marciais

No Tiro (ver classificações à parte) participaram 52 atiradores no Torneio de Carabina Cano Articulada; 14 na Pistola e 134 nas demonstrações.

As diferentes malhas

reuniram quase centena e meia de jogadores: 70 na malha pequena; 60 na malha grande e 16 na malha corrida (ver classificações à parte).

Outro jogo com tradições no nosso país, embora pouco divulgado, é a Petanca «Doublette» de que decorreram dois torneios com um total de 42 participantes.

Nos jogos de tabuleiro, o Mah Jong voltou a marcar presença com nove jogadores que explicaram este difícil jogo a 40 visitantes que se mostraram interessados.

Nas Damas (sistema suíço), 24 praticantes participaram no torneio (ver classificações à parte).

Cada vez mais populares são os desportos radicais, pelo menos a julgar pelo número dos que passaram pelo slide (600); ou os cerca de 300 que fizeram parede de esmalada.

Tudo isto em apenas três dias, é obra!



Classificações

Malha Pequena (equipas)

- 1.º - União Banheirense
- 2.º - Sempre Fixe
- 3.º - A. A. Arrozeias
- 4.º - União Pires
- 5.º - Chinquilho Arrotense
- 6.º - Pluricoop Alhos Vedros
- 7.º - G.F. Bairro Gouveia

Malha Grande (equipas)

- 1.º - Aldeia do Meco, Sesimbra
- 2.º - Amigos do Chinquilho, Setúbal
- 3.º - Caixas, Sesimbra
- 4.º - Jardim, Montijo
- 5.º - Gâmbia, Setúbal
- 6.º - Brejos, Moita

Malha Corrida (equipas)

- 1.º - Casa Varela, Santiago do Cacém
- 2.º - Aldeia Chão, Aldeia Chão
- 3.º - Alvalade, Alvalade

(individuais)

- 1.º - José Ramos, Santiago do Cacém
- 2.º - José Gonçalves, Val Seco
- 3.º - Henrique Pereira, Santiago do Cacém
- 4.º - Flávio Pinela, Aldeia do Chão

Petanca (Doublette)

Torneio Principal (equipas)

- 1.º - Ass. de Reencontro dos Emigrantes (equipa: Berto José, José Casanova)
- 2.º - Clube de Campismo de Lisboa-Costa de Caparica (equipa: Carlos Filipe, João Azevedo)
- 3.º - Clube de Campismo de Lisboa-Costa de Caparica (equipa: Soares, Custódio)
- 4.º - Clube de Campismo de Lisboa-Costa de Caparica (equipa: Raul, Canoá)

Torneio Complementar

- 1.º - Ass. dos Reformados «O Norte»-Baixa da Banheira (equipa: Pepe, Silva)
- 2.º - Clube de Campismo de Lisboa-Costa de Caparica (equipa: Quim, Paula)

Damas (sistema suíço)

1.º - Daniel Machado, Vale Vargo; 2.º - Manuel Mestre, Charneca; 3.º - Tavares Correia, Barreiro; 4.º - Artur Gomes, Charneca; 5.º - José Pereira, Almada; 6.º - Tomás Pinho, Pinhal Novo; 7.º - Viegas Nunes, Faro; 8.º - Artur Henrique, Leiria; 9.º - Francisco Domingues, Moscavide; 10.º - Bento Soares, Odivelas; 11.º - Hélder Cláudio, Moscavide; 12.º - Manuel Duarte, Barreiro; 13.º - João Santos, Covilhã; 14.º - Acácio Cardoso, Laranjeiro; 15.º - Daniel Menezes; 16.º - Sebastião Ferreira, Amadora; 17.º - João Mendes; 18.º - Manuel Colaço, Torre da Marinha; 19.º - João Amorim, Charneca; 20.º - João Jorge, Covilhã; 21.º - Jacinto Modesto; 22.º - Ana Sofia; 23.º - Mário Santos, Charneca; 24.º - Daniel Sousa



A escalada da parede foi um desafio até para os novos



A petanca despertou interesse e curiosidade

iniciados femininos do ABCD (Brandoa) e do CCCD (Carnaxide); juniores masculinos da Boa Hora FC e do C. Oriental de Lisboa; e de veteranos masculinos, num Torneio Triangular com equipas do Atlético Clube de Portugal, Sport Lisboa e Benfica e Seleção de Lisboa

No Futsal estiveram formações de iniciados masculinos do Clube R D Miratejo e da Seleção do Seixal (resultado: 2/3); de iniciados femininos da Associação de Moradores Tempo de Mudar



No Futsal, as equipas femininas mostraram como se joga

Damas Homenagem justa

O torneio de damas da Festa do «Avante!» suscitou o habitual interesse entre os adeptos da modalidade. Este ano, porém, integrou um ponto carregado de significado. Referimo-nos à muito justa homenagem prestada a Mário Dinis Vaz, um cam

compositor artístico, promotor de muitos torneios de produções e soluções de jogos. Dinis Vaz é também um jogador prático. Foi campeão nacional por equipas em 1960 e é colaborador da Enciclopédia Damista desde o início da sua publicação.



As damas proporcionaram um animado torneio



Nas lutas, as artes orientais destacaram-se pela beleza dos movimentos



O tiro precisa de calma e perícia e quem quis pôde experimentar



Mah-jong jogou-se e ensinou-se a quem quis aprender



O sarau foi seguido por uma assistência entusiasmada



Força e destreza são requisitos para a luta olímpica

Xadrez

A idade é o que menos conta

Na sexta-feira, decorreu um «Match» Seixal/Lisboa em equipas de 10 jovens cada, com idades inferiores a 20 anos, tendo o Seixal saído vencedor por 14-8 no cômputo final das duas mãos.

No dia seguinte teve lugar o tradicional torneio individual de partidas de 15 minutos por jogador com a participação de 33 jogadores. Venceu José Luís Nobre, de Setúbal.

Ainda no sábado à noite realizaram-se três simultâneas conduzidas por Mariana Cortinhas, campeã nacional absoluta de sub-12, Sara Afonso, campeã nacional feminina de sub-12 e Álvaro Pereira, actor e Grande Mestre no xadrez por correspondência.

Saliente-se que as jovens campeãs, com apenas 11 anos, derrotaram os seus quatro adversários por 3-1 e 4-0, respectivamente.

O Mestre e actor Álvaro Pereira, que fez questão de estar presente apesar de se encontrar convalescente de uma intervenção cirúrgica, venceu as três melhores jogadoras do Seixal, Ana Jardim, Sara Monteiro e Ana Veríssimo, todas pertencentes ao CDR Cavaquinhas, colectividade que se tem destacado

no desenvolvimento desta modalidade com o apoio da Câmara Municipal do Seixal. Este convívio xadrezístico mostrou o trabalho em prol da modalidade que tem sido realizado pelos Pelouros do Desporto das Câmaras Municipais de Lisboa e do Seixal, com vereadores da CDU, e pelo movimento associativo de ambos os concelhos com destaque para as colectividades, Mestres de S. João, Associação Operária da Palma e Arredores e C D R Cavaquinhas, qualquer delas com um extraordinário trabalho de formação de jovens jogadores.



O xadrez trouxe campeões de palmo e meio à Atalaia

Classificações

Tiro Carabina

Seniores

- 1 - Filipe Galvão, GDR Unidos da Recosta
- 2 - Carla Santos, C. Praças da Armada
- 3 - Manuel Duarte, GDR Unidos da Recosta
- 4 - Lino Manageiro, C. Praças da Armada
- 5 - José Galvão, GDR Unidos da Recosta

Juniores

- 1 - Luís Antunes, Clube Lisnave
- 2 - Filipe Galvão, GDR Unidos da Recosta
- 3 - Rui Faísca, GDR Unidos da Recosta
- 4 - Marta Colaço, GDR Unidos da Recosta
- 5 - Júlio Galvão, GDR Unidos da Recosta

Equipas

- 1 - Grupo Desp. e Recr. Unidos da Recosta
- 2 - Clube de Praças da Armada
- 3 - Clube Lisnave
- 4 - Juventude Desportiva da Cidade Sol
- 5 - Clube Desp. e Recr. de Brejos de Faria

Pistola

- 1 - José Pego, G. Desp. da PSP
- 2 - Pedro Faria, G. Desp. da PSP
- 3 - José Robalo, S. Recr. Estrelas do Feijó
- 4 - Lígia Trepado, G. Desp. da PSP
- 5 - Susana Robalo, S. Recr. Estrelas do Feijó

Equipas

- 1 - Grupo Desp. da PSP
- 2 - Soc. Recr. Estrelas do Feijó
- 3 - GDR Unidos da Recosta

Xadrez

(Torneio individual)

- | | | |
|-----------------------------|-------|----------|
| 1 - José Luís Nobre | Sen. | Setúbal |
| 2 - André Proença | Jun. | Seixal |
| 3 - Fábio Rebelo | Inf. | Lisboa |
| 4 - Daniel Bicho | Inf. | Seixal |
| 5 - Sara Monteiro | Juv. | Seixal |
| 6 - Ana Veríssimo | Inf. | Seixal |
| 7 - Nelson Bicho | Inf. | Seixal |
| 8 - Hélder Figueiredo | Jun. | Barreiro |
| 9 - Rafael Rosário | Juv. | Beja |
| 10 - Manuel Bravo | Sen. | Setúbal |
| 11 - Vasco Teixeira | Sen. | Setúbal |
| 12 - Nuno Ramos | Sen. | Lisboa |
| 13 - Tiago Silva | Inf. | Seixal |
| 14 - Márcio Sousa | Juv. | Seixal |
| 15 - João Rodrigues | Sen. | Seixal |
| 16 - João Rebelo | Juv. | Lisboa |
| 17 - Rogério Pires | Jun. | Seixal |
| 18 - Flávio Sousa | Juv. | Seixal |
| 19 - Ana Jardim | Ini. | Seixal |
| 20 - Tiago Andrade | Inf. | Lisboa |
| 21 - Pedro Veríssimo | Ben. | Seixal |
| 22 - Ruben Proença | Ini. | Seixal |
| 23 - Rodrigues Rodrigues C. | Inf. | Seixal |
| 24 - Sílvio Soares | Vet. | Seixal |
| 25 - Gonçalo Dias | Jun. | Leiria |
| 26 - Iuri Pina | Ban. | Seixal |
| 27 - Vasco Martins | Sen. | Seixal |
| 28 - Joana Monteiro | Ban. | Seixal |
| 29 - Pedro Pereira | Ban. | Seixal |
| 30 - Henrique Pedro | Sen. | Nisa |
| 31 - Victor Pereira | Benj. | Seixal |
| 32 - Sebastião Ferreira | Sen. | Amadora |
| 33 - Nuno Lucas | Sen. | Aveiro |

ATVer

«Sabrina»

O Intendente Sanjuro

(Sexta-feira, 14.09.01, RTP-2)

Produzido em 1962, **O Intendente Sanjuro** é um filme de samurais, ou seja, um «jidai-geki», que o grande mestre japonês **Akira Kurosava** realizou em tom de comédia de aventuras. Um samurai errante envolve-se numa disputa local, acabando por fazer a diferença numa conspiração, servindo-se mais do engenho e da malícia que da espada. Como sempre, Kurosava constrói um filme de grande impacto visual, recheado de grandes combates e de um humor envolvente, magnificamente interpretado pelo seu actor emblemático, **Toshiro Mifune**.

O Advogado do Diabo

(Sábado, 15.09.01, TVI)

O Advogado do Diabo é um exemplo paradigmático de como um actor, a golpes de



ficial – uma jovem «maria-razapaz», pobre como convém a uma gata borralheira dos tempos modernos, parte para Paris e de lá regressa ao convívio da vizinhança que a viu crescer transformada numa sofisticada e bela mulher, para surpresa e embeicamento dos poderosos locais, que anteriormente a haviam ignorado. O costume: menina pobre a seduzir o menino rico a caminho de um final feliz. Desta vez o menino rico é um insólito **Harrison Ford**, um óbvio chamariz para aguentar este *remake* tão anódino como o original. Para quem gosta de contos de fadas à americana.

Selvagem e Perigosa

(Sábado, 15.09.01, SIC)

Um bem escolhido «par romântico» (**Melanie Griffith** e **Jeff Daniels**) e um experimentado «mau da fita» (**Ray Liotta**) justificam boa parte do merecido sucesso na década de 80 desta comédia negra de aventuras saída das mãos do talentoso realizador **Jonathan Demme**, autor de obras tão impressionantes como *O Silêncio dos Inocentes* ou *Filadélfia*. Jeff Daniels encarna a figura de um respeitável homem de negócios que, num momento de desvario, se deixa levar pelas fantasias de uma tresloucada morena (que afinal era a loira Melanie Griffith) que, por seu lado, é perseguida pelo marido psicopata, Ray Liotta. Da fuga e do confronto vence o amor, perde o mau da fita e ganha o espectador uma hora e meia de bom entretenimento.

A tribo de Krippendorf

(Sábado, 15.09.01, RTP-1)

Produzido pelos Estúdios Disney, realizado por **Tod Holland** e interpretado por **Richard Dreyfus**, **A tribo de Krippendorf** é uma divertida comédia sobre as atribulações de um antropólogo que, para justificar o «desvio» de 100 mil dólares de um financiamento de pesquisas científicas para a educação dos filhos, monta uma estapafúrdia fraude: roda um «documentário» nas traseiras da sua casa, com a família no elenco, sobre uma pretensa tribo selvagem que teria descoberto na Nova Guiné. Uma farsa corrosiva a denunciar, de uma assentada, o mito dos pesquisadores, as instituições oportunistas que subvencionam a ciência como um negócio e a manipulação que hoje se pode fazer com os audiovisuais.

O Último Tango em Paris

(Domingo, 16.09.01, RTP-2)

Há cerca de 30 anos, **O Último Tango em Paris**, de **Bernardo Bertolucci**, transformou-se quase instantaneamente num filme de culto e num caso célebre de controvérsia e escândalo, perseguido e condenado um pouco por todo o lado pelos mais desvairados moralis-

mos, que não hesitaram em accionar a lei contra o filme. Transformado em escândalo à escala do mundo cristão e ocidental foi, simultaneamente, um mega sucesso também mundial pelas mesmas razões marginais do escândalo – a explicitação em cenas de sexo. Hoje, continua uma magnífica parábola sobre o amor, através do encontro fortuito e uma paixão avassaladora entre um homem maduro e desiludido com a vida (**Marlon Brando**, que veria neste papel o seu renascimento como mito do cinema) e uma jovem parisiense por seu lado ávida de viver (**Maria Schneider**, cuja carreira de atriz começou e acabou ali, naquele papel fulgurante). Em Paris, a cidade das mil seduções.

Sabrina

(Domingo, 16.09.01, TVI)

Como dizíamos em Abril último (quando a TVI passou este mesmo filme...), **Sabrina**, feito em 1995 por **Sydney Pollak**, é um *remake* da comédia romântica com o mesmo título realizada em 1954 por **Billy Wilder**, com grande sucesso, aliás. A história continua delicioso e super-

Quinta, 13**▼RTP1**

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.45 Pedra sobre Pedra
16.35 Privilégio de Amar
18.15 Meu Pé de Laranja-Lima
18.55 Quebra-Cabeças
19.35 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 A Senhora das Águas
22.00 Paraíso Filmes
22.30 Grande Reporter
23.30 JAG-Em Nome da Justiça
00.30 24 Horas
01.00 «Doutor, Vamos a Isto» (de Gerald Thomas, com Frankie Howard, Sidney James, Jim Dale. Comédia)

▼RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Euronews
15.00 Ciclismo – Volta a Espanha
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 África de Baixo Acima
19.30 Espaço Infantil
20.00 Sabrina
21.00 2010
22.00 RTP Economia
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
22.50 Começar de Novo
23.40 Adalen 31

▼SIC

08.00 Buêré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave



Joana Fomm, a «Rita» de «Porto dos Milagres»

17.00 Um Anjo Caído do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
22.45 Malucos do Riso
23.00 Sai de Baixo
24.00 Noites Marcianas
02.00 Jerry Springer Show
02.50 Portugal Radical

▼TVI

08.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.15 Tourada
01.50 «Hong Kong 97» (de Albert Pyun, EUA/1994, com Robert Patrick, Brion James. «Thriller»)
03.50 Maggie

Sexta, 14**▼RTP1**

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.45 Pedra sobre Pedra
16.35 Privilégio de Amar
18.15 Meu Pé de Laranja-Lima
18.55 Quebra-Cabeças
19.35 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 A Senhora das Águas
22.00 Segredo de Justiça
23.00 «Brian Voltou» (Telefilme)
00.50 24 Horas
01.20 «Sonhos Eróticos de Christine» (de Jesus Franco, Fr-It-Liechtenstein/1971, com Christina von Blanc, Britt Nichols. Terror)

▼RTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Euronews
15.00 Ciclismo – Volta a Espanha
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Pontos de Fuga
20.20 Sabrina
21.00 Escândalos
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.20 Começar de Novo
23.40 «O Intendente Sanjuro» (de Akira Kurosava, Japão/1962, com Toshiro Mifune. Ver Destaque)

▼SIC

08.00 Buêré
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem

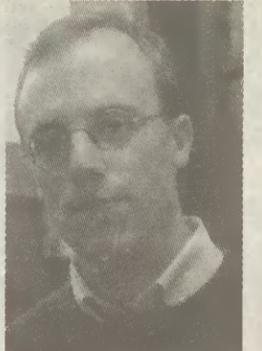


«Herman Sic» de novo a partir desta semana

16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caído do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Malucos do Riso
23.00 Ponto de Encontro
24.00 Noites Marcianas
02.35 Jerry Springer Show
03.30 Portugal Radical

▼TVI

08.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.15 Olhos de Água
23.50 Longa Metragem
02.25 Maggie
02.55 A Herança



«EXD» e «Serviço Público» são as novas propostas de Luís Osório (na RTP2)

Sábado, 15**▼RTP1**

07.30 Infantil/Juvenil
12.00 Automobilismo (GP Itália)
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.15 Programa não designado
16.45 «A Tribo de Krippendorf» (de Todd Holland, EUA/1998, com Richard Dreyfus, Jenna Elfman, Natasha Lyonne. Ver Destaque)
18.20 «Cinderella de Rodgers e Hammerstein» (de Robert Iscove, EUA/1997, com Winney Houston, Bernadette Peters, Woopi Goldberg. Musical)
20.00 Telejornal
21.00 Sábado à Noite
22.30 Andrómeda
23.30 24 Horas
23.50 Máquinas
00.30 «Punhos da Estrela do Norte» (de Tony Randel, EUA/1995, com Gary Daniels, Costas Mandylor, Christopher Penn. Acção)

▼RTP2

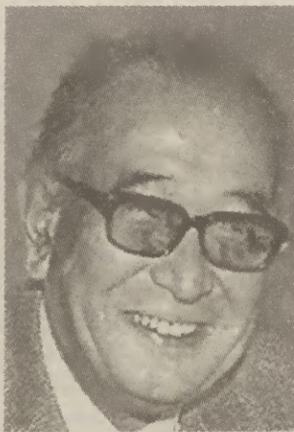
07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.00 Iniciativa
14.00 Roma: Poder e Glória
15.00 Desporto 2
19.00 «Longe da Vista» (Longa Metragem)
21.00 Horizontes da Memória
21.30 Bombordo
22.00 Bem... Você Percebe?
22.30 Jornal 2
23.20 O Lugar da História – «Os Múis»
00.20 Britecom
01.20 «Great Gatsby»

▼SIC

07.00 Zip Zap
11.00 Uma Aventura
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 «Voando para Casa» (de Carol Ballard, EUA/1996, com Jeff Daniels, Anna Paquin, Danna Delany. Drama)
16.30 «Nove Meses» (de Chris Columbus, 1995, com Hugh Grant, Julianne Moore, Jeff Goldblum, Robin Williams. Comédia)
19.10 Mundo VIP
20.00 Jornal da Noite
21.00 Futebol: Benfica-Porto
23.00 Presença de Anita
01.00 Sexappeal
02.00 «Selvagem e Perigosa» (de Jonathan Demme, EUA/1986, com Melanie Griffith, Jeff Daniels, Ray Liotta. Ver Destaque)

▼TVI

08.00 Animação
10.45 Top Rock
12.00 Reportagem
13.00 TVI Jornal
14.00 Contra-Ataque
14.45 4ª a Fundo
15.15 «A Aventura do Ouro Perdido» (de Ashton Root, EUA/2000, com Taylor Root, Brendon Ryan Barrett. Aventura)
18.00 Longa Metragem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 Olhos de Água
23.00 «O Advogado do Diabo» (de Taylor Hackford, EUA/1997, com Keanu Reeves, Al Pacino. Ver Destaque)
01.00 Lux
01.40 «Revelação Mortal» (de Lawrence Mortoff, EUA/1997, com Robby Benson, Laura Johnson. «Thriller»)
03.40 Remington Steele



Akira Kurosava – realizador de «O Intendente Sanjuro»

«O Último Tango em Paris»

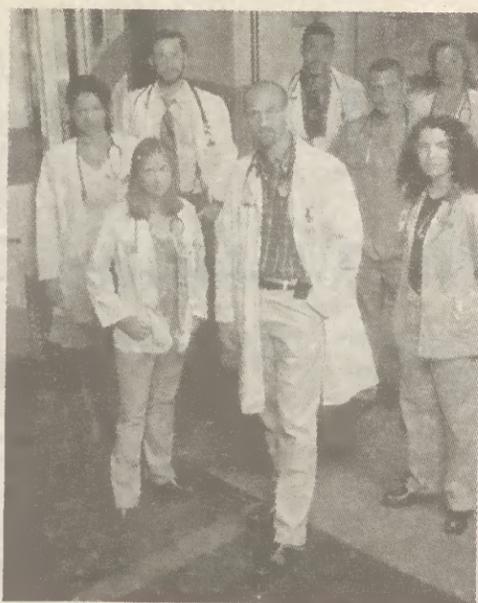
puro talento, pode transmutar uma fita sofrível num filme de mão-cheia. Dito de outra maneira: este filme dificilmente levantaria voo (mesmo baixinho...) se não contasse com **Al Pacino** no papel de Diabo em figura de gente (neste caso, de um melíflu e desbragado patrão-fundador de uma firma de advogados norte-americana). Literalmente «diabólica», é o que se deve dizer da criação de Pacino nesta revisitação ao tema de Fausto, onde um jovem e ambicioso advogado (**Keanu Reeves** a dar boa réplica a Pacino, o que não é dizer

«vende a alma ao Diabo» para alcançar sucesso na carreira. A história está mais que vista, o final é moralista até dizer chega, mas que importância tem isso? Temos ali o Diabo à solta em versão Pacino e uma coisa é certa: a coisa é dos diabos!

Sabrina

(Domingo, 16.09.01, TVI)

Como dizíamos em Abril último (quando a TVI passou este mesmo filme...), **Sabrina**, feito em 1995 por **Sydney Pollak**, é um *remake* da comédia romântica com o mesmo título realizada em 1954 por **Billy Wilder**, com grande sucesso, aliás. A história continua delicioso e super-



«Serviço de Urgência» regressa, ao que consta, com episódios inéditos

Domingo, 16

VRTP1

07.30 Infantil/Juvenil
12.30 Planeta Azul
13.00 Jornal da Tarde
15.00 Made in Portugal
16.10 «Pais Sozinhos em Apuros» (de Sam Weisman, EUA/1995, com Randy Quaid, Matthew Modine, Paul Reiser. *Comédia*)
18.00 Imagens
18.30 Domingo Desportivo
20.00 Telejornal
21.00 O Sabotador
22.00 Danza Café
23.00 O Rosto da Notícia
24.00 Serviço de Urgência
01.00 Teledependentes
01.30 24 Horas
01.50 «Relações Perversas» (de Dean Parisot, EUA/1998, com Drew Barrymore, Luke Wilson, Jake Busey. *Comédias*)

VRTP2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
12.00 Nós e os Animais
12.30 Palácio de Cristal
13.30 Quem Sai aos Seus
14.00 Gente sobre a Água
15.00 Desporto
18.15 Amazônia, Último Aviso
19.30 Onda Curta
20.00 Simpsons
20.30 Artes e Letras - Gao Xing Jian, Prémio Nobel
21.30 Os Miseráveis
22.30 Jornal 2
22.50 «O Último Tango em Paris» (de Bernardo Bertolucci, Fr-Itália/1972, com Marlon Brando, Maria Schneider, Jean-Pierre Léaud. *Ver Destaque*)
00.45 História do Cinema Português (7)
01.55 2010

VSIC

07.00 Zip Zap
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Médico de Família
15.00 «Formiga Z» (de Eric Darnell, EUA/1998. *Animação*)
17.00 «Uma Noite com o Presidente» (de Rob Reiner, EUA/1995, com Michael Douglas, Annette Bening, Martin Sheen, Michael J. Fox. *Drama*)
20.00 Jornal da Noite
21.10 Malucos do Riso
22.00 Herman SIC
24.00 «No Teu Aniversário» (de Michael Pressman, EUA/1996, com Peter Gallagher, Michelle Pfeiffer, Kathy Bates. *Drama*)

VTVI

08.30 Animação
10.00 Cerimónias Religiosas
13.00 TVI Jornal
13.45 Dawson's Creek
14.45 «A Única Verdade» (de Lloyd Kramer, EUA/1998, com Elisabeth Shue, Hanna Hall. *Thriller*)
16.30 «Sexo, Baratas e Rock n'Roll» (com Jim Turner, Shiek Mahmud-Bey. *Comédia*)
18.30 Big Brother
20.00 Jornal Nacional
21.00 Super Pai
22.00 Olhos de Água
23.00 «Sabrina» (de Sydney Pollack, EUA/1995, com Harrison Ford, Julia Ormaond. *Ver Destaque*)
01.00 «A Irmandade do Mal» (de Lewis Gilbert, EUA/1995, com Aidan Quinn. *Suspense*)

Segunda, 17

VRTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.45 Vidas de Sal
16.35 Privilégio de Amar
17.30 Carita de Anjo
18.15 Quebra Cabeças III
18.50 Futebol - Sporting-Gil Vicente
21.15 Telejornal
22.00 A Senhora das Águas
23.00 Sorte Grande
24.00 Jogo Falado
01.30 24 Horas
02.00 «Entre Gigantes» (de Somin Beaufoy, EUA/1997, com Pete Postlethwaite, Rachel Griffiths, James Thornton. *Comédia*)

VRTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 O Lugar da História
15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
16.30 Informação Gestual
18.00 Gente da Cidade
18.30 Informação Religiosa
19.00 Rotações
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
20.45 Jack and Jill
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2
23.20 Começar de Novo
00.10 Artes de Palco (Teatro: «O Que Diz Molero»)

VSIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caído do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show

VTVI

08.30 Errar é Humano
09.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.00 Olhos de Água
22.50 Big Brother
23.50 Ficheiros Secretos
01.40 «Preso no Espaço» (Aventura)



«Danza Café» - um programa dedicado à dança de salão. Na RTP1

Terça, 18

VRTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.45 Vidas de Sal
16.35 Privilégio de Amar
17.30 Carita de Anjo
18.55 Quebra-Cabeças
19.35 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 A Senhora das Águas
22.00 Futebol: Liga dos Campeões
23.30 JAG - Em Nome da Justiça
00.30 Histórias da Noite
01.15 24 Horas
01.45 «Boa Noite, Viena» (Rudolf van den Berg, Holanda/1997, com Alan Cummings, Juliet Aubrey, Frank Finlay. *Drama*)

VRTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
14.00 Euronews
15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
16.30 Informação Gestual
17.30 Fronteira Ocidental
18.30 Informação Religiosa
19.00 Bombordo
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
20.50 Fenómeno
22.00 Acontece

Quarta, 19

VRTP1

07.30 Infantil/Juvenil
09.30 Praça da Alegria
12.25 Regiões
13.00 Jornal da Tarde
13.55 Emoções Fortes
15.45 Vidas de Sal
17.15 Privilégio de Amar
18.05 Carita de Anjo
19.15 Futebol (Liga dos Campeões): Boavista-Dinamo Kiev
21.45 Telejornal
22.45 A Senhora das Águas
23.45 Liga dos Campeões (Resumos)
00.45 Andrómeda
01.45 24 Horas
02.15 «A Tumba dos Mortos Vivos» (de Jesus Franco, It-Esp-Fr-Alem/1982, com Manuel Gélín, France Jordan. *Terror*)

VRTP2

07.00 Hora Viva
09.45 Euronews
11.00 Espaço Infantil-Juvenil
13.20 Portugalmente
14.00 Por Outro Lado
15.00 Ciclismo: Volta a Espanha
16.30 Informação Gestual
18.30 Informação Religiosa
19.00 Onda Curta
19.30 Espaço Infantil
20.20 Sabrina
21.00 Programa não designado
22.00 Acontece
22.30 Jornal 2



22.30 Jornal 2
23.20 EXD
23.50 Começar de Novo
00.40 «My Name is Joe» (Longa Metragem)
03.40 Rotações

VSIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caído do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Confiança Cega
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show

VTVI

08.30 Errar é Humano
09.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.00 Olhos de Água
22.50 Big Brother
01.20 A Juíza
02.20 «Sem Ajuda Possível» (com Valerie Bertinelli, Anne Ransay. *Drama*)

23.20 Serviço Público
00.20 Sinais do Tempo
01.10 Onda Curta Especial

VSIC

08.00 Buêrére
10.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.10 A Próxima Vítima
15.00 A Viagem
16.15 New Wave
17.00 Um Anjo Caído do Céu
18.00 Ganância
19.00 A Padroeira
20.00 Jornal da Noite
21.30 Porto dos Milagres
22.30 Malucos do Riso
23.00 Sai de Baixo
24.00 Noites Marcianas
02.05 Jerry Springer Show
02.50 Portugal Radical

VTVI

08.30 Mundo Marinho
09.30 Animação infantil
12.10 Big Brother
13.00 TVI Jornal
14.00 Dona Anja
15.00 Chiquititas
16.00 Animação Juvenil
19.00 Anjo Selvagem
20.00 Jornal Nacional
21.00 Filha do Mar
22.00 Olhos de Água
22.50 Big Brother
01.40 «Nascido para a Aventura» (com Richard Grieco, Jay Acovone. *Aventura*)

Nota:

A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizadas pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

TVisto

Correia da Fonseca

A Festa e o papagaio

A Festa do «Avante!» existe há 25 anos, e as estações

portuguesas de televisão, coitadas, não podem fazer de conta que não dão por ela. Tempos houve em que se limitavam a fazer-lhe referências breves e estrategicamente colocadas nos alinhamentos dos noticiários de modo a que não fossem muito reparadas, mas o manifesto desequilíbrio entre a importância do acontecimento e a exiguidade da notícia era tal que o método caiu em desuso. Também, admito-o, porque

O veneno em contraponto

Vem isto a propósito, naturalmente, da cobertura telejornalística da Festa deste ano. Não direi que foi mais tendenciosa que outros anos, o que seria falso: direi antes, plagiando uma fórmula muito usada há anos num spot publicitário, que as notícias acerca da Festa do «Avante!» estão cada vez mais na mesma, o que é pelo menos uma pena. O caso, porém, é que fiquei um bocadinho chocado com o que ocorreu durante a transmissão integral pelo SIC-Notícias da intervenção de Carlos Carvalhas, no domingo, e garanto que com o tempo telespectador não sou dos que se chocam com qualquer coisinha. É certo que havia precedentes: não apenas na SIC, aconteceu por vezes, nos dias anteriores, que a colaboração (distráido, ia a escrever «a cumplicidade») entre repórter e operador de câmara resultava muito mais em desinformação que em qualquer outra coisa, mas, calejado, eu ia fingindo para mim próprio que não era nada de importante. Até porque alguns dos repórteres destacados para a Atalaia pareciam ter sido seleccionados em atenção a uma superior ignorância, um sistemático alheamento pelos aspectos essenciais e um empenhado esforço em mostrar ao patronato o seu anticomunismo militante que, afinal, mesmo quando se julgava hábil era apenas saloio. Quanto ao acontecido enquanto Carlos Carvalhas falava, foi uma espécie de quase ininterrupto contraponto produzido por um repórter off, aplicado a desfazer permanentemente o que o secretário-geral do PCP ia dizendo e que aliás correspondia a verdades tão óbvias que uma das saídas finais do tão loquaz comentador foi que não se ouvira «nada de novo». Por acaso era mentira, mais uma: Carvalhas reivindicara a suspensão do Pacto de Estabilidade, o que era tão novo que no dia seguinte seria título de primeira página no insuspeitíssimo Público. Mas o homem, de tão palrador, já nem sabia o que dizer para não ficar calado, até chamou António ao Carlos, «Internacional Socialista» a «A Internacional» (e nem por respeito a este hino, o que parecia ser eticamente obrigatório, a criatura se calou quando ele foi entoado). E ao longo de todo o tempo bombardeou-nos com versões tolas das mais frequentes munições do anticomunismo mediático, como se fosse para o ouvir a ele que os telespectadores assinantes da TV Cabo tinham escolhido o SIC-Notícias àquela hora. O pior é que, quando aquilo acabou, fiquei a pensar que talvez aquela fatigante performance se integrasse numa estratégia de assalto ao poder jornalístico naquele canal, que aliás tem transmitido das boas coisas que têm sido vistas por cá em matéria informativa. O pior é que pensei também que o suspeito é capaz de ter razão: talvez os ventos sejam agora favoráveis a esse tipo de gente. O pior, mas então para ele, é que, como todos os ventos, também esse, se existe, um dia cai.

entretanto perdeu força a raiva anticomunista dos bons velhos tempos da guerra fria e porque os hábitos de democraticidade progrediram entre nós. De qualquer modo, entenda-se que nada disto significa que não haja no telejornalismo português profissionais lúcidos, honrados e competentes, independentemente das opções ideológicas. A questão será antes que a oportunidade de intervenção profissional não chega a todos e em certas matérias é difícil que chegue a alguns. Este ano, a Festa esteve longe de ser ignorada pelas TV's. Porém, é claro que uma coisa é falar-se de um acontecimento, dar notícia dele, e outra coisa bem mais difícil e na circunstância compreensivelmente rara é falar-se dele sem preconceitos. Os jornalistas são gente como qualquer outra, respiram o ar que todos respiramos, têm companheirismos e amizades nos ambientes que frequentam, socorrem-se das fontes de (in)formação que lhes são proporcionadas. Ora, os telejornalistas estão mergulhados profissionalmente no centro do caldo de manipulação anticomunista de uma sociedade como a nossa, pelo que nem por intercessão da Senhora de Fátima (suspeito de que também ela contaminada pela propaganda anticomunista) poderiam ficar imunes aos efeitos gerados pelo meio. Excepções muitas ou poucas a esta espécie de regra, e decerto que as haverá, não-de ser consequência de esforços individuais e mais ou menos heróicos para «furar» o cerco que condiciona a isenção e a clarividência.

A talhe de foice

• Anabela Fino

A guerra ou a paz

O mundo assistiu com horror e estupefacção aos atentados terroristas que enluraram os EUA. Através das televisões e das rádios foi possível acompanhar a par e passo o drama de milhares de pessoas que na fatídica manhã de 11 de Setembro descobriram, da pior forma possível, que não há fronteiras para o horror.

Apanhadas na gigantesca ratoeira em que de súbito se transformaram as torres de Manhattan e o Pentágono, até agora símbolos de modernidade e do poderio económico e militar norte-americano, milhares de seres humanos ficaram soterrados sobre os escombros, sucumbiram às chamas, lançaram-se no espaço num salto sem regresso.

A morte, o terror e o caos atingiram o coração da maior potência do mundo através de vulgares aviões de passageiros convertidos em armas de destruição massiva. E a dor, brutal, atingiu o povo norte-americano, que assim se junta ao imenso rol de povos do mundo que desde há muito sofre os horrores do terrorismo, seja ele de grupos extremistas ou de Estado.

De Setembro Negro reza a história recente do Chile, que justamente num dia 11, em 1973, foi trespassado pelas armas de um golpe militar apoiado e fomentado pelos EUA. Negro foi outro Setembro, no Líbano, uma década depois, quando milhares de refugiados palestinos foram massacrados com a conivência de Israel, aliado dilecto de Washington.

Negros têm sido todos os meses do ano para o povo iraquiano, alvo sistemático dos bombardeamentos britânicos e norte-americanos nos últimos dez anos. De negro ficou a Jugoslávia com os ataques da NATO, que não hesitou em destruir a sede da televisão de Belgrado e quantos nela trabalhavam, tal como escolas, hospitais, fábricas..., em nome dos direitos humanos.

De negro, de muito negro, são os dias de todos os meses do ano dos povos vítimas da guerra e da exploração sem limites que alimentam e engordam os países ditos desenvolvidos e civilizados.

Tal como no horrível atentado de anteontem nos EUA, é vermelho o sangue de todas as vítimas, é terrível a dor de todos feridos, é incomensurável a angústia, o medo, os traumas dos sobreviventes, quantos deles para sempre estropiados, dos atentados terroristas. E todos eles, tal como os norte-americanos, clamam por solidariedade, por justiça... e por vingança.

Que vingança restitui uma vida perdida? Que morte de inocentes redime a morte de outros inocentes?

Não há justiça na vingança, mas só a justiça pode pôr termo aos anseios de vingança. É justiça que falta, e isso, mais do que a qualquer outro, compete aos EUA e aos seus aliados, cujo papel no mundo está longe de pautar por critérios de justiça.

O respeito que merece a dor do povo norte-americano e a condenação e repúdio devidos a todos os actos de terrorismo, sem excepção, não podem fazer esquecer a responsabilidade que cabe aos EUA na crescente tensão que se vive a nível internacional. As autoridades do país que se arroga o direito de se considerar polícia do mundo sabem disso. Nesta hora em que todos os perigos espreitam, bom seria que os senhores da Casa Branca se lembrem das palavras, citadas de memória, de um outro presidente que os norte-americanos veneram — os que tornam impossível a solução pacífica tornam inevitável a guerra.

Terror no coração da América

Atentados nos EUA causam milhares de vítimas

A série de atentados registados anteontem em Nova Iorque e Washington deixaram os EUA em estado de choque. Bush declarou o estado de emergência.

A colisão de dois aviões com as torres do World Trade Center, na ilha de Manhattan em Nova Iorque, provocando o desmoronamento de ambas, e a colisão de um terceiro avião com o Pentágono, em Washington, lançaram o terror e o caos no coração da América.

Os atentados, de origem ainda desconhecida, chocaram o mundo. Desconhece-se até ao momento o número de vítimas, mas ninguém duvida de que a tragédia assume proporções nunca vistas nos EUA.

Tudo começou cerca das 8.45 horas locais (13.45 horas de Lisboa), quando um avião chocou com a parte superior de uma das torres de Manhattan, de 110 andares. A ideia de acidente não demorou a ser posta de lado: dezoito minutos depois do primeiro impacto, quando o mundo assistia já à transmissão em directo da torre em chamas, um segundo aparelho embateu na outra torre, provocando uma gigantesca explosão. As notícias de explosões no Pentágono e no Departamento de Estado norte-americano, em Washington, chegaram quase em simultâneo, não deixando lugar para dúvidas. Os EUA, a maior potência do mundo, estava a

ser alvo de uma série de atentados terroristas, numa acção sem precedentes. Um ataque sem mísseis, sem bombas, sem os sofisticados armamentos que abundam pelo mundo. As armas foram aviões civis cheios de passageiros, lançados contra edifícios emblemáticos da América: o coração do mundo financeiro e do poder militar norte-americano. É de admitir que a Casa Branca era outro dos objectivos visados, mas o aparelho desviado para o efeito despenhou-se antes de atingir o alvo.

As novas armas do terrorismo

Pelo menos quatro aviões das linhas norte-americanas foram usados na acção ter-

rorista. As 266 pessoas que seguiam a bordo, entre passageiros e tripulação, foram as primeiras vítimas. Outras se sucederam, em ritmo alucinante. As primeiras tentativas de resgate das vítimas das torres do World Trade Center, antes da sua derrocada, saldaram-se por um trágico balanço: 265 bombeiros e 78 agentes das forças de segurança terão ficado sob os escombros. Embora seja extremamente difícil fazer estimativas, admite-se que haja entre quatro a vinte mil vítimas. Cerca de 40 000 pessoas trabalhavam diariamente nas duas torres do World Trade Center, que eram também um dos principais pontos de atracção turística de Nova Iorque.

Em Washington, o número de vítimas no Pentágono — um enorme complexo imobiliário sede do Ministério da Defesa norte-americano — é estimado entre 100 a 800 mortos. O número de feridos nas duas cidades ascende aos milhares, sucedendo-se os apelos das autoridades para a doação de sangue.

Comunicado do Secretariado do Comité Central do PCP

1. O PCP expressa a sua clara condenação dos atentados terroristas hoje ocorridos nos Estados Unidos, com o sacrifício de muitas centenas de vidas de cidadãos inocentes e considera que a espiral de violência em que estes atentados se inserem só agrava a situação mundial.

2. O PCP expressa as suas sentidas condolências aos familiares das vítimas e ao povo americano.

11.09.2001

Comunicado da Comissão Política do PCP sobre a situação internacional

1. Reafirmando a sua frontal condenação dos atentados terroristas de ontem verificados nos Estados Unidos e renovando a expressão do seu respeito pela dor e o luto vividos pelos familiares das vítimas e pelo povo americano, o PCP entende ser seu dever chamar vivamente a atenção para os perigos de agravamento da tensão internacional e da situação no mundo que se perfilam.

2. Com efeito, as declarações do presidente Bush e de outros membros da sua Administração, bem como de outros chefes de governo de países membros da NATO, indicam um claro propósito de, a pretexto da luta contra o terrorismo que, em alguns casos, é comandado por antigos aliados e serventários dos EUA, acentuar e agravar nas relações internacionais

uma política arbitrária, agressiva, hostil aos direitos dos povos e à soberania dos países, violadora da Carta das Nações Unidas e do direito internacional, sustentada no recurso à força, na dominação financeira, numa injusta ordem económica internacional, e orientada para uma nova corrida aos armamentos.

3. À suficiente condenação por razões de princípio do terrorismo (seja ele praticado por grupos ou facções ou por Estados), é legítimo acrescentar a condenação por razões políticas já que este serve precisamente de pretexto à Administração norte-americana para desacreditar e retirar apoio a justas lutas dos povos, para fazer esquecer o rol de crimes e agressões cometidos pelos EUA e seus aliados em acções que afrontam a

própria Carta da ONU (lembrem-se os milhares de civis mortos nos ataques contra o Iraque, a Jugoslávia e o povo palestino) para legitimar o papel dos Estados Unidos como donos e polícias do mundo.

4. Face aos imensos perigos do agravamento da situação mundial no quadro da exploração política, ideológica e militar dos atentados de ontem, o PCP considera indispensável o activo desenvolvimento de uma grande e forte mobilização da opinião pública internacional e de uma responsável intervenção dos Estados e governos no sentido de pôr termo à espiral de violência e de concentrar esforços na solução política de problemas e conflitos que estão contribuindo de forma destacada para a actual tensão internacional.

Reacções em todo o mundo

As reacções aos brutais atentados nos EUA foram de condenação generalizada em todo o mundo.

Em Moscovo, o presidente russo Vladimir Putin manifestou solidariedade às vítimas, afirmando entender perfeitamente a dor dos norte-americanos, pois os russos «sentiram na carne o peso do terror». Putin defendeu ainda a necessidade de a comunidade internacional «cerrar fileiras» na luta contra o terrorismo.

A União Europeia, condenou «com firmeza» os ataques, classificando-os de «acto de barbárie contra civis inocentes».

Numa declaração escrita, o secretário-geral da NATO, George Robertson, afirma que estes «actos de barbárie são intoleráveis para a democracia». A Aliança Atlântica considera ser necessário criar «uma frente comum para combater a praga do terrorismo».

Também a China enviou uma mensagem de condolências a Bush, em que condena «energicamente» os atentados e manifesta «grande preocupação» pela segurança dos cidadãos chineses nos EUA. Cuba condenou igualmente o atentado, e disponibilizou a sua cooperação, na medida das suas modestas possibilidades, com as instituições sanitárias, médicas e humanitárias norte-americanas. Unânime foi ainda a condenação no Médio Oriente e no Golfo Pérsico.

Em Portugal, para além do Governo, da Presidência da República e dos partidos políticos, também a CGTP-IN condenou «firmemente o criminoso atentado terrorista» ocorrido nos EUA, e manifestou a sua solidariedade às famílias das vítimas e ao povo americano.

Em comunicado divulgado terça-feira, a Confederação sindical sublinha que «os sucessivos e cada vez mais graves actos de violência, que se vêm verificando em várias partes do mundo, constituem, sem dúvida, um factor de agravamento das tensões e conflitos que põem crescentemente em causa o futuro da Humanidade».

Segundo a CGTP, «estes tristes e condenáveis acontecimentos» obrigam a «uma reflexão profunda sobre as causas que estão na sua origem, com vista à garantia e defesa da paz, da liberdade e da democracia nas diversas regiões do globo».

